

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (MESTRADO)

WALDIR CARDOSO DA SILVA

**CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA: VIVENDO A
*TESHUVAH***

GOIÂNIA
2015

WALDIR CARDOSO DA SILVA

**CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA: VIVENDO A
*TESHUVAH***

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Dra. Irene Dias de Oliveira.

GOIÂNIA
2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

S586c Silva, Waldir Cardoso da.
Congregação Israelita da Nova Aliança [manuscrito] :
vivendo a Teshuvah / Waldir Cardoso da Silva – Goiânia,
2015.
130 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Ciências da Religião.

“Orientadora: Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira”.

Bibliografia.

1. Bíblia. – A.T. – Pentateuco. 2. Religião. 3. Identidade. I.
Título.

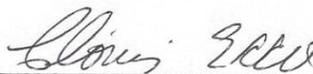
CDU27-242.4(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 14 DE AGOSTO DE 2015 E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dra. Irene Dias de Oliveira / PUC Goiás (Presidente)



2) Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Membro)



3) Dr. Flávio Munhoz Sofiati / UFG (Membro)



4) Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Suplente)

Dedico este trabalho aos meus filhos:

Víctor Ribeiro Cardoso Couto
Pedro Wilson Ribeiro Cardoso Couto

AGRADECIMENTOS

A *HaShem*, Criador dos céus e da terra, pela vida, pela saúde e pela oportunidade.

À minha mãe, Eunice Cardoso da Silva, amor indescritível, insubstituível. Em seu nome agradeço à Família Cardoso, paixão de toda a vida. Quanto maior a tragédia, melhor a galhofa!

Ao meu pai, Pedro Sebastião da Silva (Pedro Couto), que me ama de forma insuperável; que me ensinou o que é certo, através de suas palavras e de seu exemplo, muito antes de saber o significado do vocábulo ética. Em seu nome agradeço à Família Couto, a todos aqueles que, carregando ou não este sobrenome, o representam com honra e dignidade.

À minha esposa Roberta, a companheira nas horas de calma, euforia e desespero. Te amo.

À minha orientadora, Dra. Irene Dias de Oliveira, por sua atenção, dedicação e generosidade. Sempre terei orgulho de ter sido seu orientando.

Ao professor Dr. José Carlos Avelino, por ter me apresentado o curso e ter ministrado as primeiras orientações.

Aos membros da banca de defesa, Dr. Clóvis Ecco e Dr. Flávio Munhoz Sofiati, por aceitarem o convite e pela gentileza da leitura desse trabalho.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, na pessoa do Professor Leonne Borges Evangelista, atual diretor geral do Campus de Uruaçu, por incentivar efetivamente a qualificação acadêmica de seu quadro docente.

Aos professores e professoras do PPGCR, por cada momento de aprendizado, dentro e fora da sala de aula; por nos demonstrarem que mesmo em um ambiente tão competitivo quanto o mundo acadêmico há espaço para a solidariedade.

Ao Giovane, por todo suporte e tratamento.

Aos meus (minhas) colegas de curso, companheiros (as) de jornada.

Conheço o meu lugar
(BELCHIOR)

O que é que pode fazer o homem comum
Neste presente instante senão sangrar?
Tentar inaugurar
A vida comovida
Inteiramente livre e triunfante?
O que é que eu posso fazer
Com a minha juventude
Quando a máxima saúde hoje
É pretender usar a voz?
O que é que eu posso fazer
Um simples cantador das coisas do porão?
Deus fez os cães da rua pra morder vocês
Que sob a luz da lua
Os tratam como gente - é claro! - aos pontapés
Era uma vez um homem e o seu tempo
Botas de sangue nas roupas de lorde
Olho de frente a cara do presente e sei
Que vou ouvir a mesma história porca
Não há motivo para festa: Ora esta!
Eu não sei rir à toa!
Fique você com a mente positiva
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)
Pois sou uma pessoa.
Esta é minha canoa: Eu nela embarco.
Eu sou pessoa!
A palavra "pessoa" hoje não soa bem
Pouco me importa!
Não! Você não me impediu de ser feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!
Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar!

RESUMO

SILVA, Waldir Cardoso da. *Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a Teshuvah*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

Esta pesquisa se propôs a investigar a experiência religiosa que tem sido designada *Teshuvah* (“retorno” às raízes judaicas). Procurou-se compreender, especialmente, como este processo conduziu uma comunidade, que a princípio apresentava perspectiva predominantemente cristã, a migrar-se para uma perspectiva predominantemente judaica. A experiência investigada iniciou-se em Curitiba, no ano de 2004, no seio de uma instituição religiosa com crenças e doutrinas análogas às cristãs, a Igreja de Deus (7º Dia). Por consequência de tal experiência este grupo passou a se aproximar do sistema simbólico judaico e a se identificar cada vez mais com o judaísmo, o que levou à mudança de sua denominação para Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA). A partir dos conceitos de religião, como sistema de símbolos, de Clifford Geertz; e de identidade, como uma construção flexível, inacabada e processual, de Stuart Hall, o presente trabalho buscou entender as implicações da *Teshuvah*, tais como o processo de redefinição da identidade da comunidade que a vivencia e os seus impactos no cotidiano daqueles membros que testemunham ter assumido os amplos compromissos exigidos nesta experiência. Acionando o conceito de legitimação como suporte ideológico para as construções sociais, de Peter Berger, este estudo também visou investigar os mecanismos que têm sido ativados para legitimar a nova identidade, pretensamente judaica, construída pelos membros da CINA a partir da *Teshuvah*. Neste processo em curso os meios tecnológicos são habilmente utilizados por esta expressão religiosa, tanto no empreendimento de assimilação da tradição judaica quanto na divulgação e expansão da *Teshuvah*. Utiliza-se o número cada vez maior de artefatos para levar a mensagem da *Teshuvah* através de sites, rádio, TV, blogs na rede mundial de computadores, que são acessados por internautas de vários lugares do mundo. Além das observações em local de culto, da apreciação de depoimentos de membros, a metodologia deste trabalho consistiu na leitura crítica dos discursos orais e escritos que têm sido divulgados nos espaços midiáticos citados. Estes conteúdos foram fontes essenciais para o estudo, já que registram e contribuem na tarefa de elucidar a experiência da *Teshuvah* e disponibilizam informações importantes relativas à doutrina, à história e à identidade desta expressão religiosa. Constatou-se como consequência do processo de *Teshuvah* que a Congregação Israelita da Nova Aliança distanciou-se das expressões religiosas cristãs, por identificar-se como judeus, empenhar-se em cumprir a *Torah* e buscar viver a tradição judaica. No entanto, por mais próximos que estejam da tradição judaica, os judeus da Nova Aliança não admitem renunciar a crença em Jesus como o messias. É justamente esta crença em Jesus, como salvador do povo judeu, a condição que mais distingue e separa a CINA dos grupos judaicos tradicionais. Assim, o processo de *Teshuvah* termina por situar os judeus da Nova Aliança em uma fronteira cultural entre o judaísmo e o cristianismo, em um lugar da alteridade, e acaba atraindo reações hostis, de ambos os lados da fronteira, à sua religiosidade e ao seu modo de vida.

Palavras-chave: *Teshuvah*, *Torah*, religião, identidade, legitimação.

ABSTRACT

SILVA, Waldir Cardoso da. *Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a Teshuvah*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

This research aimed to investigate the religious experience that has been called Teshuvah ("return" to the Jewish roots). It tried to understand especially how this process led to a community that initially had predominantly Christian perspective to migrate to a predominantly Jewish perspective. Experience investigation began in Curitiba, in 2004, within a religious institution with similar beliefs and doctrines to Christian, the Church of God of 7th Day. Consequently such an experience, this group began to approach the Jewish symbolic system and to identify themselves increasingly with Judaism, which led to the change of its name to Israeli Congregation of the New Covenant (CINA). From the religious concepts like system of symbols, of Clifford Geertz; and identity, as a flexible, unfinished and procedural construction, Stuart Hall, this study sought to understand the implications of Teshuvah, such as the process of community identity redefining the experiences and their impact on the daily lives of those members who witness have assumed the broad commitments required in this experiment. Triggering the concept of legitimacy, as an ideological support for the social constructions, Peter Berger, this study also aimed to investigate the mechanisms that have been activated to legitimize the new identity, Jewish allegedly built by members of the CINA from Teshuvah. In this ongoing process the technological means are cleverly used by this religious expression, both in the assimilation project of the Jewish tradition and in the dissemination and expansion of Teshuvah. We use the increasing number of artifacts to bring the message of Teshuvah through websites, radio, TV, blogs on the world wide web, which are accessed by Internet users from around the world. In addition to the observations of worship, the evaluation of members of testimonials, the methodology of this work was the critical reading of oral speeches and writings that have been disclosed in media spaces mentioned. These contents were essential sources for the study, since register and contribute to the task of elucidating the experience of Teshuvah and provide important information regarding the doctrine, history and identity of religious expression. It was found as a result of Teshuvah process that the Israeli Congregation of the New Covenant distanced himself from the Christian religious expressions, as they identify themselves as Jews strive to fulfill the Torah and seek to live the Jewish tradition. However, no matter how close they are of Jewish tradition, the New Covenant Jews do not admit renounce belief in Jesus as the Messiah. It is this belief in Jesus as savior of the Jewish people, the condition that most distinguishes and separates the CINA traditional Jewish groups. Thus, the process of Teshuvah ends by situating the New Covenant Jews on a cultural frontier between Judaism and Christianity, in a place of otherness, and ends up attracting hostile reactions on both sides of the border, their religion and their lifestyle.

Keywords: Teshuvah, Torah, religion, identity, legitimacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O QUADRO SOCIOCULTURAL NO QUAL SURTIU A <i>TESHUVAH</i>	14
1.1 MODERNIDADE: O INDIVÍDUO E A EXPERIÊNCIA DA LIBERDADE AMPLA	14
1.2 MODERNIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO	17
1.3 A OPÇÃO PELO FUNDAMENTALISMO	21
2 AS ORIGENS DA <i>TESHUVAH</i>: O JUDAÍSMO E A IGREJA DE DEUS (7º DIA)	27
2.1 O JUDAÍSMO	27
2.2 A IGREJA DE DEUS (7º DIA): ASPECTOS HISTÓRICOS, ORGANIZACIONAIS E DOUTRINÁRIOS	33
2.3 A IGREJA DE DEUS (7º DIA) CHEGA AO BRASIL	37
2.4 O INÍCIO DA <i>TESHUVAH</i> E A DENOMINAÇÃO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA	40
3 A <i>TESHUVAH</i>, A REDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE E OS MECANISMOS DE LEGITIMAÇÃO DOS ISRAELITAS DA NOVA ALIANÇA	44
3.1 CARACTERIZANDO A <i>TESHUVAH</i>	44
3.2 A <i>TESHUVAH</i> E A REDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE	50
3.3 ASPECTOS ÉTNICOS E NACIONAIS DA IDENTIDADE CONSTRUÍDA PELOS JUDEUS DA NOVA ALIANÇA	54
3.4 AS FORMAS DE LEGITIMAÇÃO DA IDENTIDADE CONSTRUÍDA PELOS ISRAELITAS DA NOVA ALIANÇA	59
3.4.1 A Dedicção ao Estudo e ao Cumprimento da <i>Torah</i>	61
3.4.2 A Celebração das Festas da Tradição Judaica	62
3.4.3 Reivindicação de uma Linhagem Histórico-Doutrinária	65
4 O COTIDIANO PAUTADO PELA ÉTICA DO SINAI	70
4.1 A <i>TESHUVAH</i> : EFEITOS NO COTIDIANO	70
4.1.1 Na Alimentação	72
4.2 IMPLICAÇÕES NOS RELACIONAMENTOS AFETIVOS	75
4.2.1 Na Sexualidade	76
4.2.2 No Namoro e Noivado	77
4.2.3 Na Cerimônia de Casamento	81
4.3 A CONDIÇÃO FEMININA NA CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA	83
4.3.1 Na Criação dos Filhos	88
4.3.2 No Modo de se Vestir	90

4.4 NA EDUCAÇÃO FORMAL E NA PARTICIPAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	92
4.5 O PROCESSO DE CONVERSÃO E AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS ...	96
CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS	113
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	114
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA	117
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA: VIVENDO A TESHUVAH	119
ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA: VIVENDO A TESHUVAH	121
ANEXO E - ROTEIRO DA ENTREVISTA	123
ANEXO F - FORMULÁRIO	124
ANEXO G - QUESTIONÁRIO	129
ANEXO H - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA .	130

INTRODUÇÃO

Durante a década de 2000, alguns telespectadores mais atentos e interessados na temática da religiosidade eram surpreendidos ao se depararem com um diferente programa religioso na TV. A surpresa se justificava porque este programa destoava-se dos demais, por não ser nem evangélico e nem católico. Além do uso recorrente de termos e expressões em hebraico, os seus apresentadores e participantes apresentavam-se e trajavam-se como judeus. No entanto, suas prédicas não mencionavam apenas a *Torah*, livro sagrado do judaísmo, mencionavam também os escritos da *Brit Chadashah* e referiam-se muitas vezes a um certo Yeshua *HaMashiach*. A surpresa majorava-se quando os telespectadores descobriam que o livro citado era o Novo Testamento em que o personagem, várias vezes mencionado, era Jesus Cristo. Era isto mesmo! Judeus na televisão lendo o Novo Testamento e afirmando crer em Jesus. Tratava-se do Programa Israelita da Nova Aliança, que foi transmitido por cerca de oito anos e captado pelas antenas parabólicas. Com marcas explicitamente exclusivistas, o conteúdo deste programa era divulgado com um tom provocativo e irônico, desafiando os expectadores com pertença em outras denominações religiosas. Por esta forma de divulgação, este grupo fez com que a sua mensagem singular alcançasse várias pessoas no Brasil, conquistando prosélitos, inclusive em países vizinhos.

A pesquisa presente tem como tema a experiência religiosa iniciada no seio de uma comunidade que, a princípio, apresentava uma perspectiva predominantemente cristã, e que a partir de tal processo migra-se para uma perspectiva predominantemente judaica. Esta expressão religiosa, inicialmente conhecida como Igreja de Deus (7º dia) (IDSD),¹ trazia crenças e doutrinas análogas às cristãs, mas a partir de 2004, começou a vivenciar um processo de conversão chamado por seus membros de *Teshuvah*. Tal experiência iniciou-se na sede desta comunidade situada na cidade de Curitiba e levou este segmento religioso a incorporar, em sua tradição, elementos do judaísmo. A *Teshuvah* promoveu uma considerável reestruturação do sistema simbólico desta expressão religiosa,

¹ A grafia "Igreja de Deus (7º dia)" é adotada, neste trabalho, por ser uma das formas utilizadas pela própria instituição. Visando dar fluência ao texto, utilizaremos também a sigla IDSD, igualmente utilizada pela instituição.

inclusive ocasionando a mudança de sua denominação, que hoje se identifica como Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA)².

O processo que os membros da CINA estão chamando de *Teshuvah* não consiste no simples uso de símbolos ou assimilação da fé e práticas religiosas judaicas. Tal movimento envolve também elementos culturais que sugerem transformações no dia-a-dia do prosélito, tornando-o muito peculiar. A relevância em esclarecer esta peculiaridade cultural apresenta-se como a primeira justificativa deste trabalho. Uma segunda justificativa surgiu no campo acadêmico: como se trata de um objeto de pesquisa novo, a experiência da *Teshuvah*, sendo ainda pouco conhecida e estudada, carece de materiais acadêmicos e bibliográficos para colaborar com a comunidade científica interessada em tal temática.

A pesquisa teve por objetivo principal entender a experiência religiosa da *Teshuvah* como construção e legitimação de uma identidade, pretensamente judaica, por parte de uma comunidade pertencente ao contexto da cultura ocidental brasileira. Visou também investigar como a *Teshuvah* distingue a comunidade que a adota dentro do quadro geral do cristianismo e do judaísmo, além de averiguar como as mudanças derivadas do processo de *Teshuvah* afetam o cotidiano dos membros que buscam assumir e praticar seus amplos compromissos.

Na busca de responder tais perguntas e alcançar estes objetivos, partiu-se do pressuposto de que a experiência da *Teshuvah*, vivenciada pelos membros da CINA, é uma busca por uma identificação com o judaísmo que acaba distanciando-os da identidade cristã. Neste processo de *Teshuvah*, os membros desta comunidade procuram legitimar a sua nova identidade buscando se apropriar não apenas do sistema simbólico do judaísmo, mas de toda a sua cultura e tradição.

Para cumprir com o objetivo de investigar a *Teshuvah*, o trabalho teve como procedimento metodológico a análise de material empírico obtido através da observação dos serviços religiosos, que são transmitidos ao vivo pela internet, direto da sede da CINA em Curitiba, ou daqueles que foram assistidos pessoalmente pelo pesquisador na *Beit* (templo) de Goiânia. Foram observados aspectos ritualísticos e identitários desta expressão religiosa. Procedeu-se a análise dos conteúdos divulgados por meio do site www.israelitas.com.br, por materiais impressos ou audiovisuais, incluindo o Programa Israelita da Nova Aliança, transmitido pela TV

² Tais informações foram obtidas através do programa de TV e do site: www.israelitas.com.br. Como não há muitas fontes para o estudo desta expressão religiosa, sites serão constantemente acionados.

aberta. A CINA tem usado com competência os espaços midiáticos, divulgando conteúdos que foram acessados como fontes essenciais para a pesquisa, já que registram e contribuem na tarefa de elucidar a experiência da *Teshuvah*. A metodologia deste trabalho consistiu na leitura crítica dos discursos orais e escritos que têm sido divulgados nos espaços midiáticos citados e que são relevantes para o estudo da doutrina e do histórico desta expressão religiosa.

Igualmente relevantes para esta pesquisa foram os depoimentos de um líder e de dois membros da CINA que defendem e asseveram viver a *Teshuvah*. Esta entrevista foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), parecer nº 1.008.018, conforme documento disponível no anexo A. Todos os participantes que foram selecionados estão na faixa etária entre dezoito e sessenta e cinco anos. Tais entrevistas foram efetivadas no intuito de entender como as mudanças resultantes do processo de *Teshuvah* afetam o cotidiano de quem as vivencia, por exemplo, no casamento; na criação dos filhos; na educação formal e em sua participação no mercado de trabalho. As entrevistas foram realizadas na sede da comunidade, em Goiânia. A comunidade é formada, predominantemente, por trabalhadores assalariados e funcionários públicos. Conta também com alguns profissionais liberais. Os depoimentos foram colhidos nos dias escolhidos pelos próprios adeptos, em ambiente que garantiu a confidencialidade dos mesmos. Antes de iniciar a coleta dos depoimentos, o entrevistador promoveu a leitura do TCLE (disponível nos anexos B, C e D), documento que esclarece os objetivos da pesquisa e contém as informações relativas às responsabilidades do pesquisador, bem como, aos direitos e deveres dos participantes. Ao buscar o sistema simbólico do judaísmo a CINA aproxima-se do caráter específico de compromisso da religiosidade judaica. Este caráter contratual tem como base principal a *Torah*, mas se expressa também nos estatutos que regem a comunidade. Alguns destes estatutos também foram consultados para a elaboração deste trabalho.

Com a finalidade de contextualizar a *Teshuvah*, o primeiro capítulo promoveu uma reflexão sobre o panorama sociocultural moderno marcado pelas intensas transformações que vive a sociedade contemporânea, buscando entender, especialmente, como tais mudanças estão impactando a paisagem religiosa.

No segundo capítulo foram investigadas as origens da *Teshuvah*, vivenciada pelos membros da CINA, em primeiro lugar mencionando algumas características do judaísmo, tradição religiosa para qual a comunidade em questão busca “retornar”.

Em seguida o capítulo tratou, especificamente, desta comunidade, conhecida originalmente como a Igreja de Deus (7º dia). Foram apresentados os seus aspectos históricos, elementos organizacionais e pontos de fé que compõem a sua confissão doutrinária. Ainda sobre a IDSD este capítulo procurou descrever o contexto de sua chegada ao Brasil e, em especial, as circunstâncias em que se deu o desencadeamento do processo de *Teshuvah*.

No terceiro capítulo, a partir do conceito de identidade como uma construção flexível, inacabada, dinâmica e processual, de Stuart Hall, buscou-se entender as consequências da *Teshuvah*: o processo de redefinição da identidade da comunidade que a vivencia e os seus impactos no cotidiano daqueles membros que testemunham ter assumido os amplos compromissos exigidos de quem assume esta experiência. Acionando o conceito de legitimação como suporte ideológico para as construções sociais, de Peter Berger, também se visou investigar os mecanismos que têm sido ativados para legitimar a nova identidade, que se pretende judaica, construída pelos membros da CINA a partir da *Teshuvah*.

No quarto capítulo a partir do conceito de religião como sistema de símbolos, de Clifford Geertz, foram consideradas as implicações da *Teshuvah* na vida dos convertidos, em aspectos como a vestimenta, a alimentação, a sexualidade, a criação dos filhos, além das restrições religiosas que impactam em sua participação na educação formal e no mundo do trabalho.

Esta aproximação entre os sistemas simbólicos judaico e cristão é mais uma das novidades inquietantes do mercado de bens de salvação atual. Elucidar estas mudanças compete ao pesquisador das ciências sociais. A religião e a religiosidade, ao contrário de previsões não muito remotas, são fenômenos que se mostram cada vez mais pujantes nas sociedades contemporâneas e, portanto, bastante instigantes, para os pesquisadores de nosso tempo e lugar.

1 O QUADRO SOCIOCULTURAL NO QUAL SURTIU A *TESHUVAH*

A *Teshuvah*³, experiência religiosa objeto deste estudo, teve início na cidade de Curitiba no ano de 2004. O seu desencadeamento se deu no seio de uma comunidade religiosa pertencente à cultura ocidental brasileira, a Igreja de Deus (7º Dia)⁴ (IDSD). Portanto, trata-se de uma experiência religiosa bastante recente, emersa em meio às mudanças e contradições de nossa época. Com a finalidade de contextualizá-la, o presente capítulo visa refletir sobre o panorama sociocultural marcado pelas intensas transformações que vive a sociedade contemporânea, buscando entender, especialmente, como tais mudanças estão impactando a paisagem religiosa.

1.1 MODERNIDADE: O INDIVÍDUO E A EXPERIÊNCIA DA LIBERDADE AMPLA

Na Idade Moderna os humanistas opuseram à tradição forte, com peso determinante no cotidiano das pessoas, o ideal de liberdade. Este ideal foi ganhando mentes e corações na sociedade ocidental, que passava por um processo conhecido como secularização. Por secularização entende-se:

o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle e influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico. (BERGER, 1985, p. 119).

Neste contexto, foi ocorrendo gradativamente uma destradicionalização e despontando o conceito que seria o “traço mais fundamental da Modernidade, que é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição: a afirmação segundo a qual o homem é legislador de sua própria vida” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 32-33). As instituições seculares e os indivíduos foram conquistando autonomia frente à antiga regulação das instituições religiosas. A quebra do monopólio do poder, com a derrocada dos monarcas absolutistas e a separação da igreja e do estado

³ Por sua centralidade neste trabalho, o termo “*Teshuvah*” será grafado com letra maiúscula.

⁴ A grafia “Igreja de Deus (7º dia)” é adotada, neste trabalho, por ser uma das formas utilizadas pela própria instituição. E visando dar fluência ao texto, utilizaremos também a sigla IDSD, igualmente utilizada por esta expressão religiosa.

promoveram a ascensão de novas forças com poder de decisão. As mudanças políticas e sociais modernas trouxeram consigo a diversidade de opiniões reconhecidas e legitimadas. Este pluralismo foi capaz de reestabelecer a atribuição da responsabilidade ética ao indivíduo que age. Enquanto o peso da tradição na vida das pessoas foi se atenuando, o indivíduo passava a ter que arcar com as consequências de suas escolhas. Na Modernidade o homem faz opções e ao escolher corre riscos, uma vez que é o responsável por seus sucessos e fracassos.

Do início da Modernidade até hoje, os indivíduos vêm conquistando cada vez mais liberdade. Este processo tem se intensificado especialmente desde as últimas décadas do século passado às primeiras décadas do XXI, sendo que hoje já é pertinente falar em liberdade ampla. Mas de que forma os indivíduos têm se relacionado com esta ampla liberdade de escolha que marca a sociedade contemporânea? Na atualidade o ser humano vive o mal-estar provocado por esta vasta liberdade que, surpreendentemente, mostra-se angustiante. Acontece que a experiência de ampla liberdade é contrastada com o receio de fazer escolhas erradas e o pavor de suas consequências.

A sociedade atual é marcada por laços frouxos, por relacionamentos fluídos. Esta liquidez, reflexo da individualização, está presente nas relações sociais que tendem a ser efêmeras. Com efeito, as relações familiares, profissionais e políticas são atadas e rompidas com rapidez e facilidade admiráveis. Hoje, as pessoas trocam de projeto de vida, de emprego, se divorciam, mudam-se de casa, de cidade, de país com muito mais frequência que há algumas décadas. Sobressai, neste cenário sociocultural líquido, o drama que aflige os indivíduos em seus relacionamentos afetivos que, em nossa época, são profundamente marcados pela individualização e ambivalência.

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam, embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p. 6).

O autor destaca as angústias atinentes às questões afetivas como sendo um dos aspectos mais frequentes e perturbadores de uma realidade assustadora.

Realidade essa forjada em tempos de globalização, de consumismo, de intenso desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. Tal avanço tecnológico fomenta transformações na economia que se refletem na cultura, acelerando as mudanças nas relações sociais. Em um mundo competitivo, marcado por laços sociais efêmeros, acirra-se a individualização e alastram-se as incertezas. “Os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas, por isso mesmo, terrivelmente precários, e é tão difícil praticar a solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes morais” (BAUMAN, 2007, p. 30). As pessoas vivem em um ritmo frenético, se distanciam; a solidariedade é solapada e não há a quem recorrer quando tudo dá errado. Medo e solidão afligem os seres humanos.

Vivendo em um mundo acelerado, competitivo, de laços sociais precários e onde a individualização mina a solidariedade, é natural que as pessoas busquem ansiosamente como obter segurança e aconchego. Uma das opções seria ingressar em uma comunidade. Mas a comunidade, inserida em uma sociedade marcada pela Modernidade, já não tem a mesma configuração e nem consegue promover os mesmos benefícios que ofertavam as comunidades tradicionais. Como quase tudo na Modernidade, o alívio dado pela convivência comunitária tende a ser momentâneo. Com o tempo as pessoas percebem que as comunidades atuais não são bem aquilo que esperavam. Há um nítido conflito entre a aspiração de se encontrar segurança ingressando em uma comunidade e a busca pela liberdade. O ser humano é *medo e desejo*⁵; deseja ser livre, mas também deseja estar seguro, estar a salvo do medo. Simultaneamente, anseia-se por encontrar segurança em uma comunidade e resiste-se às normas e autoridades que regem o convívio comunitário em nome da liberdade individual. O fato é que ao buscar segurança, em uma comunidade, os indivíduos têm que abrir mão de sua liberdade ou de parte dela, ao se submeterem às suas normas e lideranças. Este dilema liberdade/segurança tem sido um dos componentes mais expressivos para aqueles que se dedicam ao estudo das dinâmicas sociais modernas (LEMOS, 2012, p. 69-70).

Na contemporaneidade, certas comunidades se apresentam como a solução para as angústias dos indivíduos; em troca requerem apoio e contribuição de seus

⁵ Menção a letra da Canção “Certas Coisas” do compositor Lulu Santos, disponível em: <http://letras.mus.br/lulu-santos/35063/>.

membros, mas nem sempre conseguem ofertar o que prometem aos seus seguidores, causando mais incertezas e frustrações.

A “comunidade realmente existente” será diferente da de seus sonhos - mas semelhante a seu contrário: aumentará os seus temores e insegurança em vez de diluí-los ou deixá-los de lado. Exigirá vigilância vinte e quatro horas por dia e afiação diária das espadas, para a luta, dia sim, dia não, para manter os estranhos fora dos muros e para caçar os vira-casacas em seu próprio meio. (BAUMAN, 2003, p. 22).

Logo, ao optar por estabelecer um laço comunitário o indivíduo pode se frustrar e não conseguir erradicar a tensão do seu cotidiano, além de ter que enfrentar os conflitos próprios da comunidade na qual ingressou. Uma luta contra os inimigos, internos e externos à comunidade, pode tornar a própria convivência comunitária tensa. Assim, quem estava procurando paz e segurança se sente desapontado e desamparado, voltando mais uma vez a uma busca que parece não ter fim.

Mas de que maneira o campo religioso tem sido tocado por estas mudanças que marcam a Modernidade?

1.2 MODERNIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO

Como não poderia deixar de ser, as transformações no quadro sociocultural da Modernidade, que têm promovido intensas e relevantes mudanças na sociedade ocidental, afetam também as religiões e as religiosidades. O impacto tem sido tão significativo que, a princípio, chegaram a vaticinar que com o progresso determinado pela Modernidade, a religião deixaria de existir, desapareceria. Mas com o tempo ficou claro que a religião persistiria como fenômeno social e como objeto de estudo das ciências humanas. O fenômeno religioso não estava desaparecendo, mas se reconfigurando, fato que hoje instiga os pesquisadores da área.

As novas configurações das formas modernas de religiosidades demandam dos pesquisadores densas reflexões e novos instrumentais adequados para entendê-las, para dar conta, entre outras coisas, de sua tendência à subjetividade e do seu caráter móvel. É, sobretudo, este movimento que precisa ser identificado e compreendido. A questão está em encontrar um instrumental maleável o bastante

para delimitar as etapas de um processo que não pode ser enquadrado dentro de uma definição rígida (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 80).

As manifestações modernas do fenômeno religioso têm, entre as suas singularidades, as formas de pertencimentos flexíveis e as colagens de crenças emprestadas de outras tradições. Os religiosos modernos se sentem no direito de bricolar e de escolher sua crença. O fato é que houve um intenso processo de individualização que alcançou todos os setores da sociedade. No campo religioso, a individualização tem como decorrência uma nova visão de religiosidade: a fé marcada pela subjetividade que é um elemento essencial no quadro histórico e cultural no qual foi despontando a figura moderna do indivíduo, sujeito autônomo que governa sua própria vida. Esta tendência de autonomia dos crentes modernos enfraquece as instituições e contribui para o pluralismo religioso que marca nossa época.

Percebe-se, então, na singularidade das construções de crenças individuais, em seu caráter maleável, fluido e disperso e, ao mesmo tempo, na lógica dos empréstimos e reutilizações de que as grandes tradições religiosas históricas são objetos. Através da temática da “bricolagem”, da “braconagem” e de outras “colagens”, avança-se progressivamente rumo a uma descrição extensiva da paisagem moderna das crenças. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 22).

É pertinente frisar que algumas colagens demandam mais recursos e habilidades em sua elaboração, já que emprestam elementos de tradições históricas, dependem, de certo modo, da posição sociocultural do indivíduo, do seu acesso a material teológico das diversas tradições, do domínio de idiomas antigos e de seu preparo intelectual para construir e legitimar os arranjos de crenças. Tais elementos facilitam a construção das bricolagens, já que viabilizam a adequação das crenças do indivíduo a seu modo de vida.

Além dos laços de pertença precários e das bricolagens, no moderno panorama da religião, as instituições perdem muito de sua capacidade de regulação da vida dos indivíduos e de transmissão de seus valores éticos e crenças às novas gerações. Na Modernidade todas as instituições têm se ressentido da dificuldade de transmitir os seus valores às novas gerações. Para as instituições religiosas esta questão se torna ainda mais grave, já que a transmissão envolve a sua própria essência, a sua cosmovisão. Assim, do sucesso da transmissão de crenças e valores pode depender a continuidade das instituições de caráter religioso. Elas

precisam acionar constantemente a memória de um passado fundador e atualizar todo o seu código de sentidos.

Hervieu-Léger (2008, p. 30), ao tratar dos desafios dos pesquisadores do fenômeno religioso moderno, destaca a tarefa de refletir sobre como compreender, ao mesmo tempo, o processo histórico da secularização das sociedades modernas e o desdobramento de uma religiosidade individual, móvel e moldável que dá lugar a formas inéditas de sociabilidade religiosa. A autora (2008, p. 22) alerta para as novas conformações das crenças, tão distintas do tradicional, que têm suscitado entre os especialistas uma reflexão sobre a própria definição do termo religião, dando margem à seguinte interrogação: é possível reconhecer a pluralidade e a singularidade dos arranjos do crer na Modernidade sem abrir mão, todavia, de tornar inteligível o fato religioso como tal? Esta é uma questão relevante que fica em aberto. Ainda segundo a pesquisadora (2008, p. 27), os cientistas da religião têm se esforçado para analisar algumas das modalidades de ativação, da reativação, da invenção ou da reinvenção de um imaginário religioso de continuidade, em nossas sociedades chamadas pós-modernas.

Onde e como ocorrem as diversas formas de devoções atuais? Já não é possível enquadrar as novas e diversas formas de devoção em um ambiente restrito da sociedade. Os pesquisadores das ciências da religião já detectam novas formas de religiosidades até em espaços seculares, mas que, surpreendentemente, apresentam contornos de crenças com características religiosas, como, por exemplo, religiões políticas, religiões da ciência e da técnica, religião da produção, etc. Podem-se mencionar também atitudes e crenças análogas às religiosas em espaços profanos ligados ao consumo, ao hedonismo e ao culto ao corpo.

O 'centro termolúdico' que abriga, na verdade, a 'catedral de aço e de cristal', com suas piscinas quentes e frias, seus banhos egípcios, suas banheiras borbulhantes, suas saunas e suas salas de musculação, é, com certeza, em certo sentido, um lugar de culto: o culto do corpo, da forma física, da juventude permanentemente preservada, da saúde e da satisfação pessoal. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 16-17).

Com a Modernidade a religião não desapareceu, ela se transformou e se colocou em movimento. Manifesta-se, inclusive, em espaços tipicamente profanos. As pesquisas recentes do fenômeno religioso constataam que, além de não ser possível restringir a religiosidade a um espaço estritamente religioso, a conversão,

entre quadros do meio artístico e intelectual, coloca em xeque a tendência de considerar a religião como produto do obscurantismo e da falta de esclarecimento.

Novas formas de crer são inventariadas pelos pesquisadores, como aquela desvinculada da pertença, na qual o crente assume a sua fé, mas não se liga a nenhuma instituição para exercê-la. As pesquisas também constataam o fenômeno, cada vez mais frequente, do crente que não é praticante (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 81).

Outra manifestação moderna de religiosidade é a forma de crença dos peregrinos. Cresce o número de encontros religiosos que reúnem milhares de jovens. O desafio dos organizadores destes grandes eventos, que reúnem peregrinos de todos os continentes é, entre outras coisas, trabalhar com a emoção de um grupo culturalmente diversificado e numeroso, a começar pela diversidade linguística, e aprofundar, em meio a toda esta heterogeneidade, uma tradição religiosa comum. Tais encontros começam muito antes das aglomerações e das atividades oficiais. Além do árduo e complexo trabalho que cabe aos organizadores, o próprio caminho de peregrinação compõe a parte devocional destes eventos. Multidões de peregrinos percorrem grandes distâncias e este itinerário em direção ao local de realização do encontro constitui uma forma diferente de espacialização do religioso.

Segundo os pesquisadores que têm observado estes grandes encontros da juventude, a religiosidade dos peregrinos “se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertencas comunitárias às quais pode dar lugar” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89-90).

Também compõe a paisagem da religiosidade moderna o fenômeno da conversão, que abrange a condição de quem não tinha religião e adere a uma fé, ou a do indivíduo que muda de religião. Mas a conversão em tempos de individualismo e desencantamento não é idêntica àquela que ocorria nas sociedades tradicionais.

No universo secularizado das sociedades modernas, a projeção desta alternativa religiosa na realidade do mundo perdeu o essencial de sua plausibilidade. Desde então, é o próprio fato da conversão que recobre, de um modo individualizado e subjetivo, a utopia trazida pela mensagem religiosa. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 128).

Neste cenário o crescimento do número de conversões está associado, entre outras causas, à fragilidade dos laços de pertença religiosa. Esta debilidade se deve

ao panorama cultural da sociedade moderna marcado por identidades múltiplas e pela resistência a um controle externo e institucional da vivência pessoal e social. Com efeito, o fenômeno das conversões é a expressão de um atributo básico da religiosidade moderna, aquele que considera legítima apenas uma identidade religiosa que seja resultante de uma escolha livre e individual. É pertinente ressaltar que a tendência autônoma do indivíduo contribui para a desinstitucionalização e decompõe intensamente a paisagem religiosa. Além disso, a troca de pertença, que agora ocorre com muita frequência, também está ligada à crise que as instituições enfrentam para promover a socialização religiosa.

1.3 A OPÇÃO PELO FUNDAMENTALISMO

Outro fenômeno moderno do campo religioso bastante inquietante é a opção pelo fundamentalismo. O fundamentalismo religioso consiste na adoção de um conjunto rígido de crenças e práticas que passam a pautar toda a existência do indivíduo e do grupo. Exige a adesão às normas que regulam todos os aspectos da vida cotidiana, desde os detalhes mais comuns e corriqueiros às decisões mais importantes da vida dos fiéis. É comum estar entre o ideário fundamentalista a exigência da submissão irrestrita à autoridade divina, o reconhecimento e aceitação de suas verdades reveladas e a obediência rigorosa aos seus mandamentos absolutos e perpétuos. Tais mandamentos aparecem, geralmente, sistematizados em livros sacralizados como na *Torah*, para os judeus; na Bíblia, para os cristãos e no *Corão*, para os muçulmanos. Assim, o fundamentalismo tem no campo das grandes tradições religiosas monoteístas um terreno fértil. Este fenômeno manifestase de diversas formas e nos mais variados segmentos das principais religiões que professam a crença em um Deus único. Há versões de fundamentalismos nas tradições judaica, islâmica, cristã (nos campos católico e protestante).

O fenômeno do fundamentalismo pode ser identificado fora do seu nascedouro, o campo religioso. Contudo, Pierucci tinha razão ao afirmar que o fenômeno do fundamentalismo só pode existir se houver primeiro um livro, um texto para servir de fundamento, e segundo, que ele só é possível, no caso do campo religioso, em uma religião monoteísta. Ou seja, no cristianismo, islamismo e judaísmo. Isto por que as disposições mecânicas que movem o monoteísmo em si não aceitam outra forma de tradição, dogmas religiosos que não sejam as suas. Coisa que é perfeitamente possível no politeísmo. (FLORES FILHO, 2013, p. 206).

De tal modo, a sacralização de textos nas religiões fundamentalistas se acentua a partir de uma fórmula radical aplicada em sua interpretação. Os textos sacralizados são considerados como verdade absoluta e a interpretação do grupo como a única correta e aceitável. As expressões religiosas de matizes fundamentalistas, de forma geral, são dependentes de uma visão transcendental da verdade, valorizada de forma extrema. A verdade para um fundamentalista é absoluta por estar fundamentada em um dado objetivo e evidente, como na revelação divina, no texto sagrado ou na natureza criada por Deus. “A afirmação de que é absoluta e evidente implica na ideia de uma posse da verdade: não é possível que existam outras verdades” (BALEEIRO, 2013, p. 29-30).

A radicalidade presente nas expressões religiosas fundamentalistas leva as pessoas a pensar de maneira, predominantemente, dicotômica na qual se estabelecem oposições intransigentes, como do branco ao preto, opondo assim, as coisas que são falsas às verdadeiras, as boas às más. Quase não existem meios termos e quase nenhuma incerteza. Por consequência, tal radicalidade acaba inibindo o diálogo com outras religiões (GEERING, 2009, p. 35).

Mas como elucidar a opção pelo fundamentalismo no mundo moderno? Quando se olha para o mundo religioso moderno é comum ver “convertidos absortos, seus solitários em êxtase e suas almas adoecidas, uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano; aliás, praticamente não vemos linha divisória nenhuma” (GEERTZ, 2001, p. 153).

Subjetivamente o fundamentalismo religioso é resultado da angústia provocada pela ampla liberdade. Kepel (1995) esclarece que o fundamentalismo na atualidade não deixa de ser uma forma de reação ao fenômeno da secularização e seus reflexos no campo religioso e na vida cotidiana. Na mesma linha, Bauman conclui que o fundamentalismo está associado à busca por segurança diante da fragilidade do homem em excesso de liberdade que marca nossa época:

O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias das escolhas. Aí a pessoa encontra, finalmente, a autoridade indubitavelmente suprema, uma autoridade para acabar com todas as outras autoridades. A pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr risco. (BAUMAN, 1998, p. 228).

Esta atitude defensiva diante da insegurança que distingue a vida moderna está implicitamente presente na experiência vivenciada pelos seguidores praticantes da Congregação Israelita da Nova Aliança. É neste cenário sociocultural que as pessoas aproximam-se da CINA, ingressam na comunidade e aderem ao processo de *Teshuvah*. Buscando, não somente a salvação no mundo vindouro (no *olam haba*), mas segurança no tempo presente, o indivíduo, que de fato assume os compromissos estabelecidos por este movimento, é instruído a reorganizar toda a sua existência, através de mandamentos que devem passar a conduzir os mais amplos aspectos de seu cotidiano. Neste processo de conversão restringe-se o espaço para a liberdade de escolha, elemento central da Modernidade extremamente acentuado nos últimos anos. No estilo de vida adotado pelo convertido a liberdade individual perde a sua funcionalidade, já que não há mais espaço para dúvidas, para perguntas sem respostas e nem para o receio das consequências provocadas por decisões equivocadas. Todas as respostas e decisões a serem tomadas devem ser fundamentadas no livro sagrado (*Torah*) e cabe aos líderes (*roshim*) a última palavra em sua interpretação. O ingressante, ansiando por segurança em meio às incertezas da Modernidade, quando opta por viver de fato esta religiosidade de compromissos, deve dar um novo norte para a sua vida cotidiana e espiritual, refugiando-se no seio de uma comunidade que se apresenta como parte do povo de Israel. Esta emancipação da agonia da escolha tem um preço. Optar por este novo estilo de vida, no qual se abre mão da liberdade de escolher, é uma decisão arrojada que exige esforço, resignação e sacrifícios. No dia-a-dia da comunidade os questionamentos considerados plausíveis serão, exclusivamente, aqueles voltados para o conhecimento e observância dos preceitos da *Torah*.

As implicações decorrentes da adoção do processo de *Teshuvah* no cotidiano dos membros praticantes representam um dos aspectos que aproximam a CINA do conceito de fundamentalismo religioso. Mas além do fundamentalismo, estão presentes no processo de *Teshuvah* outras características da religiosidade moderna. No campo religioso atual, diversos elementos transformadores coexistem com variadas formas de reação às mudanças que irrompem na Modernidade. Elementos de mudança e resistência se repelem, se atraem e se combinam. Com efeito, a religiosidade moderna se expressa de diversas maneiras. Tal pluralidade pode manifestar-se em tendências díspares, aparentemente incongruentes, no campo

religioso de uma região e até combinar-se em uma mesma expressão religiosa. Assim, uma tendência ao sincretismo pode coexistir com o isolamento em grupos religiosos segregados. Nestas condições complexas, estabelecer generalizações torna-se temerário, por exemplo, buscar definir as novas expressões religiosas como libertárias e híbridas. Estas são características que, se estão presentes na maioria dos movimentos religiosos modernos, não abarcam a totalidade do mercado dos bens de salvação atual.

A comunidade dos judeus da Nova Aliança, como filha do seu tempo, está enredada em seus conflitos e contradições, portanto, seria inevitavelmente alcançada pelas intensas transformações que vive a sociedade contemporânea e por suas consequências para o campo religioso. Por sua vez, a experiência da *Teshuvah*, vivenciada pelos membros desta expressão religiosa, compõe-se de elementos paradoxais que são próprios da Modernidade. A sua proposta de retorno à fé da Igreja do primeiro século é paradoxalmente moderna e tradicional. No mundo da globalização este encontro entre o moderno e o tradicional não é incomum. Os meios tecnológicos utilizados para a transmissão da mensagem da *Teshuvah* têm alcançado resultados celebrados pela liderança da Congregação Israelita da Nova Aliança. Esta afirma que pretende fazer mais investimentos. Os líderes desta expressão religiosa não veem na ciência e na tecnologia um mal, como fazem muitos religiosos modernos.

Os *roshim* (líderes) da CINA alertam quanto ao mau uso das tecnologias, que pode trazer graves consequências. Exortam aqueles que estão usando a rede para ter acesso à pornografia. Mas as suas críticas se concentram nos problemas que estão levando a isto, como a falta de diálogo e entendimento entre o casal, e não chegam a culpar a tecnologia, como estão fazendo muitos líderes religiosos. A CINA tem usado com competência os espaços midiáticos e não é perceptível um confronto ou conflito entre sua mensagem tradicional e as tecnociências.

Como uma experiência religiosa recente a *Teshuvah* encerra o caráter duplo presente na religiosidade moderna. Ao mesmo tempo em que esta comunidade busca o re-encantamento do mundo, manifesta elementos de racionalização ao aderir à tradição judaica e ao seu caráter contratual. Seus membros acreditam ter encontrado uma verdade perdida no passado da humanidade e com a *Teshuvah* anseiam viver conforme a vontade divina que julgam revelada em um livro sagrado. Os judeus da Nova Aliança respiram o clima de fluidez dos laços de pertença e de

tendência à negação das instituições históricas, típico de sua época, por isto estão mais receptivos a fenômenos como a conversão, a mobilidade e a bricolagem. Rejeitam o cristianismo como instituição histórica, ao passo que, promovem uma assimilação do sistema simbólico do judaísmo. Acionam para isto os recursos tecnológicos, que revolucionaram os meios de transporte e comunicação durante as últimas décadas. Ao mesmo tempo em que empreendem esforços para viabilizar o processo de bricolagem da tradição judaica e expandir a mensagem da *Teshuvah*, afirmam não buscar o reconhecimento dos grupos judaicos tradicionais. Mesmo praticando a religiosidade judaica, trata-se de uma crença desvinculada da pertença, já que não buscam laços de pertencimento com a instituição histórica do judaísmo tradicional. Além do pertencimento à própria expressão religiosa, a pertença que se procura construir e legitimar é com o povo de Israel.

O caráter móvel da religiosidade dos judeus da Nova Aliança se expressa nos deslocamentos dos atores e dos ideais precursores de sua comunidade e da experiência *Teshuvah*. No processo de formação e consolidação desta comunidade no Brasil, constantes viagens foram promovidas à América do Norte e a Israel em busca de conhecimento e inspiração. Atualmente, com o processo de *Teshuvah* em curso, visitar Jerusalém é uma *mitzvah* (mandamento) e a mobilidade agora abrange o imprescindível retorno aos EUA, México e Canadá para levar esta experiência às comunidades que deram origem e colaboraram com a congregação no Brasil. Vale mencionar ainda as frequentes viagens missionárias que hoje são feitas a outras regiões do mundo como Europa, África e Caribe onde fazem prosélitos, ordenam líderes e fundam novas congregações.

No estudo da sociedade atual predominam as categorias de mobilidade, de multiplicidade, da flexibilidade e de porosidade das fronteiras e identidades étnicas. A sociedade contemporânea é culturalmente diversificada, formada por vários grupos sociais, étnicos e culturais. “Encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferenças e identidades, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 2003, p. 19).

Como fruto do seu tempo e lugar, a experiência da *Teshuvah* apresenta algumas características da religiosidade que nasce e se difunde nesta sociedade multicultural. Para a sua compreensão, faz-se necessário recorrer a conceitos que hoje são acionados no estudo das religiões atuais como o fundamentalismo,

conversão, fluidez, bricolagem e mobilidade. Tais conceitos, que foram inicialmente discutidos neste capítulo, serão retomados na sequência deste trabalho.

2 AS ORIGENS DA *TESHUVAH*: O JUDAÍSMO E A IGREJA DE DEUS (7º DIA)

O objetivo deste capítulo é abordar as origens da *Teshuvah*, vivenciada pelos membros da Congregação Israelita da Nova Aliança, em primeiro lugar mencionando algumas das principais características do judaísmo, tradição religiosa para qual a comunidade em questão busca “retornar”. Em seguida o capítulo tratará, especificamente, desta comunidade, conhecida originalmente como a Igreja de Deus (7º dia) (IDSD). Serão apresentados os seus aspectos históricos, elementos organizacionais e pontos de fé que compõem a sua confissão doutrinária. Ainda sobre a IDSD este capítulo descreverá o contexto de sua chegada ao Brasil e, em especial, as circunstâncias em que se deu o desencadeamento do processo de *Teshuvah*.

2.1 O JUDAÍSMO

Na tradição judaica não basta crer que Deus criou o mundo, é preciso crer também que ele o fez sozinho. Se o judaísmo fosse uma ponte pênsil, o eixo de sustentação desta ponte seria o monoteísmo. A concepção de Deus dos israelitas traz esta marca fundamental que tem implicações no caráter ético e universalista do judaísmo. Na Antiguidade, tal característica levou a conflitos com os povos vizinhos de religiosidades mágicas ou politeístas. O monoteísmo da religião judaica apresenta diferenças inclusive em relação a outras religiões monoteístas.

Rigorosamente “monoteísta” são, no fundo, apenas o judaísmo e o islamismo. A concepção do ser ou dos seres divinos, tanto no hinduísmo como do cristianismo, representa um disfarce teológico do fato de que um interesse religioso importante e peculiar – o da salvação pela encarnação de um deus – se opunha ao monoteísmo estrito. (WEBER, 1999, p. 289).

No que concerne ao cristianismo, Weber se refere à crença na Trindade, que ao atribuir a Jesus e ao Espírito Santo predicados divinos, diverge essencialmente da estrita unicidade que caracteriza a fé monoteísta de judeus e muçulmanos.

O compromisso dos judeus praticantes com a crença no monoteísmo é proclamado diariamente através de uma das suas principais orações, o *Shemah*: “*Shemah Yisrael, A-do-nai E-lo-hê-nu, A-do-nai Echad*” (Ouve, Israel, *A-do-nai* é nosso D’us, *A-do-nai* é Um). Esta oração deve ser recitada, solenemente, duas

vezes ao dia (BLECH, 2004, p. 7). Ao declarar, de manhã e à noite, que “D’us é um”, o judeu proclama a sua fidelidade à crença de seus pais, à fé de seu povo. Ao professar quem é seu o Deus, o judeu reafirma a sua identidade. A mensagem que vem sendo transmitida de geração a geração é: Deus é o Deus de Israel e Israel é o seu povo.

Além de monoteísta, o judaísmo é uma religião que sacraliza textos. Nestas literaturas sagradas, que devem ser consideradas inspiradas, o judaísmo procura fundamentar toda a sua religiosidade e tradição (WEBER, 1999, p. 377). Na Palestina antiga, os sacerdotes detinham a função de interpretação dos diversos textos sagrados do povo hebreu. A *Torah* é um dos textos centrais da tradição judaica, sendo mais conhecido no Ocidente como *Pentateuco*, por compor também o conjunto dos cinco primeiros livros da *Bíblia* cristã (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). A *Torah* é, para o povo Judeu, as escrituras nas quais o Criador revela-se aos homens. Cumprir os seus mandamentos sempre foi o dever primordial dos praticantes do judaísmo. Em seguida aparecem os escritos dos profetas (*Neviim*) que têm a função de clamar pela *Teshuvah*, isto é, pela volta à observância da *Torah*, abandonada pelo povo de Israel, devido às diásporas ou por força de diversos fatores. *Neviim* é formado pelos livros de Josué, Juízes, Samuel, Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Os Doze (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, *Mihá* [Miquéias], *Nahum*, *Habacuc*, *Tsefaniá* [Sofonias], *Hagai* [Ageu], Zacarias e Malaquias). E, por fim, apresentam-se os demais escritos (*Ketuvim*) contendo livros de sabedoria, históricos e poéticos (Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, *Ezrah* (Esdras), Neemias e Crônicas). Todo este conjunto é chamado de *Sagradas Escrituras (Tanach)* ou *Bíblia Hebraica* que corresponde ao *Antigo Testamento* da *Bíblia* cristã.

Os textos sagrados da tradição judaica eram acessados inicialmente de forma dogmática, através de uma hermenêutica compromissada com a fé desta tradição. Mas a história dos hebreus foi marcada por várias diásporas, o que levou a um processo de descentralização e fragmentação políticas. Esta característica sociopolítica teve impacto na cultura, em especial, na religiosidade. Dispersos e fragmentados politicamente os judeus não estruturaram o seu sistema simbólico a partir de dogmas. Em decorrência, desenvolveram uma hermenêutica mais lúdica, aberta ao debate, e reflexiva, dando origem a uma segunda *Torah*, composta pela explicação oral. Os sábios judeus também criaram o *Talmud*, mais um dos textos

que compõem o vasto conjunto de escritos do judaísmo, que teria sido elaborado neste processo constante de debates e reflexões sobre a *Torah*, os profetas, os demais escritos e de toda a tradição israelita.

O judaísmo, desde a Antiguidade, já era identificado como uma religião de atributos ritualistas e éticos, que exigia o cumprimento de mandamentos escritos e sistematizados em uma lei ampla, de maneira que, para conhecê-la e praticá-la, eram imprescindíveis um treino intelectual e ensinamentos austeros, de preferência, desde a mais tenra infância. Em decorrência desse caráter letrado da lei judaica, os judeus religiosos identificavam os não-instruídos nos estudos da *Torah*, os *amahaaretz*, com os ateus. Este treino rigoroso do intelecto refletia-se na vida cotidiana e distinguia os judeus entre os povos do mundo antigo (WEBER, 1999, p. 359). Esta importância atribuída aos textos sagrados na religiosidade judaica reverbera na educação dos filhos, no cuidado com a alfabetização e com estudo da língua hebraica. O hebraico é o idioma original dos textos sagrados do judaísmo, sendo usado em sua liturgia, mesmo pelos judeus que vivem na *galut* (diáspora).

Na tradição religiosa judaica a relação entre a divindade e a nação israelita sempre teve caráter ético e contratual. Considerando tais propriedades, Weber analisa a concepção de Deus dos israelitas e a sua relação com tal divindade.

Um deus deste tipo era Jeová. O fato de ele ser o deus de uma confederação - segundo a tradição, originalmente o deus da aliança dos judeus e midianitas -, teve a consequência importantíssima de que sua relação com o povo israelita, que o aceitara, sob juramento, junto com a confederação política e a ordem sacro-jurídica das relações sociais, foi considerada um *berith*, ou seja, uma relação contratual, imposta por Jeová e aceita por submissão, que trazia consigo determinados deveres rituais, sacro-jurídicos e ético-sociais para os contratantes humanos, mas também compromissos claramente definidos do contratante divino, cuja inviolabilidade este se sentia no direito de exigir nas formas indicadas, posto tratar-se de um deus com tal plenitude de poderes. O caráter específico de compromisso da religiosidade israelita que, apesar de todas as demais analogias, em nenhuma outra religião se repete com tanta intensidade, teve aqui sua primeira raiz. (WEBER, 1999, p. 287).

Na mesma perspectiva, Hervieu-Léger (2008, p. 36) esclarece que “o povo, conforme é ou não fiel à Aliança, tem em suas mãos a decisão de seu futuro. Toda a história do povo de Israel [...] é a história das lutas e tribulações que acompanhavam a fidelidade ou a rejeição a Deus”.

O processo de racionalização moderno vem de longa data, tem raízes na racionalização inerente à história do judaísmo. O caráter contratual, no qual os

indivíduos podem escolher entre obedecer ou não os preceitos do pacto, apresenta o princípio da autonomia da história humana. Na tradição judaica, as concepções de Deus, de salvação, de preceitos religiosos sempre se mantiveram muito próximas às demandas da vida cotidiana. Tal proximidade deixava brechas para ideais e atitudes autônomas.

O judaísmo nasceu em um ambiente cultural politeísta, com muitas divindades já especializadas. A constituição do monoteísmo foi, simultaneamente, uma forma de resistência ao processo de racionalização e um estágio deste mesmo processo. Esta elaboração representou a incorporação de todas as entidades disponíveis nas culturas circunvizinhas. Para poder se apresentar de acordo com o monoteísmo ela incorpora todas elas em uma única entidade. Mas a forma de interação com esta única divindade é racionalizada em uma relação tipicamente contratual. Neste processo foi necessário construir os mandamentos para reger os diferentes aspectos da vida cotidiana. Tais preceitos éticos são facetas da própria divindade, reflexos do seu caráter e valores, por isto precisam ser observados com austeridade. Deste modo, o judaísmo se estabeleceu como uma religião essencialmente ética ao elaborar e passar a ser regida por um código moral. Houve uma ressignificação do próprio monoteísmo para dar conta da diversidade que abarca a vida cotidiana em uma sociedade que vive um processo de racionalização progressivo e constante. A racionalização da religião judaica materializa-se na relação contratual entre o Deus único e o seu povo “eleito”. Direitos e deveres são estabelecidos para ambas as partes pactuantes. Bênçãos e maldições são determinadas àqueles que obedecerem ou quebrantarem o pacto. Na *Torah*, no livro de Deuteronômio, capítulo 28, do 1º ao 14º versículos, encontram-se bênçãos aos que honrarem o acordo e, a partir do 15º versículo, as maldições aos transgressores. Uma vida longa e próspera, fim último almejado pela humanidade, poderia ser alcançada através da obediência aos mandamentos. Tanto as bênçãos como as maldições anunciadas eram profundamente impactantes no cotidiano dos contratantes humanos.

A divindade inerentemente ética dos judeus exige do seu povo santidade: “Pois eu sou o Senhor vosso Deus; santificar-vos-eis, portanto, para serdes santos,

pois eu sou Santo [...]” (LEVÍTICO 11, 44)⁶. Os atributos morais exigidos eram expressos nos mandamentos dados no Sinai. Os ensinamentos da *Torah* constituíam o código de ética que regia as relações sociais, políticas e econômicas do povo de Israel. Não surpreende o fato de que, os preceitos, bênçãos e maldições relativas ao pacto entre Deus e o seu povo sejam perfeitamente ajustados a uma nação de economia agropastoril.

No judaísmo da Antiguidade foram os profetas que, a partir dos seus interesses em uma prática religiosa ética e racional, contribuíram para preservar as características essenciais desta religiosidade. “Os profetas estavam lá, durante todo o percurso, para lembrar ao povo tentado à fidelidade as implicações de sua escolha, mas suas injunções põem precisamente em evidência a capacidade que o povo tem de conduzir, de maneira autônoma, sua própria história” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 36). Todavia, mesmo quando optavam por quebrar o pacto, distanciando-se da Aliança, os judeus não deixavam de crer em Israel como o “povo eleito de Deus”. Ainda que titubeantes quanto à fidelidade ao acordo, os judeus conseguiram preservar alguns elementos basilares da identidade judaica e transmiti-los às gerações seguintes: além da concepção de povo escolhido, a de terra santa e, especialmente, a crença em um monoteísmo estrito.

Associado a esta relação contratual, entre os judeus e o seu Deus, surge o problema da teodiceia, que é uma questão que tem sido apresentada a todos os crentes que cultuam uma divindade ética. A *teodiceia* traz à baila a dificuldade de se conciliar a justiça e a onipotência divinas às mazelas humanas e naturais. Este problema surge da inquietação daqueles que começam a ver uma profunda incoerência entre um Deus criador incontestavelmente bom, e a imperfeição do mundo que ele criou e governa, mas no qual o mal atua. De que forma o judaísmo procura responder a esta questão?

Segundo a mensagem anunciada pelos profetas dos hebreus, a divindade única, universalista, eticamente perfeita e onipotente da nação israelita permitia que catástrofes viessem sobre o seu povo como consequência da quebra do contrato assumido no Sinai. Mesmo antes disso a humanidade, representada por Adão, já teria quebrado a aliança com o criador do céu e da terra e por isto a morte, as

⁶ As citações bíblicas presentes neste trabalho são da Tradução Ecumênica. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas; Loyola, 2002. Bíblia utilizada, indicada e comercializada pela comunidade que é o foco desta pesquisa.

doenças e toda sorte e de males atingiram a raça humana e o restante da natureza. Desta forma é que a religião judaica trata o problema da *teodiceia*, colocando a responsabilidade no indivíduo e no povo, nas gerações anteriores e contemporâneas, das tragédias que o indivíduo e a nação sofriam. A maneira de se livrar dos castigos era fazer a *Teshuvah*, ou seja, se arrepender e voltar a viver conforme a vontade de Deus.

Mas a solução do problema da teodiceia exige algo mais. Algumas expressões religiosas recorrem a promessas que preveem esperanças futuras de felicidade plena em compensação das tragédias vivenciadas no presente. A divindade de Israel, através de seus profetas, teria anunciado a esperança messiânica.

Um modo de estabelecer o justo equilíbrio consiste na referência a uma compensação futura neste mundo: escatologias messiânicas. O processo escatológico consiste então numa transformação política e social deste mundo. Um herói poderoso, ou um deus virá – logo, mais tarde, algum dia – e colocará seus adeptos na posição que merecem no mundo. Os sofrimentos da geração atual são conseqüências dos pecados dos antepassados, pelos quais o deus responsabiliza os descendentes do mesmo modo que, na vendeta, o assassino se vingará no clã inteiro e que, ainda o papa Gregório VII excomungava os descendentes até a sétima geração. Pode acontecer também que apenas os descendentes dos piedosos, em virtude de sua piedade, chegarão a ver o reino messiânico. (WEBER, 1999, p. 351-352).

O judaísmo é uma religião essencialmente messiânica. Faz parte de suas crenças fundamentais a espera pelo messias (*mashiach*), um enviado de Deus que teria a missão de restaurar a paz e a justiça na terra, solucionando definitivamente o problema da teodiceia.

Através da experiência que a Congregação Israelitas da Nova Aliança está chamando de *Teshuvah*, seus membros almejam se aproximar da cultura e da religiosidade judaicas. Logo, procuram assimilar as características do judaísmo que foram aqui apresentadas. Para avaliar o quanto deste objetivo está sendo atingido é necessário estudar as características desta comunidade antes e depois do desencadeamento do processo de *Teshuvah*. Apenas comparando a comunidade em sua fase atual, Congregação Israelita da Nova Aliança, com a comunidade em sua fase anterior à vivência da *Teshuvah*, Igreja de Deus (7º dia), será possível apreciar o alcance de suas implicações.

2.2 A IGREJA DE DEUS (7º DIA): ASPECTOS HISTÓRICOS, ORGANIZACIONAIS E DOUTRINÁRIOS

Entre os anos 1664 e 1671 se estabeleceram as primeiras Igrejas de Deus nos Estados Unidos; tais comunidades surgiam como grupos autônomos e informais. Expandiram-se entre os séculos XVII e XIX sem recorrerem a nenhum tipo de organização formal, sendo apenas congregações locais, espalhadas pelo território americano⁷. As primeiras menções históricas à denominação formal da Igreja de Deus são encontradas nos Estados Unidos, entre o final do século XIX e início do século XX. No livro *History of the Seventh Day Church of God*, Richard C. Nickels (1999)⁸ aborda a história controversa de um grupo de observadores do sábado entre 1850 a 1990. Segundo o documento Fragmentos históricos da Igreja de Deus, este grupo de sabatistas tornou-se conhecido como a “Igreja de Deus”; apenas em 1923 é que foi acrescentado o termo “(7º Dia)” a esta denominação. O intuito deste acréscimo foi diferenciá-la de outros grupos que também se denominavam “Igreja de Deus”, mas que não observavam o sábado⁹.

Como a Igreja Adventista do Sétimo dia é bem mais conhecida e difundida no Brasil, faz-se necessário diferenciá-la da Igreja de Deus do (7º Dia). Apesar de ambas serem sabatistas e de compartilharem a expressão “sétimo dia” em suas respectivas denominações, a Igreja de Deus (7º dia) e a Igreja Adventista do Sétimo Dia nunca tiveram uma ligação oficial. Não obstante estarem do mesmo lado na controvérsia sobre a guarda do sábado, sempre houve entre elas polêmicas que contribuíram para afastar, de forma indelével, estas duas expressões religiosas. Apesar de contemporâneos, os líderes históricos da IDSD não aquiesciam com as doutrinas dos fundadores do adventismo, especialmente, com os ensinamentos balizados nas visões da profetiza Ellen Gold White (1827-1915). Esta personagem carismática da história da fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia produziu inúmeros escritos que são bastante apreciados pelos adventistas ainda hoje. Estes escritos foram decididamente rejeitados pelos adeptos da Igreja de Deus (7º Dia) que dizem reconhecer apenas a Bíblia como regra de fé e prática.

⁷ Disponível em: <http://www.igrejadedeus.biz/a-quetao-do-sistema-de-governo-da-igreja-de-deus/>.

⁸ Obra disponível em: <http://www.giveshare.org/churchhistory/historysdco>.

⁹ Disponível em: <http://www.igrejadedeus.biz/a-quetao-do-sistema-de-governo-da-igreja-de-deus/>.

Missionários da IDSD migraram de Michigan para Iowa, para Missouri, e continuaram a ensinar e promover a guarda do sábado, ligados a uma coalizão que, frequentemente, sofreu cisões e divisões (NICKELS, 1999)¹⁰. Em 1888, foi criada a Conferência Geral da Igreja de Deus, com sede em Stanberry, no estado de Missouri. Esta Conferência funcionava com objetivo estrito de manter as igrejas locais unidas doutrinariamente e não como um meio de centralizar as decisões. A Conferência Geral surge com o compromisso de respeitar a longa tradição de autonomia das congregações. Atuava como um meio para manter as Igrejas de Deus unidas, porém com um sentimento “antiorganizacional”. A Igreja de Deus nos Estados Unidos até década 1920 operava de forma autônoma. As congregações e os seus ministros apoiavam e reforçavam o sistema de autogoverno dentro de cada igreja local¹¹.

Na história da Igreja de Deus (7º dia) faz-se necessário mencionar o trabalho da família Dugger que ao longo de décadas contribuiu para a consolidação doutrinária e organizacional desta expressão religiosa. Atuando no estudo, ensino e divulgação da mensagem e ainda na gestão institucional, os Dugger estão entre as principais referências ministeriais da história da IDSD. O senhor A. F. Dugger tinha sido um ministro cristão de um grande movimento que pregava a vinda de Cristo, conhecido como o Advento. Em decorrência de uma controvérsia que envolveu este movimento, Dugger foi comissionado por sua igreja a elaborar um estudo que refutasse a necessidade da observação do sábado. Mas, ao produzir tal estudo, A. F. Dugger se convenceu do contrário, passando a crer que o sábado deve ser observado. Assim começou a história desta família na defesa do sábado e nas fileiras da Igreja de Deus. Por mais de trinta e cinco anos, até a sua morte em 1910, A. F. Dugger foi líder nesta comunidade. O seu filho, Andrew N. Dugger (1886-1975) exercia simultaneamente as profissões de professor e agricultor, e completava os seus primeiros vinte anos quando seu pai morreu (NICKELS, 1999)¹².

Andrew N. Dugger, ao ver uma luz brilhante no céu, em torno de si, se convenceu de que tal luz era um sinal de Deus indicando que ele deveria seguir os passos do pai no ministério. Imediatamente, Andrew vendeu a sua grande fazenda com os seus equipamentos e foi para a Universidade de Chicago, onde se formou

¹⁰ Obra disponível em: <http://www.giveshare.org/churchhistory/historydcog>.

¹¹ Disponível em: <http://www.igrejadedeus.biz/a-quietao-do-sistema-de-governo-da-igreja-de-deus/>.

¹² Obra disponível em: <http://www.giveshare.org/churchhistory/historydcog>.

em teologia e em oratória, passando a dominar os idiomas grego, hebraico e alemão¹³.

Também é imprescindível fazer referência à contribuição da família Dugger à publicação *The Bible Advocate*. Marcante na história da Igreja de Deus (7º Dia), esta revista foi essencial na árdua tarefa de consolidação e unificação dos princípios doutrinários entre as congregações que participavam da Conferência Geral. Em 1914, logo após a formatura da faculdade, Andrew N. Dugger chegou a *Stanberry*, Missouri, para começar seu trabalho no ministério. Era o início de uma carreira ainda mais expressiva que a de seu pai. Andrew foi convidado pela Comissão Executiva da Igreja de Deus para se tornar editor da *The Bible Advocate*, posição em que seu pai permaneceu até ser forçado a se aposentar por causa de problemas de saúde. Por 18 anos Andrew N. Dugger foi editor desta importante publicação. Em seguida foi elevado a Presidente da Conferência Geral (NICKELS, 1999).

Motivado por algumas posições doutrinárias inflexíveis, Andrew N. Dugger empreendeu esforços em estabelecer uma sede da IDSD em Jerusalém. Durante o período de sua permanência em Israel, Dugger se aproximou da cultura e religiosidade judaicas, fato que influenciou suas concepções escatológicas. Através de seus textos e ensinamentos, suas interpretações das profecias bíblicas foram sendo consolidadas e difundidas entre as congregações espalhadas pelo mundo. Ainda hoje, a visão escatológica é um fator que distingue a IDSD da maior parte das igrejas cristãs. A liderança agressiva de Andrew N. Dugger resultou em milhares de convertidos ao redor do mundo. Andrew morreu em 1975, com 89 anos. O seu genro, Gordon Fauth, continuou o trabalho da família Dugger a partir de Jerusalém (NICKELS, 1999).

No período em que atuou o ministro Andrew N. Dugger, a IDSD conseguiu significativo crescimento em número de membros, contudo, viveu uma década de lutas ministeriais. A decisão, cancelada por Dugger, de tornar a Conferência Geral uma receptora dos dízimos das congregações provocou grande resistência por parte dos ministros locais. Além disso, desde 1924, passou a ser ventilada uma proposta, também apoiada por Andrew N. Dugger, de estabelecimento de um governo a nível mundial, o que também contribuiu para o acirramento dos ânimos. Estas controvérsias entre os defensores do governo autônomo e dos partidários da

¹³ Obra disponível em: <http://www.giveshare.org/churchhistory/historydcog>.

centralização levaram a muitas divisões. A primeira delas ocorreu no dia 4 de novembro de 1933. Aos poucos a maior parte da Igreja foi cedendo e adotando a forma de organização centralizada, abdicando de uma longa tradição autonomista. Os resistentes à centralização, liderados pelo ministro *Frank M. Walker*, falecido em 1997, formaram o Concílio de *Meridian*. Em *Meridian* algumas famílias antigas da Igreja de Deus se mantiveram firmes em defesa do sistema de governo regido por autonomia local. Conclui-se que a Igreja de Deus (7º Dia) é marcada pela pluralidade, pois “frequentemente sofreu cisões e divisões” (NICKELS, 1999). Diferentes concepções doutrinárias e de formas de organização institucional levaram à formação de diversas correntes homônimas. Estas expressões religiosas têm presença importante em países como o México, o Canadá e os Estados Unidos. Devido a este processo frequente de cisões e divisões, existem atualmente nos EUA pelo menos cinco grandes tendências diferentes da Igreja de Deus (7º Dia), que se expandem na América do Norte e em outras regiões do mundo. Neste aspecto, a IDSD se assemelha aos evangélicos e protestantes que, na medida em que crescem, também vão se dividindo, fundando novas organizações e criando novos segmentos religiosos.

Quanto à confissão doutrinária, a corrente da Igreja de Deus (7º Dia) que veio para o Brasil professa, entre as suas crenças, algumas doutrinas análogas às cristãs. Seus fiéis creem em Deus, como o criador dos Céus e da Terra, em Jesus como o filho unigênito de Deus, nascido de Maria por obra do Espírito Santo, e como Cristo ou Messias, salvador e redentor dos que o recebem. Professam crer na Bíblia como a palavra de Deus, infalível, única forma de orientação de Fé, cujos ensinamentos contêm a completa revelação do plano da salvação e da vontade de Deus para o homem. Por isto, procuram fundamentar na Bíblia toda a sua confissão doutrinária. Os membros da Igreja de Deus do (7º Dia) também acreditam na existência de Satanás, o adversário de Deus e de Seu Povo, enganador, mentiroso inveterado e com poderes para transfigurar-se em anjo de luz, cabendo aos fiéis resisti-lo. A IDSD também ensina sobre a queda do homem que, criado à imagem e semelhança de Deus, porém por ter caído em pecado tem como consequências a maldição, a tristeza e a morte sobre toda a humanidade (Pontos fundamentais de Fé - UNID)¹⁴.

¹⁴ Confissão doutrinária da União Nacional das Igrejas de Deus (7º Dia) no Brasil UNID. Disponível em: http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/pontos_fundamentais.php.

A IDSD possui pontos doutrinários idênticos aos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como por exemplo, a guarda do sábado, que ambas ensinam e praticam e que carregam em suas próprias denominações. Mas, além de serem sabbatistas, existem entre elas outras expressivas semelhanças. Ambas proíbem o consumo de carnes de certos animais, considerados como impuros ou imundos, que estão listados e descritos em Levítico 11,2-47 e Deuteronômio 14,3-20. Tanto a Igreja de Deus do (7º Dia) como a Igreja Adventista do Sétimo Dia não são imortalistas, ou seja, não acreditam na imortalidade da alma, em suas doutrinas a morte é comparada a um sono profundo absolutamente sem consciência. Em suas visões escatológicas apenas os justos alcançarão a eternidade e os ímpios serão totalmente aniquilados. Quando os ímpios forem lançados no Lago de Fogo, após o Juízo Final, serão totalmente destruídos. Por conseguinte, não há eterno sofrimento e não haverá inferno eterno (Pontos fundamentais de Fé - UNID)¹⁵.

Não obstante às crenças similares, há diferenças significativas entre a Igreja de Deus do (7º Dia) e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, destacando-se os seus posicionamentos destoantes quanto à trindade divina. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, como a maioria das igrejas cristãs, crê, ensina e defende o dogma da Trindade. Já a IDSD diverge da fé professada pela maioria do cristianismo, discordando radicalmente deste dogma. Segundo a sua confissão doutrinária, o Espírito Santo não é uma pessoa e sim a força, a atuação de Deus: “O Espírito Santo atuação de Deus em poder; força que convence o pecador e que nos inspira, desperta e guia ao pleno conhecimento da verdade. João 14:26 e 16:13” (Pontos fundamentais de Fé - UNID)¹⁶.

2.3 A IGREJA DE DEUS (7º DIA) CHEGA AO BRASIL

A história da chegada da Igreja de Deus (7º Dia) ao Brasil começou no final da década de 1970. Foi quando líderes de um movimento religioso que se autodenominava Organização Evangélica Universal dos Primogênitos (OEUP), depois de terem acesso a textos teológicos de origem norte-americana, entraram em contato com a liderança da Igreja de Deus (7º Dia), sediada nos Estados Unidos, e responsável pela publicação destas literaturas. Iniciou-se, então, entre os anos de

¹⁵ Disponível em: http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/pontos_fundamentais.php.

¹⁶ Disponível em: http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/pontos_fundamentais.php.

1978 e 1979, um processo que levaria a filiação do grupo brasileiro a esta denominação. Destaca-se, neste contexto, a personalidade e o expressivo papel desempenhado pelo senhor Altair Junqueira. Patriarca de uma família extensa, religioso desde 1963, Junqueira construiu uma carreira ministerial proeminente e tornou-se liderança influente de três movimentos religiosos que se sobrepuseram ao longo de cinco décadas: a Organização Evangélica Universal dos Primogênitos, a Igreja de Deus (7º dia) e a Congregação Israelita da Nova Aliança.

Em 1981 ocorreu a fundação da Igreja de Deus (7º Dia) do Brasil. Na ocasião, o pastor Altair Junqueira foi escolhido o seu primeiro presidente. O processo de negociação para a filiação e demais entendimentos internacionais foi concluído em 1984; encerrava-se também, um período de cinco anos de estudos escatológicos¹⁷. Em pré-dica transmitida ao vivo pela TV Israelita, Altair Junqueira faz um breve balanço de sua trajetória ministerial e da história de sua congregação:

Ao longo da nossa trajetória de fé, de mais de cinquenta anos, nós temos visto estes passos sendo dados nesta direção. Nós nunca negamos a nossa história. Não temos porque negar. Por que negar a nossa história? Tem gente que nega. Tem gente que começa contar a história da metade para frente. Mas nós não. Estamos aqui, em 1963 nós começamos a nossa trajetória de fé. Em 1978 e 1979 nós contatamos as nossas congregações fora do Brasil. Em 1984 nós consolidamos os nossos entendimentos a nível internacional. Em 1984 nós terminamos cinco anos de estudos de profecias.¹⁸

A aliança entre a Igreja de Deus (7º Dia) do Brasil e a IDSD dos países da América do Norte foi celebrada através do batismo de parte dos seus membros e líderes, realizado por representantes vindos do Canadá e do México. Tal batismo, em consonância com a visão teológica da Igreja de Deus (7º Dia), foi ministrado não em nome da Trindade, mas “em nome de Jesus”.

Oficialmente estabelecida no Brasil, a Igreja de Deus (7º Dia) passou a investir na divulgação de sua mensagem que, em muitos aspectos, era novidade para o campo religioso nacional, especialmente em relação a crenças escatológicas. Como a maior parte das igrejas cristãs, esta comunidade religiosa nutre a esperança

¹⁷ Escatologia consiste no estudo de profecias que se referem a um futuro remoto, ao “fim dos tempos”. As previsões escatológicas, baseadas em textos bíblicos, geralmente anunciam um processo de transformação política e social deste mundo, promovida por um herói poderoso ou por um deus. No fim de tais acontecimentos, este herói colocaria os seus adeptos na posição que merecem no mundo (WEBER, 1999, p. 351-352).

¹⁸ Prédica transmitida ao vivo pela TV Israelita. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HifxmTCgQb4>.

de uma vida eterna. No entanto, em desacordo com a crença professada pela maioria dos cristãos, a visão escatológica da Igreja de Deus (7º Dia) ensina que a vida eterna não se dará no céu. Para esta comunidade, no porvir, Jesus Cristo reinará por mil anos sobre toda a Terra. Durante este período o planeta seria radicalmente restaurado. Concluso o Milênio, Jesus entregaria o Reino ao Pai e, a partir então, Deus reinaria eternamente. Assim, nesta esperança escatológica, tudo se daria na terra, em momento algum haveria humanos habitando o céu (Pontos fundamentais de Fé - UNID) ¹⁹.

Esta novidade foi propagada intensamente por meio de programas de rádio, revistas, artigos na *internet*, jornais, distribuição de folhetos e nas grandes cidades através de *outdoor*. A mensagem era simples e direta: "Ninguém vai morar no céu"²⁰. A negação desta crença cristã deu à Igreja de Deus (7º Dia) alguma notoriedade, já que chamou a atenção e atraiu muitos curiosos que queriam saber mais sobre o assunto. Tal repercussão aumentou quando alguns críticos filiados a denominações cristãs, preocupados com a novidade e com o seu impacto no campo religioso, se prestaram a rebater veementemente o ensino:

A Igreja de Deus do 7º dia no Brasil - Os amantes da terra: Ao adentrarmos no terceiro milênio, parece que uma coqueluche de amor à terra entrou em erupção. Milhares de artigos invadem a Internet, folhetos têm sido distribuídos, programas radiofônicos anunciam que "ninguém vai morar no céu". Após dois mil anos de cristianismo, parece que esses pseudocristãos acostumaram tanto com a terra que desprezam o ensino bíblico de morar no céu: "Se esperarmos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens" 1 Co 15.19 (FONSECA).²¹

Tal polêmica torna a IDSD conhecida em algumas cidades e capitais brasileiras. Mas foi com adesão à experiência que denominam *Teshuvah* e por sua divulgação em espaços midiáticos modernos, como o site na internet e um espaço na TV aberta, o Programa Israelita da Nova Aliança, que esta comunidade conseguiu se difundir pelo Brasil.

¹⁹ Disponível em: http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/pontos_fundamentais.php.

²⁰ Crítica disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/IgDeus7DiaNoBrasil-AlvesDaFonseca.htm>.

²¹ Crítica disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/IgDeus7DiaNoBrasil-AlvesDaFonseca.htm>.

2.4 O INÍCIO DA *TESHUVAH* E A DENOMINAÇÃO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA

Foi na Igreja de Deus (7º Dia) do Brasil²², em sua sede localizada na cidade de Curitiba, que em 2004 iniciou-se o processo de *Teshuvah* (retorno às raízes judaicas). Tal processo tem como marco a chegada de Periclis de Souza, um jovem estudioso da cultura e religiosidade judaicas, que foi convidado por Altair Junqueira, para ensinar em sua congregação danças judaicas e a língua hebraica. Nascia assim, uma parceria muito profícua entre líderes que combinavam experiência e juventude. Este encontro desencadeou na Igreja de Deus (7º Dia) do Brasil o processo de *Teshuvah*, que perfaz uma década com consequências marcantes para toda a comunidade.

A adesão à *Teshuvah* foi aprovada pela maioria dos líderes da IDSD do Brasil, mas não foi uma decisão unânime, o que levou a um processo de cisão que deu origem a outro segmento. A facção dissidente, por não aceitar a *Teshuvah*, afasta-se da instituição e mais tarde funda *A União Nacional das Igrejas de Deus (7º Dia) no Brasil* (UNID). “Organizada em data de 30 de dezembro de 2005, com sede e foro na cidade de Curitiba Paraná”.²³ Tal grupo explica que a cisão e a criação de outra organização religiosa foram consequências da imposição da *Teshuvah*, a qual pejorativamente rotula de “judaização”. Os dissidentes também criticam a forma como a adesão à *Teshuvah* foi conduzida, reputando-a como uma manobra irresponsável promovida pelos dirigentes da Igreja de Deus (7º Dia) do Brasil.

Surgiu de maneira irresponsável, o anseio de alguns em aderir a doutrina da judaização no ano de 2004. Irresponsável, pois não houve estudos diligentes que o caso exigia. Uma doutrina totalmente estranha de quando os primeiros fiéis foram batizados. [...] os verdadeiros adoradores de Deus não ficaram omissos e com coragem os detentores da mensagem que chegara ao Brasil de maneira pura e irrepreensível continuaram com a mensagem da verdade.²⁴

Esta mesma fonte alude a outros momentos de dissidências, indicando que a Igreja de Deus (7º Dia) do Brasil, tal como a Igreja de Deus (7º Dia) dos Estados

²² A comunidade da Igreja de Deus (7º Dia) de Curitiba, que atualmente se identifica como Congregação Israelita da Nova Aliança, é composta por profissionais liberais, geralmente classificados como classe média.

²³ Disponível em: <http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/quemsomos.php>.

²⁴ Disponível em: <http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/quemsomos.php>.

Unidos, está se caracterizando pelo pluralismo, como consequência dos reiterados processos de cisões e divisões.

Em 2004, o motivo alardeado para a cisão foi a *Teshuvah*. O grupo liderado por Altair Junqueira e Periclis de Souza, a favor do retorno às raízes judaicas, constituía ampla maioria, por isto manteve a posse do patrimônio da instituição e o direito de continuar usando a denominação “Igreja de Deus (7º Dia) no Brasil”. Mas com o avançar do processo de *Teshuvah* esta comunidade passou a identificar-se, cada vez mais, com a religiosidade e tradição judaicas. Assim, considerando que o nome “Igreja de Deus (7º Dia)” não mais representava adequadamente a comunidade nesta nova fase, considerou-se necessária uma mudança no seu título de divulgação. Então, em 2007 oficializou-se a nova denominação: Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA).

Foi através do Programa Israelita da Nova Aliança que a CINA conseguiu fazer simpatizantes e membros em diversas regiões do Brasil. Durante cerca de oito anos, este programa foi transmitido para todo o país, via satélite, sendo captado pelas antenas parabólicas. Neste espaço na TV aberta foram divulgados ensinamentos e interpretações da Bíblia. Com marcas explicitamente exclusivistas, o conteúdo era exposto com um tom provocativo e irônico, desafiando telespectadores que pertenciam a outras denominações religiosas. Através do Programa Israelita da Nova Aliança e de outras formas modernas de divulgação, a CINA conquistou prosélitos em vários estados brasileiros e países vizinhos. O programa mostrava, no intervalo dos estudos bíblicos divulgados, as imagens dos batismos (*Tevilot*) realizados em várias cidades. Esta expansão de forma difusa pelo território brasileiro criou a demanda de uma logística complexa para o atendimento da membresia.

Hoje, a CINA não mais transmite o programa pela TV aberta. Seus investimentos estão sendo concentrados no sistema de transmissão dos serviços religiosos ao vivo. É a TV Israelita, que por transmitir via internet tem alcance mundial. Esforços estão sendo despendidos em promover a *Teshuvah* a grupos religiosos da África, Caribe, Europa e Estados Unidos.

A Congregação Israelita da Nova Aliança – Administração Nacional em Curitiba-PR conta com cerca de 150 representações em todo o país e com um sistema centralizado que visa atender a todos os grupos, congregações,

membros isolados e pessoas interessadas em conhecer e unir-se ao povo e ao D'us de Israel.²⁵

As questões relativas ao governo da instituição têm sido afetadas pelo processo de retorno às raízes judaicas. A concentração das decisões administrativas na sede de Curitiba intensificou-se com a *Teshuvah*. A centralização e a burocratização da instituição representam um rompimento com a tradição de suas origens. A Igreja de Deus (7º Dia), instituição na qual começou o processo de *Teshuvah*, tem historicamente uma tradição autonomista em que as congregações locais possuem independências políticas, administrativas e financeiras. A opção pela racionalização e burocratização institucionais parece buscar atender ao interesse dos sacerdotes em avançar com o processo de *Teshuvah* em território nacional e outras regiões do mundo.

A liderança da Congregação Israelita da Nova Aliança não divulga o número de seus membros, apenas faz referência a cento e cinquenta representações que abrangem *Beit* (Casa), congregações e grupos de estudos. Em uma *Beit* vigora o sistema sinagoga, há estrutura e pessoal capacitados, instruídos e autorizados para ministração dos ritos judaicos. Já as congregações têm um funcionamento mais semelhante ao de uma igreja e nem toda ritualística judaica pode ser realizada. Os grupos de estudos são formados por poucos membros e interessados. Reúnem-se, principalmente, para assistir as transmissões dos serviços, direto de Curitiba, e para receberem instruções visando o processo de *Teshuvah*. A CINA possui também membros isolados em várias regiões do país que são atendidos por um sofisticado sistema de transmissão dos cultos ao vivo, via internet.

Atualmente (2012) somos cerca de 150 representações, entre grupos e congregações espalhadas por todo o Brasil e nosso propósito é a promoção da teshuvah (retorno às raízes judaicas) e a divulgação do único e verdadeiro Deus, O Deus de Israel. [...] Além do Brasil, a convite, estamos atuando entre nossos amigos aliados líderes religiosos de diversos países, como os Estados Unidos, Ilhas do Caribe, Kenia, Sudão, Nigéria, África do Sul, Inglaterra, Portugal, etc., ajudando-lhes no processo de teshuvah.²⁶

Em Goiânia a Congregação Israelita da Nova Aliança conta com uma congregação que se reúne em prédio próprio, local onde foram feitas observações

²⁵ Disponível em: <http://www.israelitas.com.br/home/colabore.php>.

²⁶ Disponível em: <http://www.israelitas.com.br/institucional/quem.php>.

sobre a ritualística, filosofia e cotidiano deste segmento religioso que serão apresentadas, especialmente, na última parte deste trabalho.

Depois de conhecer um pouco da história e particularidades desta expressão religiosa é possível avançar com relação às questões fundamentais desta pesquisa: em que consiste a *Teshuvah*, como se pode caracterizar este processo que já dura uma década? De que maneira uma comunidade, pertencente ao contexto da cultura ocidental brasileira, está assimilando os mitos, símbolos, ritos e tradições do judaísmo? E quais os impactos deste processo na vida cotidiana dos seus adeptos?

3 A *TESHUVAH*, A REDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE E OS MECANISMOS DE LEGITIMAÇÃO DOS ISRAELITAS DA NOVA ALIANÇA

Este capítulo visa caracterizar a experiência nomeada como *Teshuvah*, vivenciada pelos membros da Congregação Israelita da Nova Aliança. Inicialmente apresentando os elementos que envolvem a construção de uma identidade, pretensamente judaica, que vem sendo estabelecida a partir da *Teshuvah*, para em seguida, promover uma reflexão sobre os mecanismos que a comunidade tem acionado no intuito de legitimá-la.

3.1 CARACTERIZANDO A *TESHUVAH*

O termo hebraico religioso “*Teshuvah*” é uma palavra composta formada pela palavra *tashuv* e a letra *hei*. Isto significa voltar para Deus. Alguém que está distante de Deus, que se desviou do caminho, é capaz de fazer uma volta milagrosa²⁷. A palavra *teshuvá* (ou *tshuvah*) designa o retorno ao judaísmo e o arrependimento, a decisão de regressar a observância integral da lei judaica (a *Torah*).

A *Teshuvah* é um processo marcante e recorrente na história de Israel. Ao longo dos séculos os israelitas veem-se debatendo entre a fidelidade ao monoteísmo e o flerte com o politeísmo e com a magia das nações vizinhas ou anfitriãs. Relações políticas, militares e comerciais com outros povos e o casamento com mulheres estrangeiras são considerados contatos de risco. Assim, as demandas da vida cotidiana têm levado parte dos hebreus a se aproximar das culturas estranhas ao judaísmo. O fato é que, eventualmente, parte do povo judeu, por decorrência de diásporas (*galot*) ou por outras razões, tem se desviado da fé e cultura originais. Mas, uma vez arrependidos, os israelitas buscam retornar às suas raízes. Este retorno à fé, prática e cultura judaicas é conhecido como *Teshuvah*, que pode ser um fenômeno individual ou coletivo.

Na história de Israel notabilizou-se a atuação dos profetas. Estes surgiam em momentos de graves crises, nos quais o povo se encontrava afastado da observância aos mandamentos da lei de Moisés. A mensagem profética consistia em pregar o retorno à obediência, à vontade de Deus expressa na *Torah*, ou seja, os

²⁷ Conceituação disponível em documento postado em:
<http://morashasyllabus.com/Portuguese/class/Teshuva%20I.pdf>.

profetas clamavam pela *Teshuvah*. Na visão de tais pregadores a quebra do pacto com Deus traria graves consequências para o povo de Israel. Por seus pecados, ou seja, pelas transgressões aos preceitos morais estabelecidos por sua divindade ética, os israelitas seriam severamente castigados.

Os profetas de Israel não cessam de descobrir novas malfeitorias da geração presente e dos antepassados, às quais o deus reage com sua ira quase insaciável, fazendo sucumbir seu povo a outros que nem o adoram. Esta ideia, divulgada em todas as variações imagináveis por toda parte onde a concepção do deus assume traços universalistas, transforma as prescrições mágicas que operam somente com a ideia do malefício numa “ética religiosa”: a contravenção da vontade do deus é agora um “pecado” ético que pesa sobre a consciência, independentemente das consequências imediatas. Males que atingem o indivíduo são calamidades que deus mandou e consequências do pecado, das quais o indivíduo espera poder livrar-se, encontrando “salvação”, mediante um comportamento que agrada ao deus – a “piedade”. (WEBER, 1999, p. 302).

Tornar a adotar um comportamento agradável a Deus, voltar a ser piedoso é a atitude que tem sido assumida por judeus arrependidos ainda hoje. A *Teshuvah*, movimento comum e presente em toda a história de Israel, continua a ocorrer entre os judeus da contemporaneidade. A exemplo, durante as décadas finais do século XX, teve lugar em todo o mundo judaico um grande movimento de retorno ao judaísmo. Este fenômeno também vem ocorrendo no Brasil, especialmente no estado de São Paulo, onde “o movimento de teshuvá, em menos de dez anos, decuplicou o número de adeptos, transformando se num dos corpos mais representativos do judaísmo e da ‘judeidade’ do país” (TOPEL, 2003).

Ao adotar a *Teshuvah* os arrependidos rompem com as seduções da sociedade secular para reorganizar as suas vidas baseando-se unicamente em normas e proibições elaboradas a partir de textos sagrados de sua religião. Esta ruptura exige uma estrita separação entre judeus e *goyim* (não judeus, gentios), cujo objetivo é impedir a assimilação, ameaça suprema à perpetuação do povo eleito. No interior do próprio judaísmo, a *Teshuvah* significa a redefinição da identidade. Não pode pois, apoiar-se em uma simples pertença, e sim na observância das 613 interdições e obrigações (*mitzvot*) que regulam religiosamente toda a existência judia, desde as mais triviais funções corporais diárias até toda a organização da vida social (KEPEL, 1995, p. 134). Conclui-se que, para este autor, a *Teshuvah* é um movimento que altera profundamente o cotidiano de quem o vivencia, em função de textos sacralizados, como por exemplo, a *Torah* e todo o Antigo Testamento

(*Tanach*). Estas literaturas sagradas são acessadas como verdades absolutas e a interpretação do grupo é considerada como a única correta e aceitável. Por todas estas questões e por exigir uma estrita separação entre os praticantes e não praticantes da *Torah*, as comunidades que aderem à *Teshuvah* se enquadram no fenômeno conhecido por fundamentalismo religioso.

No judaísmo histórico, o termo *Teshuvah* pode ser atribuído ao retorno de um judeu, ou de um grupo de judeus, que passou parte de sua vida longe da tradição judaica, ou seja, o processo pelo qual judeus laicos aderem à ortodoxia judaica. Mas faz-se necessário mencionar outra aplicação deste termo: *Teshuvah* também pode designar a volta de uma pessoa, ou de um grupo, que apesar de nunca ter praticado o judaísmo, ao descobrir a sua ancestralidade judaica, resolve voltar à tradição abandonada por seus antepassados, mesmo que este afastamento tenha alcançado várias gerações (LAMM, 2008, p. 400-401). No caso do indivíduo, ou de grupo, que nunca tenha participado do judaísmo e que não seja comprovadamente descendente de judeus, o caminho para ingressar na religião judaica não é a *Teshuvah*. Para os não-judeus (goim) resta unicamente a conversão, processo que, quando concluso, alcança o mesmo resultado do procedimento daqueles judeus que retornam, ou seja, dos que fazem a *Teshuvah*.

Considerando a perspectiva judaica tradicional, a *Teshuvah* é um processo exclusivo do judaísmo e, a rigor, apenas para pessoas com ascendência judaica comprovada. No entanto, surpreendentemente, aqui no Brasil o termo *Teshuvah* também está sendo evocado para qualificar um movimento iniciado em um segmento religioso que, originalmente, apresentava crenças e doutrinas análogas às cristãs, a Igreja de Deus (7º Dia). Por seu contexto e procedência é natural que tal experiência religiosa, que consiste no objeto central desta pesquisa, se distinga dos movimentos promovidos pelos grupos judaicos históricos. É preciso compreender então, o quê, esta comunidade pertencente à cultura ocidental brasileira, que atualmente se denomina Congregação Israelita da Nova Aliança, entende por *Teshuvah*?

No esforço de legitimar a experiência em curso, a liderança da CINA busca fundamentar-se em argumentos elaborados a partir da leitura de textos bíblicos e de fatos ocorridos em um tempo bem remoto, mais precisamente nas primeiras décadas do século primeiro. Seu argumento inicial consiste em afirmar que *Yeshua HaMashiach* (Jesus, o Messias) sempre foi um judeu religioso e praticante.

Yeshua, como bom judeu que foi, não fundou nenhuma nova religião; frequentou as sinagogas e o Templo, participou das festas [...] Yeshua ensinou e viveu a Torah e Seus seguidores se destacavam como melhores judeus; como melhores e mais dedicados cumpridores da Torah. [...] Ele, na verdade foi um Mestre e um judeu observante da Torah, irrepreensível e que levou a grande maioria do povo judeu a interiorizar a Torah nos seus corações.²⁸

Os líderes da CINA (*roshim*) ainda afirmam que a maioria dos judeus que viveram na Palestina, naquela época, creu em Jesus como o messias. A partir de tais asseverações conclui-se que para os judeus da Nova Aliança, a *Kehilah* (Congregação) do primeiro século era apenas mais um dos segmentos do judaísmo e não uma religião a parte. O componente fundamental de sua construção argumentativa consiste na alegação de que, ao longo da história, o cristianismo teria se apostatado, ou seja, se desviado da fé original de Jesus e de seus primeiros discípulos. Assim, à medida que o cristianismo foi se institucionalizando, como religião independente do judaísmo, teria ocorrido um progressivo distanciamento e abandono da tradição judaica. Processo este que teria se intensificado no quarto século, com a ingerência de Constantino, imperador romano, nos assuntos da igreja. Para a liderança da CINA, tal desvio culminou em duas grandes apostasias: a crença de que Jesus teria abolido a lei (*Torah*) e, conseqüentemente, ninguém mais precisaria cumprir os seus mandamentos; e a teoria da substituição, pela qual se crê que os judeus, por terem rejeitado a Jesus e o terem matado, deixaram de ser o povo eleito, sendo substituído, nesta condição de povo de Deus, por uma igreja gentílica. Para os judeus da Nova Aliança, tais ideias têm péssima procedência, sendo parte de uma estratégia maligna que tinha por objetivo o afastamento definitivo dos cristãos dos princípios do judaísmo, a única e verdadeira religião de Jesus e dos seus apóstolos.

A CINA então se propõe a fazer a *Teshuvah*, o caminho de volta à fé dos judeus seguidores de Cristo (*Mashiach*), restaurando suas práticas e doutrinas originais. Desta forma, justifica-se o uso do termo *Teshuvah*, como retorno à fé e obras judaicas abandonadas pelo cristianismo.

Este movimento de volta às origens que tenciona, em última instância, estabelecer uma afirmação positiva e exclusiva da comunidade, é comum em grupos tocados pelo fundamentalismo religioso. A afirmação da expressão religiosa como

²⁸ Declaração disponível em: <http://www.israelitas.com.br/institucional/quem.php>.

portadora da verdade única e absoluta é geralmente fundamentada em textos canonizados, interpretados a partir de uma hermenêutica própria e radical.

O judeu da Nova Aliança se considera como o legítimo herdeiro da igreja do primeiro século, com a missão de restaurar os seus ensinamentos e doutrinas reputados como originalmente judaicos. Motivada por tais convicções, a comunidade se põe a estudar e a praticar o judaísmo, buscando adotar o seu sistema simbólico. Assim, a CINA adere a uma prática que tem avançado gradativamente no mercado de bens de salvação moderno, marcado por elementos como o individualismo, a subjetividade e a fluidez. Ela passa a formular uma crença singular ao “emprestar” e “reutilizar” os mitos, símbolos e ritos do judaísmo. Esta construção elaborada por meio da colagem de tradições religiosas históricas tem sido denominada bricolagem. No campo religioso atual, cada vez mais pessoas ou grupos assumem o risco de suas escolhas, praticam a bricolagem e sentem-se autorizados a construir sua própria crença.

A adoção da *Teshuvah* se dá em uma época marcada pelo avanço da globalização, com grande desenvolvimento tecnológico da produção material que alcança amplos setores da economia, especialmente a dos meios de transporte e de comunicação. Este desenvolvimento viabiliza um aumento expressivo da mobilidade entre regiões, países, continentes e culturas, provocando mudanças na mentalidade e no comportamento das pessoas em todo o mundo.

Em conseqüência, o discurso crítico redescobriu a lógica diferencial das zonas de contato, espaços fronteiros, *limen*, entre-lugar, sincretismo, hibridismo, mestiçagem, criouliização e transculturação para explicar os fluxos conjuntivos e disjuntivos das transferências culturais e seus resultados: novas formas e práticas culturais fractais entre fronteiras permeáveis. (ROLAND, 2008, p. 37-38).

Este contexto favorece as trocas culturais ao admitir o contato entre mundos mentais distantes e diferentes, intensifica “interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 124). No entanto, este é o mesmo contexto no qual prevalece uma mentalidade individualista que estimula a emulação e o consumismo. Em um ambiente competitivo e de laços sociais efêmeros acentua-se o sentimento de fragilidades e incertezas levando muitos indivíduos a buscar

segurança em uma comunidade, na afirmação incisiva de uma identidade, como forma de resistência às forças homogeneizantes.

É neste mundo, marcado pela globalização e por suas consequências socioeconômicas e culturais, que os membros da CINA buscam viver a experiência que chamam de *Teshuvah*. A revolução tecnológica, que sofisticou a área da comunicação, possibilitou a expansão da internet na década de 2000. Este crescimento da rede mundial de computadores se deu exatamente nos primeiros anos da *Teshuvah*, o que permitiu o acesso a vários sites que colocavam conteúdo judaico à disposição dos internautas. Tais informações viabilizaram o trabalho de bricolagem do judaísmo. Livrarias e editoras judaicas também ampliaram a sua atuação no Brasil neste período.

Além da identificação estritamente religiosa com o judaísmo, se apropriando de seus mitos, símbolos e ritos, a CINA também passou a buscar laços de pertencimento linguísticos com o povo de Israel. A partir da *Teshuvah* esta comunidade começou a usar o hebraico em suas canções, celebrações, sacramentos e rituais, ou seja, como língua litúrgica. Logo, a adesão ao hebraico também tem motivação religiosa, ele é o idioma considerado sagrado pelos judeus, já que teria sido a língua usada por Deus em seu contato com os patriarcas do povo hebreu. O acesso ao hebraico também foi facilitado pela expansão da *internet* e das livrarias judaicas no Brasil durante os anos 2000. Após uma década do processo de *Teshuvah*, nas reuniões da CINA, adolescentes e até crianças de colo cantam em hebraico as canções do *Sidur*, livro litúrgico do judaísmo. Os esforços empreendidos no estudo do hebraico e em promover o seu uso litúrgico associa-se à tendência fundamentalista de valorização da literatura sagrada. Além do fato de acreditarem na sacralidade do próprio idioma, os judeus da Nova Aliança buscam aproximar-se ainda mais dos textos sagrados do judaísmo, escritos originalmente em hebraico.

No processo de assimilação da tradição judaica, que é a essência da *Teshuvah* que acontece na CINA, é imprescindível mencionar o protagonismo do jovem Periclis de Souza. Criativo, muito culto, de oratória fluente e persuasiva, Periclis afirma ser um autodidata que estuda judaísmo desde a adolescência. De berço pentecostal e com breve passagem no judaísmo messiânico, se aproximou da comunidade que hoje ajuda a liderar, quando foi convidado a ensinar o hebraico e danças judaicas. Tornou-se a principal referência, entre os judeus da Nova Aliança, no tema judaísmo e nas questões atinentes à tradição judaica. Recentemente, no

dia 6 de outubro de 2013, teve o seu saber formalmente reconhecido através do título de Doutor *Honoris Causa* em cultura judaica, entregue pela *Emill Brunner University* do Brasil²⁹. Periclis ficou muito conhecido por apresentar, ao lado de Altair Junqueira, o *Programa Israelita da Nova Aliança*, veiculado em espaço na TV aberta, transmitido para todo o Brasil através das antenas parabólicas, que se manteve no ar durante oito anos. Após a *Teshuvah*, Periclis de Souza passou a identificar-se como Ezra ben Levi (Esdras filho de Levi) e Altair Junqueira como Yishai ben Yehudah (Jessé filho de Judá) e seguem como *roshim* (líderes) maiores da CINA, atuando neste esforço de assimilação do judaísmo e das práticas judaicas, que ao longo destes onze anos têm se intensificado.

Segundo a liderança da CINA, quem entra para a congregação, se dispendo a passar pelo processo de *Teshuvah*, está se tornando parte do povo de Israel, mediante o pacto da Nova Aliança, anunciado pelo profeta Jeremias³⁰, crendo no Deus de Israel, como o único Deus verdadeiro e em *Yeshua ben David* (Jesus filho de Davi) como *Mashiach* (Messias) e Filho de Deus, morto e ressurreto. Esta crença em Jesus como o Messias é uma questão central para identidade que os membros da CINA buscam construir e legitimar.

3.2 A TESHUVAH E A REDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE

O judeu da Nova Aliança deve ser parte do povo de Israel, amar incondicionalmente este povo, guardar as suas leis (*Torah*). Amar Yerushalaim (Jerusalém), orar e agir em prol da cidade santa e de seu povo. Suas festas, suas danças, seus motivos e roupas são judaicos. Logo, a opção por viver a *Teshuvah* traz implicações ao cotidiano dos convertidos que de fato se propõem a assumir e praticar esta religiosidade de compromissos. Compromissos estes que não se restringem ao âmbito religioso. Através de tal experiência os *chaverim*³¹ estão

²⁹ Informações disponíveis em: <http://eb-university.blogspot.com.br/2013/10/entrega-de-doutor-honoris-causa-na.html>.

³⁰ "Dias virão - oráculo do Senhor - em que firmarei com a comunidade de Israel - e a comunidade de Judá - uma nova aliança. Será diferente da aliança que firmei com seus pais quando os tomei pela mão, para fazê-los sair da terra do Egito. Eles romperam a minha aliança; eu, porém, continuo sendo o dono deles - oráculo do Senhor. Eis pois, a aliança que firmarei com a comunidade de Israel depois desses dias - oráculo do Senhor -: Eu depositarei minha instrução no seu íntimo, escrevendo-a em seu coração: eu me tornarei Deus para eles, eles se tornarão um povo para mim (Jeremias 31,31-33).

³¹ *Chaver* - Termo hebraico para "amigo", é como se tratam os membros da CINA. No plural *chaverim*.

redefinindo a sua identidade, inclusive passando a adotar um novo nome, agora em hebraico.

Para Hall (2013), a identificação, a priori, é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. No entanto, a identidade não se refere a um simples pertencimento do indivíduo a um grupo social. Entre os aspectos a serem considerados na construção de uma identificação destaca-se o seu caráter relacional, uma vez que a produção de uma imagem de identidade se dá na alteridade, no convívio com o outro.

A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 2003, p. 76).

A abordagem discursiva, descrita por Hall (2013), é a concepção de identificação adotada neste estudo, por defini-la como algo flexível, como algo em construção, como um processo jamais acabado. “Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada” (HALL, 2013, p. 106). Na mesma linha, Bhabha (2003, p. 76) destaca que “a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia auto cumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”.

A partir desta compreensão de identificação como uma construção flexível, inacabada, dinâmica e processual, e partindo do pressuposto de que a *Teshuvah* seja uma construção de uma identidade, reputada como sendo genuinamente judaica, pelos membros da Congregação Israelita da Nova Aliança, é possível buscar entender: “como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece” (CASTELLS, 2001, p. 23).

No quadro socioeconômico atual, os ventos da globalização, que sopram a favor do mercado, ativam forças homogeneizantes que tendem a permitir que as pessoas vejam o seu mundo como o certo, o único verdadeiro e justo enquanto que o diferente é sempre algo que incomoda. Tais convicções podem estar na base da intolerância, da exclusão e dos preconceitos (OLIVEIRA, 2008). Em um mundo

fragmentado, em decorrência das sequelas da globalização, percebe-se a diluição das fronteiras entre as crenças, ao mesmo tempo em que ocorre o robustecimento das trincheiras e o fascínio do fundamentalismo. Deste modo, “as diferenças de crenças, às vezes muito radicais, são mais diretamente visíveis, com frequência crescente, e mais diretamente encontradas: prontas para a suspeita, a preocupação, a repugnância e a altercação” (GEERTZ, 2001, p. 158).

As tendências à homogeneização da sociedade contemporânea promovem a fluidez das identidades e, paradoxalmente, suscitam a necessidade de afirmá-las e defendê-las. Afirmar diferenças e sustentar veementemente identidades são formas de reação às mudanças trazidas pela Modernidade.

Os membros da Congregação Israelita da Nova Aliança, como decorrência do processo de *Teshuvah*, passaram a identificar-se como uma comunidade judaica e a declarar nutrir sentimentos de pertencimento ao povo judeu e à nação israelense. Considerando estas aspirações, para o estudo da *Teshuvah* tornam-se fundamentais as identidades culturais, ou seja, aqueles aspectos da identidade que surgem do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Por suas especificidades, os que mais importam no processo de redefinição identitária em curso na CINA são os aspectos étnicos e nacionais. A afirmação destes aspectos representa uma ruptura com a identidade cristã, que no Brasil, por seu caráter hegemônico e universalizante, não fomenta tais componentes de identificação.

No que diz respeito à identidade étnica sabe-se que em sua base constitutiva está a atribuição, por parte do indivíduo ou grupo, de nomes raciais, nacionais ou religiosos para se identificar e, a partir disso, relacionar-se com os outros. “Por identidade étnica compreendemos o conjunto de dimensões que vai além da identidade coletiva. A identidade étnica diz respeito à raça, à religião, à língua e à história como elementos de coesão e solidariedade do grupo” (OLIVEIRA, 2012, p. 289). Ela se define, entre outros fatores, na semelhança e na diferença. Semelhanças internas ao grupo étnico e diferenças com os de fora.

O substrato da identidade étnica parece compor-se na diferença, ou seja, na afirmação e sustentação do contraste entre “nós” e os “outros”. Não obstante, a simples existência da diferença não basta, “é pela tomada de consciência das diferenças, e não pelas diferenças em si, que se constrói a identidade étnica” (CUNHA, 1985, p. 200). A identidade de caráter étnico surge por oposição e não se

afirma isoladamente. Este componente relacional manifesta-se em sua estrutura funcional, fazendo da identidade algo semelhante a uma teia de relações que garante à pessoa ou comunidade um leque de opções estruturais para sua identificação, ampliando, desta forma, as possibilidades de responder às demandas da vida quotidiana (GONÇALVES; ROCHA, 2006, p. 20).

Cabe destacar que, entre os elementos que compõem a identidade étnica, os de caráter religioso são essenciais para a compreensão de uma sociedade. O universo simbólico criado pelas religiões recria o mundo, atribui-lhe sentido e agrega as práticas religiosas à estrutura social.

A linguagem religiosa fornece os códigos para exprimir e reforçar demandas por direitos humanos ou por reconhecimento das identidades étnicas. A religião é assim uma referência de identidade, governa a ordem do indivíduo e mantém um conjunto de práticas e deveres que dão significado e “nomia” à existência das pessoas. (OLIVEIRA, 2012, p. 289).

Quanto à identidade nacional é importante considerar que a concepção de nação é recente na história humana. Ela está ligada às grandes transformações da modernidade e as suas consequências. Com a constituição do estado-nação, aparelho político e administrativo, procurou-se acomodar artificialmente diferenças regionais, étnicas e religiosas sob a sua regulação.

A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2011, p. 49).

Esta edificação institucional do estado-nação demandou alicerces significantes, estratégias representacionais acionadas para construir o senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional. Assim, recorreu-se, por exemplo, aos mitos de origem que ressaltam a polaridade entre os patriotas e os estrangeiros. “Toda identidade é incompleta sem a imagem de alteridade. Os mitos de origem nacional na tradição europeia a constituíram na contraposição e, por vezes, na negação do outro” (SORJ, 1997, p. 149).

3.3 ASPECTOS ÉTNICOS E NACIONAIS DA IDENTIDADE CONSTRUÍDA PELOS JUDEUS DA NOVA ALIANÇA

Nas civilizações antigas, não havia um limite bem delineado entre os elementos profanos e sagrados das sociedades. A fronteira entre a política e a religião era tênue. Nas sociedades teocráticas o poder era partilhado entre os proprietários das terras, guerreiros e sacerdotes. O ofício da escrita, da divulgação e da interpretação das leis do estado e dos códigos religiosos antigos era, portanto, uma tarefa estratégica no contexto social das primeiras civilizações que se constituíram na região do crescente fértil (Egito e Mesopotâmia)³². Decorre-se daí, a posição social de destaque dos poucos privilegiados que detinham o saber e a prática da escrita e da leitura nestas sociedades. É neste contexto que surge o povo de Israel. Segundo a tradição, o grupo étnico dos judeus foi formado pela descendência do patriarca Avraham (Abraão), procedente da Mesopotâmia. Já a formação da nação israelita teria ocorrido há cerca de 3500 anos, conforme a descrição presente no livro de Êxodo e estaria associada ao episódio da libertação dos hebreus da escravidão do Egito. A saída dos hebreus do Egito é o principal motivo da festa do *Péssach* (Páscoa). Nesta narrativa da origem nacional percebe-se a contraposição em face da alteridade entre judeus e egípcios, respectivamente, a afirmação dos adoradores do Deus único e a negação dos idólatras e politeístas. Os hebreus, sob a liderança do profeta Mosheh (Moisés), após o êxodo do Egito, teriam se dirigido ao deserto onde habitaram em cabanas (evento rememorado pela festa de *Sucot*). Lá Israel teria se estruturado como uma nação e recebido, de sua divindade, a *Torah*, código moral contendo leis, preceitos, estatutos e juízos (fato celebrado na festa de *Shavuót*). Segundo a tradição, ao pé do Monte *Sinai*, tal código de ética foi outorgado à nova nação, por isto, a expressão “a Ética do Sinai” ficou consagrada, empregada quando se quer fazer referência ao estilo de vida daqueles que praticam a *Torah*. Assim como todos os povos daquele tempo e lugar, a fronteira entre a política e a religião na nação judaica era fluída. Isto ocorre porque faz parte da tradição e religiosidade judaicas a sacralização do espaço. Para o judeu, o povo de Israel é o povo eleito de Deus, a terra de Israel é a Terra Santa e Jerusalém é a Cidade Santa. Os laços de pertença com Jerusalém, Israel e com o

³² O mesmo aconteceu em regiões onde, também à margem de grandes rios, foram surgindo outras importantes civilizações como na China, Índia e América central.

povo Judeu são considerados vínculos com o sagrado. Com efeito, a identidade cultural do povo de Israel tem seus aspectos étnicos, religiosos e nacionais tão entrelaçados que é impossível distingui-los.

Devido às várias diásporas que marcaram, ao longo dos séculos, a história de Israel, a maior parte da população judaica vive, ainda hoje, espalhada por diversas nações. Este grupo étnico empenha-se, simultaneamente, em preservar as suas tradições e evitar conflitos com a cultura das nações anfitriãs, o que nem sempre é possível. Dispersos por várias regiões do mundo, principalmente desde a guerra contra os romanos, ocorrida no ano 70, quando foram expulsos da Palestina, os judeus subsistiram como um povo sem pátria, atingindo o auge de seu sofrimento com o holocausto promovido pelos nazistas no século XX. Superando inúmeras tragédias o povo de Israel tornou-se exemplo de resiliência para outros povos explorados e que vivem em diásporas.

Há certas relações muito estreitas entre a diáspora negra e a diáspora judaica — por exemplo, a experiência de sofrimento e exílio, e a cultura do livramento e da redenção que resultam daí. Isto explica porque o rastafarismo usa a *Bíblia*, o reggae usa a *Bíblia*, pois ela conta a história de um povo no exílio dominado por um poder estrangeiro, distante de “casa” e do poder simbólico do mito redentor. Portanto, toda a narrativa da colônia, da escravidão e da colonização esta reinscrita na narrativa judaica. E no período da pos-emancipação, muitos escritores afro-americanos exploraram fortemente a experiência judaica como metáfora. Para as igrejas negras nos Estados Unidos, a fuga da escravidão e o livramento do “Egito” eram metáforas paralelas. (HALL, 2006, p. 417).

Evento recente que simboliza a capacidade de resistência dos judeus consistiu no estabelecimento do estado-nação de Israel. “A 14 de maio de 1948, o mandato britânico na Palestina chegou ao fim, e o último alto-comissário inglês partiu. Neste dia, Israel foi declarado independente pelo seu primeiro-ministro, David Ben-Gurion, no museu de arte moderna, em Tel-Aviv” (BACON, 2003, p. 194). Esta restauração do estado moderno de Israel se deu em meio à comoção que tomou conta de amplos setores da população mundial, diante do horror causado pelo o holocausto e por todas as atrocidades cometidas pelos nazistas contra a população judaica europeia, fatos profundamente lamentáveis que vieram à tona com fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

A grande maioria dos membros da Congregação Israelita da Nova Aliança é composta por pessoas que não são filhos de israelenses e nem nasceram no território de Israel, portanto, não possuem cidadania israelense. Não obstante

afirmarem que cerca de setenta por cento dos brasileiros possui ascendência judaica, em uma estimativa que parece bastante superestimada, a CINA não se apega a esta questão da ancestralidade judaica. O seu sentimento de pertença à nação moderna de Israel fundamenta-se em convicções religiosas. Nesta concepção, o Israel de hoje seria o mesmo Israel do passado, o povo escolhido por Deus, a Terra Santa. A CINA, mesmo antes do processo de *Teshuvah*, quando ainda se denominava Igreja de Deus (7º Dia), já associava o fato histórico da restauração do estado de Israel (1948) ao cumprimento das profecias bíblicas. Este retorno dos judeus à Palestina e a afirmação da nação moderna de Israel seriam sinais do fim dos tempos, parte de uma série de eventos escatológicos que culminarão com a volta de Yeshua *HaMashiach*, Jesus, como messias prometido à Israel. Com o seu retorno começaria então, um novo período da história da humanidade, que o judeu da Nova Aliança chama de reino milenar messiânico (*Yemei Mashiach*) no qual Jesus, finalmente, assumiria o trono a ele prometido, o trono de David, e a partir de *Yerushalayim* (Jerusalém), reinaria sobre toda a Terra durante mil anos. Assim, pela a origem sagrada do povo e da nação israelense e por seu papel protagonista no futuro anunciado pelas profecias, o judeu da Nova Aliança anseia ser e sente-se parte de Israel.

Com a experiência da *Teshuvah*, a Congregação Israelita da Nova Aliança, ao suscitar sentimentos de pertencimento ao povo e à nação de Israel, e incentivar a adoção de costumes judaicos, conduz os seus adeptos a viverem uma situação análoga aos judeus da diáspora, buscando habituar-se a uma tradição bem diferente da cultura ocidental na qual nasceram e vivem. Os membros da CINA fazem questão de empregar o pronome na terceira pessoa do plural quando se referem ao povo e à nação de Israel. Chegam ao ponto de usar, inclusive em suas prédicas e em seus vídeos, postados na *internet*, literalmente a expressão: “nós que vivemos na diáspora”.

David³³ é casado, está na CINA há cerca de três anos e teve como filiação religiosa anterior a Igreja Assembleia de Deus. Em seu depoimento David fala sobre os seus sentimentos de pertença ao povo e à nação de Israel.

³³ Informamos que os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios, visando manter o anonimato das mesmas. Sendo assim, as pessoas entrevistadas foram: David (instrutor em vistoria veicular, escolaridade ensino médio); João (engenheiro e empresário da construção civil, possui especialização *lato sensu*) e Moisés (mestre de obra, escolaridade ensino médio).

Um dos 613 mandamentos é retornar para Israel, existe esta *mitzvah*. O judeu tem que ir para Canaã, um dia nós não tivemos esta oportunidade, mas hoje nós temos. Esta é uma obrigação do judeu, por mais que existam opiniões diferentes dentro da comunidade, mas este é um mandamento para o judeu. Ele tem que retornar pra Israel. Mas por motivos políticos, por motivos religiosos a liderança judaica hoje não crê em Yeshua como messias. Então, não nos aceitam como judeus, mas por questões políticas, por que nós somos judeus. A história diz isto, a história judaica do Brasil diz isto. O fato de eu não ter nascido em lar judaico, eu tenho certeza que foi influenciado pelas diásporas que nossos pais viveram. Por perseguições, pogroms, holocausto. Há um dano muito grande a ser retratado, eu não posso querer que a comunidade judaica me aceite e pronto acabou, mas eles não podem também me rejeitar literalmente. Tem que ter ai um meio termo. Este sentimento existe, na nossa liturgia nos repetimos: “no ano que vem em Jerusalém”. Se este sentimento não existe é um tipo de judaísmo inqualificável, adormecido. Os nossos sábios dizem que um dos motivos do holocausto foi isto. Os judeus diziam que Berlim era a sua Jerusalém. Então se perdeu, um dos postulados do judaísmo que é viver em Canaã. Deus tirou com mão forte Israel do Egito para levar para Canaã, nisto consiste a existência do povo. Se não existe o desejo de ir para Canaã, perde-se o sentido de ser judeu (David).

O judeu da Nova Aliança que vive no Brasil reside em uma nação considerada democrática, governada a partir de um estado oficialmente laico e que legalmente certifica a liberdade de culto religioso. Como habitante de um país ocidental, ele participa de uma cultura profundamente marcada por ideais religiosos do cristianismo, religião predominante no Brasil e em todo o Ocidente. Nos países ocidentais de maioria cristã, apesar do caráter laico do estado e da liberdade de culto, formas de religiosidades diferentes, com ligação e origens em grupos étnicos estrangeiros não estão livres de reações xenófobas e etnocêntricas, que podem ocorrer de formas veladas ou explícitas. Ao aderir à *Teshuvah*, a CINA assume o risco de expor seus membros ao antissemitismo³⁴.

A CINA, assim como todos os grupos que adotam a *Teshuvah*, passa por um processo de negação e de isolamento. Na busca pela identidade judaica, além do sentimento de pertencimento importa também a vivência da *Torah*. Neste caso, a ruptura exigida é a separação entre judeus e não judeus, entre os praticantes e não praticantes da lei, cujo objetivo é impedir a assimilação, a grande ameaça à continuidade do povo de Israel, que tem na *Torah* a sua maior e mais relevante referência identitária. Quem ingressa na CINA e começa a vivenciar esta experiência religiosa, que estão chamando de *Teshuvah*, precisa renunciar o envolvimento direto e comprometedor com os *goim* (gentios ou não judeus), como se associar com eles

³⁴ No local de culto, um Rosh (líder) relatou uma agressão que teria sido sofrida por uma criança da comunidade. Segundo o relato, a criança que transitava na rua teria sido agredida por um *skinhead*, simplesmente pelo fato de estar usando o *Kipah*, adorno próprio do judaísmo.

em negócios, se envolver emocionalmente ou fisicamente com eles ou permitir que qualquer membro de sua família, sob sua responsabilidade, o faça. É-lhe permitido visitar gentios parentes ou mesmo amigos íntimos, contudo mantendo alguns cuidados.³⁵ A CINA ao redefinir a sua identidade adotando a *Teshuvah*, intensificou, em larga escala, uma tendência fundamentalista que já caracterizava a sua identidade anterior, quando ainda se denominava Igreja de Deus (7º Dia). Membros desta expressão religiosa, que afirmam ter efetivamente assumido o compromisso de cumprir diligentemente a *Torah*, considerada verdade absoluta, testemunham mudanças em seu cotidiano, inclusive certo grau de segregação. Tal prescrição de isolamento contribui para aproximá-los do perfil de uma comunidade que vive o fundamentalismo religioso.

Os membros da Congregação Israelita da Nova Aliança se consideram parte do povo de Israel, mas uma identidade cultural é algo mais que um sentimento de pertencimento do indivíduo a um grupo social. A identificação dos israelitas da Nova Aliança se fundamenta também em características, ideais, valores e costumes compartilhados com os judeus tradicionais, especialmente, o estudo sistemático da *Torah* e a dedicação na prática de seus mandamentos (*mitzvot*).

A circuncisão (*berit milah*) é um das *mitzvot* da *Torah* mais intimamente associada à identidade judaica. *Berit* significa pacto e é uma referência à aliança que teria sido estabelecida entre Deus e o patriarca Avraham. A circuncisão seria o sinal, a marca deste pacto. A partir de Abraão um recém-nascido hebreu, do sexo masculino, deveria juntar-se ao povo judeu através do *berit milah*, realizada em seu oitavo dia de vida. Mas, se o bebê estiver doente, com icterícia ou é prematuro, o *berit milah* é adiado até que esteja em condições. Anatomicamente a circuncisão consiste na simples remoção do excesso de pele do órgão masculino, simbolicamente ela representa o domínio espiritual sobre a compulsão primitiva.

Alguém que tenha um mínimo de conhecimento sobre judaísmo sabe da inestimável importância deste símbolo na relação formal entre o ser humano e Deus. Paradoxalmente, este símbolo da mais sublime união conhecida pelo homem é expresso em seu ser físico, no órgão que melhor representa a condição terrena de sua existência, sua parte mais íntima. A circuncisão é o primeiro mandamento dirigido específica e exclusivamente aos Judeus. Há outros símbolos da aliança, mas a circuncisão continua sendo o mais importante e, na Bíblia, o mais presente. (LAMM, 2008, p. 131-132).

³⁵ Informações disponíveis em: <http://www.israelitas.com.br/conversao/arquivos/compromisso.pdf>.

Hoje, os membros da Congregação Israelita da Nova Aliança praticam a circuncisão. Mas surpreendentemente, foi justamente este mandamento o primeiro dirigido especificamente aos judeus, a marca identitária considerada a mais importante, que se tornou uma das últimas *mitzvot* da *Torah* a ser praticadas pelos judeus da Nova Aliança. Esta demora na realização da circuncisão explica-se como um dos vestígios da identidade anterior desta comunidade. Até recentemente a liderança da CINA manteve um posicionamento idêntico ao dos cristãos no que concerne à prática da circuncisão. Ela ensinava que a partir de Yeshua (Jesus), o mediador da Nova Aliança, não haveria necessidade de um gentio convertido cumprir tal mandamento, pois a circuncisão não seria mais física (na carne) e sim espiritual (no “coração”). Por quase uma década, vivendo a *Teshuvah*, e buscando guardar os demais mandamentos da *Torah*, a CINA não praticou a circuncisão. No entanto, há cerca de dois anos, a liderança anunciou que a circuncisão passava a ser obrigatória e hoje todos os membros estão sendo orientados a cumprir esse rito de iniciação. Atualmente, nenhum membro da CINA pode participar do *Pêssach* (Páscoa) sem que antes seja circuncidado. Os motivos desta inflexão não foram esclarecidos nos veículos de divulgação. Este atraso na adoção do *berit milah* também evidencia que a *Teshuvah*, vivenciada pelos judeus da Nova Aliança, consiste em um processo, e como tal, passível de avanços e recuos, sendo uma construção flexível e inacabada em busca de uma identificação judaica pelos membros de uma comunidade que pertence à cultura ocidental brasileira. A adesão à prática da circuncisão rendeu críticas tanto de judeus tradicionais quanto de cristãos, críticas estas que foram contrapostas nos espaços midiáticos acessados pela CINA. De qualquer forma, a decisão de passar a cumprir esta *mitzvah* (mandamento da *Torah*) mostra-se mais em harmonia com o objetivo da construção de uma identidade judaica, assumido por esta expressão religiosa.

3.4 AS FORMAS DE LEGITIMAÇÃO DA IDENTIDADE CONSTRUÍDA PELOS ISRAELITAS DA NOVA ALIANÇA

Através da experiência religiosa da *Teshuvah*, os membros da Congregação Israelita da Nova Aliança estão redefinindo a sua identidade cultural. Mas não basta redefini-la. Como toda construção humana, a *Teshuvah* é frágil e carente de mecanismos que a legitimem.

Para Berger (1985), o homem está, inicialmente, em desvantagem na natureza. A exemplos de outros mamíferos, o homem está em um mundo que precede o seu aparecimento. Mas ao contrário dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, pré-fabricado para ele. O homem precisa fazer um mundo para si. Este mundo, feito para o homem e pelo homem em sociedade é a cultura. Assim, o ser humano, em condições singulares na natureza, constrói o mundo a sua volta e neste processo constrói a si mesmo. No entanto, esta realidade socialmente construída é intrinsecamente frágil, necessitando de legitimação, ou seja, de mecanismos que lhe atribuam sentidos, significados com a função de sustentá-la em face de sua precariedade. Ao construir a sua realidade o homem estabelece instituições, hierarquias, ordem e regulamentos que, ao serem questionados, precisam ser defendidos. As legitimações consistem no conhecimento acionado para elucidar e validar a ordem social, para responder a todo e qualquer questionamento aos aparelhos institucionais (BERGER, 1985, p. 42).

A *Teshuvah*, como qualquer construção humana coletiva, é frágil e, para defendê-la, a comunidade que a vivencia precisa recorrer a diversos meios de legitimação. Para Berger a legitimação pode ocorrer em vários níveis:

Ao nível pré-teórico devem encontrar afirmações tradicionais simples cujo paradigma é “É assim que se faz”. Segue-se um nível incipientemente teórico em que a legitimação assume a forma de provérbios, máximas morais e sabedoria tradicional. [...] Só então se chega às legitimações altamente teóricas pelas quais o nomos de uma sociedade é legitimado *in toto* e em que todas as legitimações menos que totais são teoricamente integradas numa cosmovisão que abrange tudo. (BERGER, 1985, p. 44).

Dentre as diversas formas de legitimação da ordem institucional, a legitimação de matizes religiosas é incomparavelmente superior a todas as outras formas, por sua faculdade de associar realidades supremas às frágeis construções humanas da realidade. Esta modalidade de legitimação faz com que a “ordem institucional seja interpretada de modo que oculte seu caráter de algo construído” (BERGER, 1985, p. 46). Desta forma, este tipo de legitimação faz crer que a organização social tenha origem sagrada e que, portanto, não se deve questioná-la. Através da legitimação religiosa, as construções humanas, contraditórias e carentes de legitimidade, recebem a aparência de solidez e perenidade, ou seja, ganham um caráter cósmico.

A cosmoficação se refere, é claro, não só às estruturas nômicas gerais, mas, às instituições e papéis específicos numa dada sociedade. O *status* cósmico atribuído a eles é objetivado, isto é, torna-se parte da realidade objetivamente disponível das instituições e papéis em causa. (BERGER, 1985, p. 49).

Com efeito, quando a religião é acionada como forma de legitimação apresenta um alto potencial para contribuir na tarefa de manutenção da realidade do mundo socialmente construído, no qual os indivíduos vivem seus cotidianos.

O que vem ocorrendo na Congregação Israelita da Nova Aliança, com o desencadeamento do processo de *Teshuvah*, não é o simples tráfico dos símbolos do judaísmo ou um mero performismo da cultura e religiosidade judaicas. Trata-se da redefinição da identidade de uma comunidade. Mas esta construção identitária requer suportes ideológicos legitimantes. Quais são os mecanismos que judeus da Nova Aliança têm acionado para legitimar esta identidade que vem sendo construída?

3.4.1 A Dedicção ao Estudo e ao Cumprimento da *Torah*

A principal forma de legitimação para a identidade, que vem sendo construída pelos membros da CINA, a partir da *Teshuvah*, é de caráter religioso. Trata-se da diligência no estudo e na observância dos preceitos morais estabelecidos pela divindade ética dos judeus. Conhecendo profundamente e buscando cumprir com austeridade as *mitzvot* (interdições e obrigações que compõem a *Torah*) os judeus da Nova Aliança esperam legitimar-se como parte do povo de Israel. Neste empreendimento eles acreditam que estão sendo auxiliados por *Ruach HaKodesh* (o Espírito Santo) como cumprimento da promessa anunciada pela profecia: "Infundirei em vós o meu Espírito e vos farei caminhar segundo as minhas leis, guardar e praticar os meus costumes" (Ezequiel 36,27). Ao atribuir a *Teshuvah* o status de cumprimento de profecias³⁶, a CINA está acionando a legitimação de cores religiosas. Fazendo membros e prosélitos acreditarem que esta experiência tenha

³⁶ "Dias virão - oráculo do Senhor - em que firmarei com a comunidade de Israel - e a comunidade de Judá - uma nova aliança. Será diferente da aliança que firmei com seus pais quando os tomei pela mão, para fazê-los sair da terra do Egito. Eles romperam a minha aliança; eu, porém, continuo sendo o dono deles - oráculo do Senhor. Eis pois, a aliança que firmarei com a comunidade de Israel depois desses dias - oráculo do Senhor -: Eu depositarei minha instrução no seu íntimo, escrevendo-a em seu coração: eu me tornarei Deus para eles, eles se tornarão um povo para mim (Jeremias 31,31-33).

origem sagrada e que, como tal, não é prudente e nem aconselhável questioná-la. Assim as suas incoerências e fragilidades são ocultadas.

3.4.2 A Celebração das Festas da Tradição Judaica

Os membros da Congregação Israelita da Nova Aliança estão acionando, como estratégia de legitimação da identidade que estão construindo a partir da *Teshuvah*, a assimilação e prática das tradições do povo de Israel, especialmente, a celebração das festas do calendário hebreu. Parte destas festas já são mandamentos da *Torah*, reguladas por seus preceitos, mas outras são ligadas à tradição e são instruídas por recomendações dos sábios do judaísmo.

Segundo Brandão (1989), a festa, religiosa ou profana, é uma sequência de ritos que ocorrem em lugar e tempo escolhidos e separados. Momentos especiais com significados relevantes à comunidade, uma viagem na memória coletiva. Seu enredo resulta de uma escolha, consciente ou não, do que deve ser revivido, celebrado e do que deve ser esquecido, silenciado. A festa é um texto que deve ser atentamente lido, um texto social que traz mensagens reveladoras sobre a sociedade que a promove. Por exemplo, em comunidades pequenas e interioranas os aspectos religiosos e comunitários são mais celebrados; já nos grandes centros, os motivos cívicos e individuais são mais solenizados. Mas de modo geral, valores coletivos são expostos, evidenciados.

A festa não é a ruptura com o real, mas uma representação da realidade, um espelho que exagera, mas não ilude. Momentos de descontração e descuido nos quais as pessoas se revelam, mostrando quem de fato são e o que realmente desejam. A festa fala, e fala verdades. Verdades estas que durante a rotina social são ocultadas, caladas.

Mas a festa também reestabelece laços, reaproxima o indivíduo da comunidade. A dura e inevitável realidade, que afasta e individualiza, torna-se mais aceitável porque a festa faz lembrar que não se está só, nem durante o dia-a-dia nem durante a sua celebração. Os sentimentos de pertença são refeitos na medida em que as metáforas da realidade concreta são representadas em comunidade.

As festas precisam ser planejadas e anunciadas. O planejamento e o anúncio são quase parte da festa, o sucesso mostra o esmero que há na distribuição de

funções e arrecadações de recursos. O planejamento geralmente é responsável e eficiente, mesmo quando acontece já em atitude festiva (BRANDÃO, 1989. p. 7-42).

As festas judaicas chamam a atenção, não pelo número de seus participantes, mas por ocorrerem, ao mesmo tempo, tanto em Israel, como em diversas partes do mundo, promovidas pelos judeus que vivem na diáspora (*galut*). Nelas há uma parte mais dedicada ao sagrado, composta por variados e extensos rituais religiosos e outra parte, mais descontraída, que abrange banquetes nas casas ou nos locais de culto, geralmente, muito alegres envolvendo danças judaicas e canções em hebraico, representando um rico universo simbólico. Todavia, mesmo esta parte mais descontraída das festas não está desvinculada da fé monoteísta. As danças, por exemplo, são consideradas formas de adoração por excelência nas quais o israelita adora ao seu único Deus com todo o corpo.

As festas do calendário hebreu reforçam os laços identitários e transmitem às novas gerações crenças e valores da tradição israelita. Algumas destas festas são bíblicas, ou seja, são *mitzvot* (mandamentos) estabelecidos pela *Torah*. Já outras são tradições instituídas ao longo do tempo, geralmente associadas a eventos da história de Israel e regidas por instruções rabínicas, presentes em outros textos do judaísmo.

A tradição judaica que sacraliza textos, como a *Torah*, que sacraliza espaços, como o templo, a cidade de Jerusalém, a terra de Israel, também sacraliza o tempo. Cada uma das festas judaicas tem sua própria sequência de ritos, que ocorre em lugar e tempo separados, sacralizados. A *Torah* refere-se a este tempo sacralizado como sendo dias de santa convocação. A primeira destas datas santas e mais importante das festas judaicas é o *Shabat* (Sábado). No sétimo dia da semana toda obra civil deve cessar e o judeu deve se dedicar exclusivamente à sua religião, à sua espiritualidade.

O grande teólogo do século 20, o rabino Abraham Joshua Heschel, declarou de forma belíssima: "O Templo foi um santuário no espaço; o *Shabat* é um santuário no tempo". Por seis dias vivemos preocupados com o "como"; a cada sétimo dia mudamos o foco de nossas existências para o "por quê". (BLECH, 2004, p. 149).

Depois de passar todo o dia dedicando-se unicamente a sua religiosidade, o judeu praticante celebra, junto com sua família, o término do *Shabat*, através de uma

cerimônia conhecida por *Havdalah*. Entre as rezas que compõem este ritual de despedida da data santa está a bênção da separação:

Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que fazes separar o santo do profano, a luz da escuridão, Israel dos demais povos, e o sétimo dia dos seis dias de trabalho. Bendito sejas Tu, Eterno, que separas o santo do profano. (FRIDLIN, 1997, p. 217).

A guarda do sábado é uma das principais marcas da identidade judaica, sempre destacada no Antigo Testamento: "Considerai sagrados os meus sábados; eles são um sinal entre mim e vós, para que se saiba que eu sou o Senhor, vosso Deus" (Ezequiel 20, 20). Neste texto o termo sábado aparece no plural (*Shabatot*), por não se referir apenas ao sétimo dia da semana, mas também aos outros sábados (Dias de descanso), que fazem parte das outras festas judaicas, dias que também são considerados santos, dias de santa convocação.

Além do *Shabat*, entre as festas mais importantes do calendário hebreu estão *Pêssach* (Páscoa), *Rosh Hashanah* (Ano Novo), *Chanuchah* (A festa da dedicação do templo), *Shavuot* (comemoração do recebimento da *Torah*), e *Sucot* (Festa das cabanas)³⁷. Estas épocas festivas do ano judaico são momentos especiais com significados relevantes à comunidade e nota-se, em todas elas, elaborações didáticas e uma atenção toda especial para incentivar a participação das crianças. A celebração das festas judaicas envolve sentimentos de pertencimento ao judaísmo, ao povo hebreu e à nação israelense. Portanto, reforçam laços de identidade religiosa, étnica e nacional. Tanto as festas bíblicas, quanto as festas com maior apelo étnico ou nacional assumem caráter espiritual, na medida em que, nesta tradição, os laços de pertença com Israel, o povo eleito de Deus, são considerados vínculos com o sagrado. No cenário cultural moderno, no qual as instituições religiosas assistem enfraquecer a sua capacidade de transmissão de seus valores éticos e crenças às novas gerações, as festas da tradição judaica são um importante trunfo para a perpetuação do judaísmo. Em cada festa ativa-se a memória de um fato emblemático da história de Israel, revigorando os laços de pertencimentos e atualizando todo o seu código de sentido étnico, cívico e religioso.

³⁷ Para mais informações sobre as festas judaicas consultar: LAMM, Maurice. *Bem-vindo ao Judaísmo: retorno e conversão*. Trad. Dagoberto Mensch. São Paulo: Sêfer, 2008; BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre Judaísmo*. Trad. Uri Lam. São Paulo: Sêfer, 2004.

A CINA tem celebrado as festas judaicas em um nítido esforço de estabelecer e estreitar laços identitários com o povo de Israel. Assim como no judaísmo tradicional, a participação do judeu da Nova Aliança nestes eventos não é facultativa. O cuidado com a realização destas festas requer compromissos, inclusive financeiros. Ao entrar para a comunidade o ingressante assume, formalmente, as seguintes obrigações contratuais:

A atender assiduamente a todo ajuntamento solene, seja no Shabat ou qualquer uma das festas bíblicas, como mandamento da Torah para minha vida e de minha família e, sempre que possível, a todo encontro ou ajuntamento congregacional que faça parte da agenda de eventos da CINA, de nível nacional ou em minha região. Caso tenha de me deslocar até a Kehilah mais próxima de minha cidade, e isso me onere custos, posso utilizar de minha reserva referente ao dízimo das festas (Maasser Sheni) o segundo dízimo, para tanto. A não frequência em ajuntamentos obrigatórios, por tempo superior a 30 dias e sem justificção, poderá resultar no meu afastamento ou desfiliação do rol de membros da CINA.³⁸

Conforme este compromisso, além das outras obrigações financeiras para com a comunidade, o membro é instruído a ir guardando, mensalmente, dez por cento de sua renda com a finalidade exclusiva de financiar a participação de sua família nestes eventos festivos. É o segundo dízimo, ou o dízimo das festas, que a liderança procura legitimar, em alguns textos da *Torah*, como aporte financeiro compulsório.

3.4.3 Reivindicação de uma Linhagem Histórico-Doutrinária

A partir de dados teológicos, a Congregação Israelita da Nova Aliança constrói argumentos para legitimar-se como instituição religiosa. Esta estratégia já era utilizada desde antes do processo de *Teshuvah*, quando esta expressão religiosa, que ainda se denominava Igreja de Deus (7º dia), afirmava ser a igreja que surgiu na Palestina do início do século primeiro e que foi fundada pelo próprio Jesus. Tal reivindicação de origem fundamenta-se, principalmente, na alegação de que as doutrinas ensinadas pelos apóstolos de Cristo foram sendo preservadas, ao longo do tempo, por comunidades que não se desviaram do que seria a fé original, mesmo em tempos de aberta apostasia e severa perseguição.

³⁸ Compromisso de ingresso mediante a *tevilah* (batismo). Disponível em: <http://www.israelitas.com.br/conversao/arquivos/compromisso.pdf>.

Entre os pontos doutrinários considerados evidências de que a IDSD não teria sido contaminada por falsas doutrinas estariam: a rejeição do Natal, da Trindade e do domingo, considerados como assimilação de costumes pagãos. Além disso, a abstinência de alimentos impuros (conforme lista em Levítico 11 e Deuteronômio 14) e o batismo apenas em nome de Jesus seriam práticas da igreja que se manteve pura. Destaca-se ainda, como evidencia a denominação, a observância do sábado, a guarda do “7º Dia”, que teria sido praticada pela igreja primitiva e seria a principal marca de identificação da verdadeira igreja ao longo dos séculos.

Somente a partir de 2004, com início da *Teshuvah*, que a busca pela identificação com o povo de Israel e a adoção do sistema simbólico do judaísmo passou a ser um componente essencial da identidade construída por esta comunidade. Uma das implicações destas mudanças foi a opção por alterar a denominação. A comunidade passou a se identificar mais com o judaísmo e se denominou Congregação Israelita da Nova Aliança. Fundamentando-se em textos do *Tanach* (Antigo Testamento), sem abandonar os escritos da *Brit Chadashah* (Novo Testamento), embora com certas reservas, a CINA tem buscado construir argumentos para a consolidação de sua teologia e plausibilidade institucional.

Mas qual seria a razão de tanto empenho nesta busca pela identificação com o povo de Israel? Sabe-se que muitos consideram a cultura judaica esteticamente apreciável e atrativa. Judeus destacam-se em atividades econômicas, nas artes, na ciência e na tecnologia. Sua culinária é apreciada em vários lugares do mundo. O povo judeu, apesar de ter enfrentado inúmeros percalços e tragédias em sua história, é alegre e festivo. Mas nada disto pode justificar a adesão a um processo tão radical quanto o que, hoje, testemunham os membros da CINA. O motivo que parece ser mais contundente está ligado à forma de interpretação teológica desta comunidade, especialmente às questões atinentes à salvação, ou seja, a sua soteriologia.

Como o exposto, mesmo quando esta comunidade ainda se chamava Igreja de Deus (7º Dia), ela já apresentava diferenças teológicas expressivas em relação à maior parte das igrejas cristãs. A partir de 2004, ao se aprofundarem em seus estudos bíblicos, os líderes da IDSD em Curitiba, chegaram a algumas conclusões ainda mais divergentes, inclusive quanto à doutrina da própria IDSD da América do Norte. Tais conclusões foram essenciais para o desencadeamento do processo de *Teshuvah*. Mas, como não se trata de um trabalho teológico, não é pertinente

discutir aqui todas estas novas convicções. Contudo faz-se necessário mencionar as principais. Mediante tais estudos chegou-se à conclusão de que a salvação é exclusivamente para os judeus. Evidentemente, esta nova crença teve muitos desdobramentos. Ela está fundamentada em textos do Antigo e do Novo testamento, a exemplo da fala atribuída a Jesus: “Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus” (João 4,22). A conclusão extraída deste texto foi: se a salvação vem, de fato, dos judeus, é imprescindível se aproximar deles, fazer parte deles. Além disso: se a salvação vem dos judeus, então o povo de Israel nunca deixou de ser o povo de Deus, como alega a teoria da substituição, defendida pela maior parte dos cristãos. Os judeus da Nova Aliança citam, amiúde, outro texto, atribuído ao Apóstolo Paulo (Shaul HaShaliach). Tal texto menciona supostas prerrogativas espirituais dos hebreus, “eles que são os israelitas, a quem pertencem a adoção, a glória, as alianças, a lei, o culto, as promessas e os pais, eles enfim dos quais, segundo a carne, descende o Cristo, que está acima de tudo, Deus bendito eternamente. Amém” (Romanos 9, 4-5). A partir deste texto a liderança da CINA corrobora o pensamento de que a salvação é somente para os judeus e que o povo de Israel nunca perdeu e nunca perderá a condição de povo eleito. Afinal, eles seriam os filhos de Deus e deles seriam a glória, os pactos, a *Torah* e a verdadeira adoração. Todas as promessas de Deus seriam para o povo de Israel, inclusive a salvação através do *Mashiach* (Cristo). Não haveria outra forma para a salvação dos gentios, senão, unir-se ao único e verdadeiro povo de Deus.

Os judeus da Nova Aliança afirmam que a porta sempre esteve aberta para que os gentios pudessem se achegar ao povo de Deus. O propósito de Deus seria que os gentios se convertessem e, a partir da conversão, passassem a fazer parte do povo de Israel. Ele nunca teria pretendido substituir Israel ou formar dois povos para si. As conversões dos gentios e a sua incorporação ao povo de Israel teria sido anunciada pelos profetas:

Não diga o filho do estrangeiro, que se apegou ao Senhor: “O Senhor vai certamente separar-me do seu povo!”, / não diga o eunuco: “Sou uma árvore seca!” Pois assim fala o Senhor: aos eunucos que guardam os meus sábados, que escolhem fazer o que me agrada, e que se mantêm na minha aliança, a estes eu reservarei na minha Casa, nos meus muros, uma estela com o seu nome; isto será melhor que filhos e filhas; ali inscreverei um nome perene, que jamais será suprimido. Os filhos de estrangeiros, que se apegam ao Senhor, para assegurar o seu serviço, para amar o nome do

Senhor, para lhe pertencer como servos, para aqueles que guardam o sábado, sem desonrá-los, e que se mantêm na minha aliança. (Isaías 56, 03-06).

Estes gentios estariam juntos, tomando parte do mesmo povo, Israel; abraçariam a aliança do Eterno (Deus) e seriam observadores da *Torah*, inclusive, guardando o *Shabat*. Os judeus da Nova aliança também citam, de forma recorrente, a resposta da *moabita* convertida Rute, quando sua sogra, a israelita Naomi lhe liberou para voltar a sua terra natal, *Moabe*: "Não insistas para que te abandone, e me afaste de ti; porque para onde fores, irei; e onde passares a noite, eu a passarei; teu povo será meu povo e teu Deus, meu Deus" (Rute 1,16). Através deste texto, os membros da CINA chegam a uma conclusão definitiva e crucial: "É impossível ter o D-us de Israel por teu D-us e não ter Seu povo Israel, por teu povo"³⁹. Rute é considerada exemplo de uma convertida sincera que abraçou o judaísmo de todo o coração. A partir da conversão, que tem na biografia de Rute um modelo, não haveria nenhuma distinção entre judeus e gentios convertidos. Estes, ao passarem pela *Tevilah* (batismo) e pelo *berit milah* (circuncisão), tornar-se-iam membros e participantes da comunidade de Israel, mediante o enxerto na oliveira (Israel)⁴⁰. Deixariam de ser gentios e passariam a ser o mesmo e único povo, vivendo conforme as *mitzvot* (mandamentos) da *Torah*.

No símbolo de nossa Congregação temos dois anéis que formam uma interseção. Os dois círculos significam as duas alianças e também dois povos: judeus e gentios. No espaço interseccional, a Congregação Israelita da Nova Aliança formando ambos um só povo. É formada de judeus crentes em Yeshua HaMashiach e de gentios convertidos ao D-us de Israel, unidos sob esta Nova Aliança num só povo, numa só família⁴¹.

Assim, o plano de Deus para salvar os gentios e dar-lhes o direito às mesmas promessas feitas à descendência de Abraão (Avharam) se cumpriria apenas por uma única fórmula, unindo-os ao povo de Israel.

A *Teshuvah* é construída e vivida em uma comunidade e, como toda construção humana, necessita de suporte de legitimidade. Esta comunidade, a

³⁹ Disponível em: <http://www.israelitas.com.br/estudos/estudosVer.php?id=49>.

⁴⁰ Alusão à metáfora presente no texto: "Com efeito, se tu, cortado da oliveira selvagem à qual pertencias por natureza, foste, contrariamente à tua natureza, enxertado na oliveira frutífera, quanto mais estes serão enxertados em sua própria oliveira, à qual pertencem por natureza" (Romanos 11,24). Enquanto para os evangélicos esta oliveira representaria Jesus, para a CINA esta oliveira seria o povo de Israel.

⁴¹ Disponível em: <http://www.israelitas.com.br/estudos/estudosVer.php?id=33>.

Congregação Israelita da Nova Aliança, por sua vez, também precisa acionar mecanismos que sustentem a sua plausibilidade enquanto instituição. Ela é, sobretudo, uma comunidade religiosa, logo, os elementos predominantemente ativados para legitimá-la são de cunho religioso. Por ser uma experiência religiosa e construção social, a *Teshuvah* carece de mecanismos que a legitimem, contudo, como numa via de mão dupla, é também utilizada como mecanismo de legitimação religiosa da própria instituição que a promove. A CINA, por sua pretensa linhagem histórico-doutrinária, se considera a legítima guardiã da “sã doutrina”. Os seus esforços concentrados no processo de *Teshuvah* evidenciam o interesse de seus sacerdotes em estabelecer uma legitimidade institucional, persuadindo membros e prosélitos de que são parte do único e verdadeiro povo de Deus, Israel. O processo de *Teshuvah*, que incidiria na obediência à *Torah*, é reputado como uma evidência irrefragável desta pertença. Tal convicção torna-se ainda mais inquietante por ser considerada uma questão diretamente associada à salvação.

4 O COTIDIANO PAUTADO PELA ÉTICA DO SINAI

O processo de *Teshuvah*, vivenciado pelos membros da Congregação Israelita da Nova Aliança, não consiste no simples “retorno” ou assimilação da fé e práticas religiosas judaicas. Tal movimento envolve também elementos culturais que sugerem transformações no dia-a-dia do prosélito, usando a expressão cunhada por Lemos (2012): “mudanças na tessitura da vida cotidiana”. Este capítulo visa tratar das implicações da *Teshuvah* na vida dos convertidos, considerando aspectos como o modo de se vestir, a alimentação, a sexualidade, a criação dos filhos, além das restrições religiosas que impactam em sua participação na educação formal e no mundo do trabalho. Ao aderir ao sistema simbólico do judaísmo, o israelita da Nova Aliança, efetivamente praticante, assume o caráter específico de compromisso da religiosidade judaica. Este caráter contratual tem como base principal a *Torah*, mas se expressa também nos estatutos que regem a comunidade. Alguns destes estatutos foram consultados como fontes na elaboração desta parte da pesquisa.

A metodologia deste último capítulo também contou com depoimentos de membros da Congregação Israelita da Nova Aliança que congregam na *Beit* de Goiânia, pessoas que defendem e que testemunham viver esta experiência que denominam *Teshuvah*. Os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios, visando manter o anonimato das mesmas. Sendo assim, as pessoas entrevistadas foram: David (instrutor em vistoria veicular, escolaridade ensino médio); João (engenheiro e empresário da construção civil, possui especialização *lato sensu*) e Moisés (mestre de obra, escolaridade ensino médio). Todos os participantes estão na faixa etária entre dezoito e sessenta e cinco anos. As entrevistas foram realizadas na sede da comunidade, no dia 18 de abril de 2015.

4.1 A TESHUVAH: EFEITOS NO COTIDIANO

Os seguidores praticantes da Congregação Israelita da Nova Aliança, ao adotarem a *Teshuvah* e assumirem para si o sistema simbólico do judaísmo, passaram a testemunhar mudanças relevantes em seus sistemas social e psicológico. Geertz (2008) explica que os símbolos religiosos induzem o devoto a certas disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações). Estas disposições marcam a vida do crente, pois

tendem a conferir um mesmo caráter crônico, tanto a suas atividades religiosas, como a suas atividades ordinárias. Para este autor religião consiste em:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 2008, p. 67).

Segundo este autor, a religião é capaz de suscitar mudanças significativas no cotidiano das pessoas devotas, por sua propriedade de assentar construções sociais em uma ordem cósmica imaginada e de projetar representações da ordem cósmica no nível da vivência humana. O fato é que a busca de um devoto por sua elevação espiritual não se dá de forma desconexa ao sentido de direção que norteia a sua vida prática. A consciência que leva um crente a cumprir obrigações religiosas, corresponde aos mesmos sentimentos que infundem ideais morais, através dos quais se mantém a sociedade cônica da perversidade e condenação de delitos como o roubo e o homicídio.

A disciplina exigida em longos rituais pode contribuir para que o religioso aja, em espaços seculares da sociedade, também de forma disciplinada e persistente. Isto se dá porque, de alguma maneira, a visão transcendental de verdade, dominante no ambiente religioso, termina por influenciar as atitudes do crente no mundo profano.

A perspectiva religiosa repousa justamente nesse sentido do "verdadeiramente real" e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo e, tanto quanto possível, torná-lo inviolável pelas revelações discordantes da experiência secular. Mais uma vez, a essência da ação religiosa constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos — da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam — de uma autoridade persuasiva. (GEERTZ, 2008, p. 73).

Conclui-se que os efeitos da ética e prática religiosas não se restringem ao templo e ao âmbito religioso, impactam também o cotidiano dos devotos. É fato que nas mais diversas expressões religiosas modernas, ocorre o fenômeno dos crentes que, não obstante frequentarem o templo, não se interessam ou não conseguem praticar a doutrina ensinada por sua liderança institucional (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 81). Certamente que tal fenômeno também se dá na CINA, como revelam as prédicas dos líderes, transmitidas via internet, nas quais membros são admoestados

por esta falta de compromisso com os deveres assumidos. Contudo, outros membros, a partir da mudança do sistema de símbolo promovida com a *Teshuvah*, têm testemunhado transformações em suas biografias e cotidianos. Como afirmou um membro da *Beit* de Goiânia:

Ser judeu não é simplesmente uma religião, judaísmo é muito mais do que isto, é ser parte de um povo, é uma filosofia, é uma cultura [...]. Depois que eu passei a ser membro da comunidade israelita a gente vê que ser judeu afeta todas as áreas de nossa vida (David).

O estilo de vida assumido pelos membros praticantes da Congregação Israelita da Nova Aliança, a partir do desencadeamento do movimento de *Teshuvah*, fundamentado principalmente nas instruções presentes na *Torah*, apresenta peculiaridades em vários aspectos.

4.1.1 Na Alimentação

Com a *Teshuvah*, os membros da Congregação Israelita da Nova Aliança passaram estudar as instruções judaicas atinentes à alimentação. Trata-se de diversos preceitos dietéticos austeros que, se seguidos à risca, representariam mudanças significativas no dia-a-dia daqueles membros que efetivamente decidissem viver este processo de conversão.

Para os judeus, o alimento sustém não apenas o corpo, mas a alma. Por isto, entre as práticas judaicas destaca-se um tipo de alimentação específica conhecida como *kasher* (termo hebraico que designa algo apropriado, adequado). Tais restrições e interdições alimentares estão entre os principais elementos de identidade étnico-religiosa que distinguiram os judeus, ao longo da história e nos diversos lugares nos quais se refugiaram.

Kashrut é o conjunto das leis concernentes à alimentação que teriam sido outorgadas por Deus ao povo judeu através da *Torah*, no Monte Sinai. As leis de *kashrut* pertencem à categoria das *mitzvot*, às quais nenhuma justificativa racional é conferida. Os judeus religiosos costuma obedecê-las como mandamentos dados por Deus, sem demandar explicações. Ela descreve os tipos de alimentos que a *Torah* declara adequados à ingestão, assim como a maneira apropriada de prepará-los.

Quanto à categoria das carnes, existe na *Torah* uma lista de animais que podem compor uma alimentação *kasher* (Levítico 11 e Deuteronômio 14). Por esta lista permite-se comer somente os mamíferos que são ruminantes e possuem cascos fendidos, como os bovinos, caprinos e ovinos. Logo, é proibido o consumo da carne de porco, coelho, paca etc. Dos animais marinhos, como se consomem apenas os peixes com barbatanas e escamas, naturalmente estão excluídos todos os crustáceos e moluscos. Quanto às aves, é proibido comer as que se alimentam de outros animais, conhecidas como aves de rapina, e permitido comer o frango, o peru, o ganso, o faisão e pato.

Além disto, de acordo com os preceitos estabelecidos na *Torah*, para que uma alimentação possa ser considerada *Kasher*, exigem-se também cuidados específicos em seu preparo. Seguindo a rigor tais preceitos, o menu pode conter os alimentos tradicionais da culinária judaica ou comida típica de qualquer região do mundo. O que facilita as coisas para a maior parte dos judeus que hoje vive fora de Israel, na diáspora (*Galut*).

A carne só é considerada *Kasher* quando a maneira de se abater os animais seguir dois princípios básicos: os animais não podem sofrer no processo de abate e o seu sangue precisa ser totalmente drenado, em respeito à *mitzvah* (mandamento) instituída na *Torah*: “Contudo, não comereis o sangue: derramá-lo-ás na terra, como água” (Deuteronômio 12,16). Após o abate, o animal é lavado e salgado para que dele se extraia todo o sangue. As carnes dos animais que não forem abatidos seguindo, rigorosamente, os métodos indicados são *Treif*, alimentação considerada imprópria para o consumo de um judeu religioso. Evidentemente, os alimentos preparados com o sangue, como morcela e molho pardo, de maneira alguma podem ser consumidos.

Quanto às frutas, verduras e legumes não há interdições ao seu consumo. Entretanto, necessita-se que sejam atenciosamente examinados para detectar e remover parasitas, vermes e insetos considerados imundos.

Na visão judaica, fazer a vontade de Deus, obedecendo a sua *Torah*, é razão suficientemente plausível para seguir a dieta nela prescrita. Mas além das questões pertinentes à tradição, os judeus garantem que os hábitos alimentares de seu povo trazem benefícios à saúde. Assim, antes mesmo da existência da refrigeração e demais técnicas de conservação dos mantimentos, restrições alimentares seguidas por motivos religiosos teriam contribuído para a saúde e longevidade do povo

hebreu. Para algumas linhas do judaísmo, uma das interdições alimentares é não combinar o leite e seus derivados à carne. Hoje, os nutricionistas alertam que o leite dificulta, ao organismo, a absorção do ferro, proveniente dos alimentos como a carne. Quem sabe a sabedoria popular estivesse agindo a favor da vida!

No entanto, o objetivo do preceito não era a saúde e o extremo rigor em seu cumprimento demonstra isto. Os praticantes do judaísmo que não misturam leite e carne separam meticulosamente panelas, talheres, louças e até a pia usada no preparo e degustação dos alimentos. Exigem-se no mínimo duas horas de intervalo entre o consumo desses grupos de alimentos. Assim, em suas refeições tradicionais, quando se serve carne não pode haver manteiga ou mesmo sorvete na sobremesa.

Alguns judeus alegam que os benefícios clínicos promovidos pela alimentação *Kasher* também viriam do hábito de comer os peixes considerados adequados ao consumo. Conforme as prescrições da *Torah*, são consentidos apenas o consumo de peixes que possuam escamas e barbatanas. As barbatanas e as escamas impediriam a inalação de toxinas, como o mercúrio, que poderiam contaminar o peixe, protegendo assim a saúde dos que optam pela comida *kasher*. Mas, vale ressaltar que os judeus ao obedecerem aos mandamentos da *Torah* não visam os seus supostos efeitos salutareos, mas, prontamente, fazer a vontade de sua divindade.

Os membros da CINA já selecionavam a sua alimentação conforme a lista de Levítico 11 e Deuteronômio 14, mesmo antes da adoção da *Teshuvah*, ou seja, ainda quando esta comunidade se chamava Igreja de Deus (7º Dia). Entre os anos de 2004 e 2014, já com o processo de *Teshuvah* em curso, as orientações quanto à alimentação pouco mudaram. Neste período, consta apenas que a liderança proibiu os membros de consumirem alimentos produzidos com o corante carmim cochonilha, produzido através do esmagamento de um determinado tipo de inseto. Foi apenas no início de 2015 que a liderança começou a ensinar e a cobrar de membros um maior rigor quanto às leis de *Kashrut*, relativas ao método de abate dos animais. Diante de tal determinação, havia apenas três opções para as famílias dos judeus da Nova Aliança: deixar de consumir carne; aprender os métodos de abate orientados pelos sábios do judaísmo ou passar a comprar carnes apenas dos estabelecimentos que ofertam os produtos com o selo *Kasher*, aplicado às carnes comercializadas e que têm todo o processo produtivo fiscalizado pelos rabinos. Ao optar por qualquer destas alternativas, o cotidiano das famílias efetivamente

praticantes acabou sendo afetado pela decisão, bastante recente, de se cumprir mais esta *mitzvah*. Em tais condições houve a diminuição do consumo de carne e o orçamento doméstico foi onerado, principalmente, para as famílias que residem longe dos estabelecimentos que comercializam os produtos com o selo *Kasher*, que ainda são poucos no Brasil e que se concentram no Estado de São Paulo. Depois que as leis de *Kashrut* foram implementadas, durante todas as observações realizadas na *Beit* de Goiânia, constatou-se que nas alegres e fartas refeições festivas do *Shabat*, não foram servidas mais carnes. Em uma oportunidade chamou a atenção uma guloseima alternativa, um pastel com recheio de chuchu. Há relatos, divulgados pela TV Israelita, que convertidos gaúchos estão fazendo churrasco apenas com sardinha. Percebe-se que esta nova situação, criada pela deliberação da comunidade em cumprir os preceitos da *Torah* relativos à alimentação, demanda mais algum tempo de adaptação.

4.2 IMPLICAÇÕES NOS RELACIONAMENTOS AFETIVOS

Para Bauman (2004), o relacionamento é um dos temas mais quentes da modernidade, e visivelmente o único jogo que vale a pena, apesar de seus evidentes riscos. Criticam alguns de seus colegas sociólogos que, afeitos a elaborar teorias a partir de métodos sofisticados para levantamento de dados, concluem de forma leviana que os indivíduos modernos estão totalmente abertos a amizades, laços, convívio, comunidade. O autor conclui que hoje em dia as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que se espera obter das relações. Os relacionamentos estão no topo das preocupações dos indivíduos modernos, justamente porque eles não têm sido considerados completa e realmente satisfatórios. E, quando satisfazem, o preço disso tem sido com frequência considerado excessivo e inaceitável.

Mas de que forma uma comunidade tradicional como a CINA, envolta nos conflitos e contradições da vida moderna, tem se posicionado quanto aos relacionamentos afetivos?

4.2.1 Na Sexualidade

A liderança da Congregação Israelita da Nova Aliança orienta os seus membros a abdicarem de qualquer forma de sexualidade considerada ilícita a partir de suas interpretações da *Torah*. Na visão desta comunidade, a *Torah* condena o sexo ou qualquer forma de intimidade física extraconjugal, pornografia, envolvimento íntimo virtual, homossexualismo, desrespeito às leis da *Tacharat HaMishpachah* (Pureza Familiar), entre outras práticas que “contrariam as regras que regem o comportamento sexual do povo de Israel, consideradas fora do contexto ‘natural’ e habitualmente praticados por outros povos”⁴².

Até o início da *Teshuvah* (2004) esta comunidade, então conhecida por Igreja de Deus (7º Dia), instruía os seus membros nas questões atinentes à sexualidade ministrando orientações e estabelecendo restrições que eram comuns em grupos religiosos tradicionais do campo do cristianismo. No entanto, ao adotar os preceitos próprios da religiosidade judaica, a liderança da CINA passou ensinar e exigir uma prática que não é ensinada em outras religiões, trata-se da *Tacharat HaMishpachah* (Pureza Familiar). Baseando-se em suas interpretações da *Torah*, esta expressão religiosa passou a proibir, terminantemente, as relações sexuais no período de menstruação. Durante todos os dias de fluxos exige-se total separação física entre o casal. Nos sete dias subsequentes já é permitida a aproximação, no entanto, marido e mulher prosseguem em total abstinência sexual. Só ao fim de todo este tempo é que o casal se reencontra plenamente. Em média, os cônjuges devem permanecer cerca de quatorze dias, em cada mês, sem manter contatos íntimos. Algumas mulheres reclamam que além de ser um tempo longo de abstinência, trata-se de um período no qual a mulher sente mais desejo e necessidade de se relacionar sexualmente. O senhor Moisés, líder da *Beit* de Goiânia, que antes pertencia à Igreja Adventista do Sétimo Dia e congrega na CINA há sete anos, ratifica que há de fato alguma resistência por parte de casais em conversão a este período de abstinência sexual. Mas assegura que, com a prática desta *mitzvah* (mandamento), os casais que realmente persistem no processo de *Teshuvah* passam a compreender e a valorizar a sua importância e benefícios.

⁴² Compromisso de ingresso mediante a *tevilah* (batismo). Disponível em: <http://www.israelitas.com.br/conversao/arquivos/compromisso.pdf>.

David é casado, está na CINA há cerca de três anos e teve como pertença anterior a Igreja Assembleia de Deus. Sobre tais benefícios e importância da Pureza Familiar David explica:

A niddah, este afastamento que a gente tem da mulher à primeira vista parece muito absurdo. Na verdade, se você for olhar sem preconceito e tentar entender o porquê desta lei, deste mandamento do Eterno, é como se fosse a desvulgarização do sexo. No casamento o pilar principal não é o sexo. Mas o sexo é um pilar. Existem outros fatores, outras coisas que englobam o casamento: relacionamento pessoal, a convivência, a harmonia, a conversa, o diálogo, o amor. Quando este afastamento faz esta chama do sexo aumentar eu tenho que me virar. E quais são as outras formas de me aproximar da mulher? Através do diálogo, de sair juntos, de procurar outras atividades. Por que um dia o sexo vai acabar, isto é uma certeza que a gente tem dentro do casamento. E aí? O que vai garantir este casamento até que a morte os separe? São os outros pilares. O sexo não é mal visto dentro do judaísmo, pelo contrário, mas tem este fator (David).

A Congregação Israelita da Nova Aliança é uma comunidade fruto do seu tempo e lugar e, como tal, tem que se deparar com problemas modernos, inclusive aqueles atinentes à sexualidade. Os *roshim* exortam quanto ao mau uso das tecnologias, que pode trazer graves consequências. Admoestam e punem membros que estão usando a internet para acessar sites com conteúdos pornográficos. Mas a liderança não condena a tecnologia em si, como vêm fazendo alguns religiosos. As suas críticas e orientações concentram-se nos problemas que estão levando a isto, como a falta de diálogo e entendimento entre o casal.

4.2.2 No Namoro e Noivado

Segundo o que foi aprovado no Fórum Ministerial realizado em Curitiba, 1º de Abril de 1994, e publicado no Código de comportamento para jovens, solteiros e viúvos⁴³, os membros da CINA devem evitar o envolvimento até que se completem dezoito anos para a moça e vinte para o rapaz. Na visão desta comunidade não é aconselhável contrair matrimônio antes desta idade. Logo, proibem-se aos mais novos o flerte, ficar conversando, se encontrando ou alimentando esperanças. Casos considerados especiais são analisados à parte pelos pais, *roshim* e *rosh* “casamenteiro” (líder responsável pela orientação dos futuros cônjuges). Cabe aos pais orientar os adolescentes em tal fase, incentivando-os a se dedicarem ao estudo,

⁴³ Código de comportamento para jovens, solteiros e viúvos. Revisado em Curitiba, 7 de janeiro de 2006. Informações disponíveis em http://www.israelitas.com.br/jovens/codigo_jovem.pdf.

ao aprendizado de uma profissão e que, definitivamente, não busquem envolvimento considerados insensatos e prematuros. Para os judeus da Nova Aliança a única razão do compromisso é o casamento, assim, a ninguém é permitido ficar cortejando, se não houver intenção e possibilidade de casamento no prazo de um ano.

A CINA convencionou que, para um compromisso afetivo ser firmado, é imprescindível que o processo ocorra sob a liberação, o aval e a mediação de um *rosh* casamenteiro. Destes entendimentos também participam os pais e a liderança congregacional dos interessados. O código de comportamento adverte que antes de qualquer conversa entre o casal, o casamenteiro precisa ser contatado para intermediar e dar andamento no assunto, caso haja possibilidades reais para o matrimônio. No entanto, em muitos casos, não é o que está acontecendo. É comum que os *roshim*, em suas prédicas, exortem aos jovens reprovando as suas condutas, pois quando o casamenteiro chega a ser contatado, percebe-se que a história do romance já está bastante avançada. A liderança prescreve que todos os tratos para o casamento só podem iniciar e prosseguir com anuência do líder conselheiro. Entre as suas funções está discernir que tipo de sentimento há entre o casal, se realmente já existe amor entre ambos. Na visão desta comunidade é inadmissível a ideia de começar um compromisso com dúvidas. “Não se faz teste com os sentimentos alheios. Para iniciar um compromisso tem que já haver amor. Casamento sem amor resultará em infelicidade e ninguém tem o direito de tornar o outro infeliz”⁴⁴. O *rosh* casamenteiro e os demais *roshim* precisam se certificar bem de todas estas questões, antes de anunciarem a sua aprovação ao relacionamento.

Os *roshim* da CINA estabeleceram que os interessados em oficializar um compromisso afetivo têm que pertencer à *Kehilah* (ou serem familiares de congregantes). Ambos precisam assumir o compromisso de respeitarem e submeterem-se às normas da *Kehilat Elohyim* (Congregação de Deus). Antes do casamento, os jovens participam de cursos e palestras, orientando-se sobre o casamento e como serem felizes. A CINA promove palestras sobre a vida de um casal israelita, cursos de noivado e de casamento. A duração dos cursos depende de uma avaliação dos líderes sobre o nível espiritual do casal de noivos.

⁴⁴ Código de comportamento para jovens, solteiros e viúvos. Revisado em Curitiba, 7 de janeiro de 2006. Informações disponíveis em http://www.israelitas.com.br/jovens/codigo_jovem.pdf.

Um dos aspectos mais observados pelos líderes da CINA, no processo de oficialização dos compromissos afetivos e dos matrimônios, são as condições financeiras para iniciar e manter uma vida juntos. Desempregados ou aqueles que ainda não têm condições de sustentar uma família são proibidos de se envolverem neste assunto.

Nesta comunidade o máximo de intimidade tolerado entre um casal, oficialmente comprometido, é segurar nas mãos. Este é o limite. Carícias como beijos, abraços, mãos no ombro e na cintura são inadmissíveis, pois provocam excitação, e a excitação fora do casamento é considerada pecado (transgressão da *Torah*). A liderança justifica tais proibições também pelo fato de que Yeshua (Jesus) teria afirmado que um simples pensamento, ao se olhar para uma mulher com malícia, já se constituiria adultério.

Conforme instruem o *roshim*, todos os membros da comunidade necessitam de ter firmeza, não se permitirem liberdades e ter determinação em chegar ao casamento em estado de pureza. Além das carícias, a permanência em lugares isolados, viajarem sozinhos, de ônibus ou qualquer outra condução não são condutas admissíveis. Em viagens de ônibus os comprometidos devem sempre estar acompanhados. O acompanhante é instruído a ocupar o banco imediatamente atrás ou lateral, mantendo o casal sob constante vigilância.

Quanto às visitas às residências, os líderes da comunidade sugerem que ocorram no máximo duas vezes por semana, em determinados horários definidos pelos pais, e que nunca excedam às 22 horas, salvo em casos realmente especiais. Os jovens são orientados a evitar muitos encontros e longos períodos juntos e a não impedir que a namorada ou noiva deixe de lado seus estudos e afazeres habituais. É considerado prudente que o casal permaneça sempre dentro de casa e nunca longe da presença ou visão dos familiares.

A liderança adverte que dormir na casa da noiva ou do noivo é totalmente desaconselhado. Deve-se evitar, mas se não for possível, os pais necessitam se prevenir para que não haja sequência do relacionamento no silêncio dos familiares. Os pais são responsabilizados quando ocorrem problemas nestas condições.

Os *roshim* desaconselham que no local de culto o casal fique sentado junto, mas se isto ocorrer não pode tocar-se, mesmo nas mãos. Se no andamento do serviço se notar este tipo de atitude, cabe ao responsável local incumbir alguém de, discretamente, adverti-los. Se mesmo depois da advertência o casal persistir na

atitude imprópria para o local, o líder presente deve convidá-los a deixar o recinto ou adverti-los publicamente, uma vez que tal atitude é reputada como falta de respeito ao ministério e reverência na casa de Deus. Em separado, não é apropriado o casal ficar se olhando, mas ligados ao serviço divino. Mesmo depois de casados, cabe aos cônjuges prudência neste sentido. A liderança da CINA considera indecentes os casais que vivem aos abraços e beijos em público.

Os judeus da Nova Aliança têm no Sábado um dia santo, dedicado a Deus, e não admitem que nele se trate de interesses particulares (citam textos como Isaias 58 para justificar tal instrução). Portanto, adverte-se que o sábado não é dia para se dedicar ao relacionamento. Se for impossível uma separação neste dia, os jovens compromissados têm que tratar apenas de temas espirituais.

Nesta comunidade os passeios e encontros de jovens são permitidos somente com a presença de um casal do ministério ou por este designado, para monitorar o evento e o comportamento dos participantes. Fora das reuniões, moças e rapazes são alojados sempre em grupos separados, sendo permitidas apenas conversas esporádicas, que não demonstrem estarem tratando de compromisso, pois isto exige a intervenção antecipada do *rosh* casamenteiro.

A CINA deliberou que faz parte das funções do *rosh* conselheiro dos casais estabelecer o contato entre as famílias e a liderança congregacional para oficializar o compromisso firmado. O casamenteiro deve marcar, sem protelações, uma reunião com a finalidade de tornar público o acordo. A partir de então cabe à liderança observar a conduta do casal que assumiu o compromisso oficial. A mesma deve ser informada imediatamente, por membros da *Kehilah* e pelos pais, sobre qualquer violação do acordo. Os pais são considerados responsáveis perante o Corpo Ministerial e a *Kehilah*, devendo responder por suas obrigações quanto à orientação do jovem casal. Se caso começar a haver brigas ou ocorra o rompimento entre o casal, os pais precisam ser imediatamente informados. Nesta situação o casal é chamado a comparecer perante o ministério para prestar as devidas explicações e quando comprovadas atitudes contrárias ao ensinado, os transgressores são disciplinados.

Percebe-se por seus regulamentos, que nesta comunidade, denunciar as práticas contrárias à *Torah* e às regras da instituição é um dever de todos os membros. Todos que souberem ou tiverem conhecimento de desobediência ao código de ética estabelecido pela liderança da CINA por parte de casais

compromissados, principalmente de liberdades, intimidades, prostituição e adultério e não comunicarem imediatamente ao líder ou responsável local são considerados omissos e cúmplices, devendo ser igualmente disciplinados.

Foi convencionado pela liderança desta comunidade que o acerto de datas e horários para noivado e casamento necessita ser previamente combinado com o *rosh* casamenteiro, os pais, o ministério e o oficiante, antes de se marcar as datas ou imprimir os convites. A CINA não realiza cerimônia de casamento no *Shabat*, nem na noite após o pôr-do-sol, para não correr o risco de transgressão à data santa. A liderança estabelece que o noivado tem que ocorrer aproximadamente dois meses antes da cerimônia de casamento e considera este evento tão importante quanto o próprio casamento, dada a grande responsabilidade que encerra o ato.

As pessoas que ingressarem na CINA já com compromissos assumidos (namoro ou noivado) são inteiradas da obrigação de renunciar aos costumes *goim* (gentios) e passar imediatamente a viver um relacionamento pré-matrimonial, à luz dos ensinamentos da *Torah*, ou romperem o compromisso antes da conversão.

Ao entregar ao *rosh* casamenteiro, aos pais e à liderança congregacional os rumos de seu relacionamento, o casal abre mão de ter o controle de um aspecto muito importante de suas vidas. Conforme alerta Bauman (2004), no líquido panorama da sociedade moderna, marcada pela individualização, os compromissos afetivos são extremamente oscilantes. Por esta instabilidade os relacionamentos são o aspecto que melhor representa as angústias e incertezas da vida moderna. E por isto são o centro das preocupações dos indivíduos deste tempo. Aceitar a intervenção institucional no namoro, noivado e casamento talvez represente uma maneira de abolir as angústias das escolhas e do medo de suas consequências. Logo nas primeiras oscilações do casamento poderão recorrer aos seus conselheiros. Mas toda esta proteção institucional vai na contramão dos ideais e atitudes modernas de autonomia, de liberdade individual e até de privacidade entre o casal.

4.2.3 Na Cerimônia de Casamento

Com adesão a *Teshuvah*, a liderança da CINA passou a ministrar a cerimônia apenas seguindo a liturgia judaica. Conforme esta tradição, os noivos devem estar em jejum. Cabe ao casal e aos seus familiares se informarem previamente acerca

das especificidades desta liturgia e jamais incorrerem no constrangimento de sugerir ou reivindicar práticas “romanas” como noivinhas, porta-alianças, jogar o *buquê* da noiva, cortar gravatas etc.⁴⁵

O casal pode escolher, com a anuência do líder local, o *rosh* oficiante do seu casamento. Cabe aos noivos arcar com todas as despesas, caso convidem um oficiante de fora não são autorizados a usar os recursos da *Kehilah* para financiarem o seu deslocamento. O casamento civil precisa ser feito antes da cerimônia religiosa e ambos nunca devem ser realizados no dia de Sábado.

A CINA declara que, em conformidade com as Escrituras, reconhece, valoriza e incentiva a pureza e a virgindade. Portanto, as vestes brancas somente são permitidas aos noivos verdadeiramente virgens. Se noivos virgens decidirem usar trajés de outras cores, precisam declarar ao ministério esta opção.

Esta comunidade considera essencial o casamento religioso. O casal que ultrapassa os limites estabelecidos pela instituição é disciplinado e perde o direito a esta cerimônia. Punidos como transgressores os recém-casados começam a vida a dois em condições difíceis e humilhantes. Mesmo que tenham um casamento civil, são considerados em estado de prostituição, até que o ministério decida por uma normalização de sua condição, após observar uma estabilidade no relacionamento (se estão vivendo bem, sem brigas e congregando). Dependendo da gravidade das transgressões, o casal é impedido de congregar, medida tomada para evitar problemas na *Kehilah* local. Para normalizar uma situação como esta, o *rosh* responsável pode exigir uma separação física e domiciliar do casal, por um tempo variável de quinze a sessenta dias, devendo os dois se reencontrar somente na data determinada. Neste caso, o casal necessita formalizar um pedido de perdão a Deus e à *Kehilah* e, mediante tal pedido, realiza-se uma oração (não cerimônia de casamento) pela reconciliação do casal com Deus e à *Kehilah*, e pela legitimação de sua união. Somente a partir deste humilhante e desgastante processo é que os transgressores finalmente passam a ser considerados casados. O casal ainda permanece em comunhão parcial por algum tempo, não sendo permitido, de imediato, que assumam funções na *Kehilah*.

Na festa de casamento os convidados, membros da *Kehilah* (Congregação), são orientados a manter rigoroso controle com respeito ao uso de bebidas

⁴⁵ Código de comportamento para jovens, solteiros e viúvos. Revisado em Curitiba, 7 de janeiro de 2006. Informações disponíveis em http://www.israelitas.com.br/jovens/codigo_jovem.pdf.

alcoólicas, (cerveja ou vinho) e de músicas não israelitas nas brincadeiras em homenagem aos noivos. Durante a cerimônia e no interior da *Beit* (Sinagoga), somente danças e músicas israelitas alusivas serão permitidas. Se for oferecida comida preparada por terceiros, um oficial da congregação deve conferir pessoalmente se os ingredientes e preparos destes alimentos estão de acordo com as leis de *Kashrut*, aqueles preceitos da *Torah* relativos à alimentação adequada para o povo judeu. Os convidados têm que ser previamente orientados quanto aos trajes apropriados e permitidos.

Os membros da CINA separados (que não são casados, nem solteiros) são considerados em situação irregular e não lhes é permitido participar de agrupamentos ou reuniões de jovens. Mesmo aqueles oficialmente divorciados são alvos de atenção redobrada por parte dos líderes congregacionais e do *rosh* casamenteiro, pois os motivos de sua separação precisam ser explicados e ter um embasamento convincente. A precaução para com os membros nesta situação é justificada, pelos líderes, pela possibilidade dos mesmos fazerem “novas vítimas”⁴⁶.

A liderança da CINA entende que a punição para os que se envolvem em prostituição, adultério ou aventureiros desta área, deve ser rigorosa (conforme orientações, de perda de privilégios ou disciplinares, constantes no estatuto) e os líderes devem comunicar às demais lideranças.

O judeu da Nova Aliança é instruído a evitar visitas masculinas a casas onde só esteja a mulher ou em que residam só mulheres. Principalmente evitar a permanência por longo tempo ou por pernoites. Esta instrução visa proteger a todos da difamação. A liderança sugere que as visitas nestes casos sejam feitas por casais.

4.3 A CONDIÇÃO FEMININA NA CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA

Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que deste ao galo inteligência para distinguir o dia da noite.

Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste idolatra.

Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste escravo. (**mulher:** escrava)

⁴⁶ Código de comportamento para jovens, solteiros e viúvos. Revisado em Curitiba, 7 de janeiro de 2006. Informações disponíveis em http://www.israelitas.com.br/jovens/codigo_jovem.pdf.

Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste mulher.

Mulheres: Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que me fizeste conforme a Tua vontade (FRIDLIN, 1997, p. 24)⁴⁷.

Gênero é uma concepção mais cultural que biológica. Os papéis, imputados aos homens e mulheres, foram construídos social e historicamente. No panorama da história antiga as sociedades mediterrâneas apresentavam uma intensa marginalização das mulheres na vida social e nas decisões políticas. No ideal de sociedade, daquela época, as mulheres deveriam cuidar da casa, pois teriam sido naturalmente preparadas para isto, enquanto os homens deveriam cuidar da cidade exercendo funções sociais e políticas para as quais teriam sido capacitados pela natureza. Mas este ideal não vigorou de forma absoluta, já que não abrangia toda a realidade, sempre diversa e plural, havendo exemplos de mulheres que conseguiram exercer influências na política e homens sem a menor aptidão para a mesma.

Segundo Ecco (2007), a supremacia cultural da masculinidade se dá, especialmente, a partir das ideias monolátricas, aspecto sintomático do legado cultural que marca as sociedades judaico-cristãs. A concepção da hegemonia social masculina influencia densamente a mentalidade de homens que, desde que foi construída essa visão, vêm ocupando espaços privilegiados no cotidiano das relações familiares e sociais. As representações sociais da masculinidade são elaboradas tanto pela filosofia quanto pela teologia. Portanto, trata-se de concepções forjadas ao longo do tempo e socialmente, tendo como efeito social prático a naturalização do uso do poder masculino nas relações de gênero. O padrão fundamentado na honra, na virilidade, no chefe provedor e protetor da família é construído e legitimado a partir do ethos cultural da condição hegemônica masculina. Ainda de acordo com Ecco (2007), a herança cultural e religiosa estabelece o homem como eleito por Deus para dominar e governar a família, exigindo-se na vida familiar o respeito e a sujeição feminina. As representações sociais que inspiram discursos e práticas dominadoras nas relações de gênero, procedentes da família e da Igreja, são em parte responsáveis pelas formulações culturais da preeminência masculina.

⁴⁷ Fragmento da reza matinal *Bênção da manhã*, proferidas por homens e mulheres ao começar as suas atividades diárias. Encontra-se no SIDUR livro litúrgico do judaísmo.

Um dos elementos que se levanta como estruturante da concepção da supremacia masculina é o acesso às idéias religiosas oriundas da tradição judaica cristã sobre a masculinidade divina. Idéia essa que se estabeleceu durante a estruturação do monoteísmo como Deus Uno e masculino, portanto, passível de interpretação que o masculino é o consagrado e o preferido de Deus [...]. O segundo elemento que se considera organizador da supremacia da masculinidade é a idéia da paternidade sagrada. A figura paterna agrega os atributos da divindade e adquire um poder simbólico e moral da onipotência divina nas representações sociais e familiares. O limite do acesso a Deus é mediado pela importância do homem em intervir no mundo. O homem é a base para se cumprir o que é considerado desejo divino e para interpretá-lo, sendo com isto motor na produção de novos significados morais [...]. A partir das representações de Deus como pai, todo poder e onipotente e que se comunica com o mundo, fica mais fácil se entender como a masculinidade se associa ao transcendente, como desejo de Deus. (ECCO, 2007, p. 142-143).

O autor ressalva também que a religião e a filosofia não são os únicos ambientes onde são construídas as representações de gênero, mas sabe-se que ambas são as bases da formação de identidades de gênero e da reprodução dos significados da supremacia do homem, logo são elas que situam homens e mulheres no seio das relações sociais cotidianas.

Na Congregação Israelita da Nova Aliança a participação das mulheres nos serviços do templo (*Beit*) é limitada. Nesta expressão religiosa, assim como em seu segmento de origem, a Igreja de Deus (7º Dia), as mulheres não têm funções sacerdotais reconhecidas. Nas observações dos serviços religiosos, transmitidos ao vivo pela TV Israelita, e durante as visitas ao local de culto, notou-se que as mulheres sentam-se nos bancos à esquerda do altar e a maioria dos homens à direita. No meio, entre o altar e os bancos, durante o serviço específico do ensino da porção da *Torah*, existe uma mesa repleta de livros; ao seu redor sentam-se apenas os homens mais instruídos no conhecimento da tradição judaica. Em todos os serviços observados, apenas os homens estiveram no altar, para ler, entoar as rezas, para ensinar e proferir as prédicas. Em seu depoimento, David, membro há três anos da *Beit* de Goiânia, fala sobre as mulheres e as funções litúrgicas no judaísmo.

O homem tem o papel de estar mais próximo de Deus na questão das obrigações litúrgicas. Esta obrigação é primordial do homem, independentemente de ser casado ou não. [...] O homem tem esse mérito da liturgia, de garantir este serviço no templo. Deus permite que o homem se eleve aqui (na sinagoga) e permite que a mulher se eleve em casa. Mas ela também pode frequentar, ela vem na sinagoga. No judaísmo ortodoxo a mulher não tem participação nos estudos, justamente por isto, porque o homem a representa aqui, na questão litúrgica. E em casa eu não preciso

está lá para garantir que o meu filho cumpra os mandamentos, que meu filho seja um bom filho. Administração do meu lar é garantida se minha mulher estiver lá. É uma forma dos nossos três santuários nunca estarem desprovidos: a mesa, a cama e a sinagoga. A mesa e a cama garantidas por nossa mulher e a sinagoga garantida por nós. Cada um na sua função, tendo o mesmo valor e mesmo peso, nesta construção do lar judeu e da garantia da perpetuação para os filhos, netos (David).

Na CINA as mulheres, conforme a instrução atribuída a Shaul *HaShaliach* (Apóstolo Paulo), não devem ensinar na *Kerilah* (Congregação). Em um dos serviços transmitidos pela internet, quando houve a intervenção de uma mulher, o ministrante disse: “as mulheres não são afeitas ao texto bíblico, não é discriminação e sim uma constatação”.

Encontra-se na confissão doutrinária desta expressão religiosa o seguinte ponto de fé: “Cremos no uso do véu pelas santas mulheres durante os serviços de adoração, como sinal de sua sujeição ao varão, conforme as instruções de Shaul *HaShaliach* (1º Coríntios 11, 01-16)”⁴⁸. Mas, segundo o *Rosh* Ezra ben Levi (Periclis de Souza), liderança emblemática da CINA e fomentador de todo o processo de *Teshuvah* desde o seu início, as mulheres da *Kerilah* são instruídas a usarem o *snood* (véu) em todos os ambientes públicos, justificando que o cabelo é sensual e que a *chaverah*⁴⁹ apenas deve mostrá-lo ao seu marido. No início as adeptas solteiras também usavam o *snood*, como sinal de sujeição ao pai. Mas, recentemente, novos estudos e conclusões sobre o texto conferido ao Apóstolo Paulo (Shaul *HaShaliach*) motivaram a liderança a liberar as solteiras deste costume. Hoje apenas as *chaverot* casadas estão usando o véu. Nota-se que o termo em evidência no texto prescritivo é sujeição, submissão ao marido, que exige um sinal, o véu. Para algumas expressões religiosas ele é exigido apenas nos locais de culto, como ainda ocorre na Igreja de Deus (7º dia) ou na Congregação Cristã do Brasil (popularmente conhecida como igreja do véu). No entanto, na CINA, as mulheres casadas não podem mostrar o seu cabelo nem no templo e em nenhum recinto público. Nas ruas, algumas pessoas ao vê-las usando o véu percebem logo que são religiosas. Mas, é comum que alguns incautos, ao vê-las com a cabeça coberta pelo *snood*, incorram em perguntas constrangedoras e sinistras tais como:

⁴⁸ Disponível em: <http://israelitas.com.br/institucional/cremos.php>.

⁴⁹ *Chaverah* - Termo hebraico para “amiga”, é como se tratam a mulheres membros da CINA. No plural *chaverot*.

“a senhora está doente?”; “A senhora está com câncer?”; “Você está fazendo quimioterapia ou radioterapia?”.

A CINA é uma comunidade religiosa que até 2004 apresentava crenças e doutrinas predominantemente cristãs e que, há cerca de uma década, passou a vivenciar um processo de reestruturação do seu sistema simbólico, migrando-se para uma perspectiva predominantemente judaica. Considerando a sua origem histórica e atual disposição teológica, não é surpreendente a posição secundária conferida à mulher neste segmento. As restrições à participação das *chaverot* no ensino, no altar e nas funções sacerdotais são evidentes, mas não chocam por se tratar de um segmento que se propõe ao retorno cultural à igreja que existia na Palestina, no primeiro século. Época e lugar em que as mulheres eram vistas como inferiores e tinham que enfrentar uma opressão ainda maior do que a existente hoje no mundo ocidental. O patriarcalismo da sociedade mediterrânea antiga, que rotulava as mulheres como portadoras de fraquezas e desequilíbrios inerentes ao gênero feminino, acabou influenciando a direção das primeiras comunidades crentes em Cristo. A “falta de autocontrole era imputada também às mulheres. [...] para ficar com os mesmos exemplos - no (supostamente) proverbial alcoolismo das mulheres e seu (suposto) descontrole sexual” (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 404). A influência desta visão misógina, marcante nas sociedades mediterrâneas antigas, pode ajudar a explicar o teor das cartas pastorais, atribuídas ao Apóstolo Paulo, que prescreviam restrições à participação das mulheres no ensino e na liderança. Restrições estas que foram se acentuando durante a antiguidade tardia e por toda a Idade Média.

Conforme Ecco (2007, p. 144), a despeito de a sociedade moderna ter passado por consideráveis mudanças no que diz respeito à hegemonia da masculinidade, com notórias conquistas sociais femininas, não evitou que a concepção da supremacia independente de gênero masculino buscasse suas identificações a partir da nomenclatura de um ser divino, único e masculino. Ente sempre evocado em oportunas leituras e interpretações de gênero. Sustentando um modelo que distancia homens e mulheres, estabelecido na supremacia cultural da monolatria da masculinidade a partir das ideias religiosas de um Deus homem, único e ser masculino por excelência.

A CINA, ao se apropriar do sistema simbólico do judaísmo, a partir do movimento que seus líderes e membros chamam de *Teshuvah*, buscou adotar o

monoteísmo estrito, próprio da religiosidade judaica. A comunidade dos judeus da Nova Aliança se comprometeu a assumir as concepções e práticas essenciais do judaísmo e neste processo passa a reproduzir a dualidade sagrado-masculino e profano-feminina constatada por Ecco (2007), nas expressões religiosas monoteístas. Mas vale considerar a conclusão do autor ao advertir que a hegemonia da masculinidade não é uma atitude consciente e deliberada da maldade do homem, mas, uma decorrência de heranças históricas e culturais permanentes, legitimadas e consagradas ao longo do tempo.

É imprescindível mencionar que, na CINA, assim como no judaísmo histórico, a mulher sempre teve uma função estratégica e fundamental. Como ocorre em toda a história do judaísmo, a mãe judia incumbe-se da transmissão de valores e crenças a seus filhos e, portanto, às gerações seguintes. Tarefa que hoje se apresenta como uma das maiores fragilidades das instituições modernas. As mulheres exerceram um papel fundamental, contribuindo de forma efetiva na sobrevivência do povo judeu e da tradição judaica durante todos os episódios de perseguições, guerras e diásporas.

4.3.1 Na Criação dos Filhos

A Congregação Israelita da Nova Aliança estabelece que antes de começar a *Teshuvah* o novo adepto deve estar com a vida conjugal e familiar definida e estável (no caso de casais) e cumprindo deveres para com os filhos e ex-cônjuge (nos casos de casais com uniões anteriores).

Os filhos de um casal israelita precisam ser criados conforme os princípios da *Torah*, e segundo a própria literatura sagrada ensiná-los a seus filhos é um dos mais importantes deveres dos pais. “Reúne o povo diante de mim e os farei escutar as minhas palavras, para que aprendam a me temer durante todos os dias de tua vida sobre a face da terra, e para que ensinem a seus filhos” (Deuteronômio 4, 10).

O ensino dos mandamentos da *Torah* deve ser persistente e constante, compondo parte do cotidiano “Tu os repetirás a teus filhos; tu lhes falarás deles quando estiveres em casa, e quando andares pela estrada, quando estiveres deitado e quando estiveres de pé” (Deuteronômio 6, 7). No entanto, na sociedade moderna cumprir tais orientações pode não ser uma missão de fácil execução. João, arquiteto, membro da CINA há seis anos, com pertença anterior na Igreja Adventista

do Sétimo Dia, relata algumas dificuldades que enfrenta na criação de sua filha, fruto de um relacionamento ocorrido antes de sua conversão.

Eu tenho uma filha de 10 anos. Só que eu a tive enquanto não fazia parte da comunidade, antes da minha *Teshuvah*. Mas hoje ela mora com a mãe. Eu não sou casado com a mãe dela. Mas mesmo assim muda muito o nosso o relacionamento. A gente fica mais calmo, tranquilo, paciente, amoroso. Ao mesmo tempo que a gente fica mais exigente com algumas coisas. É uma mistura de sentimentos e atitudes. Eu, enquanto judeu, tenho que ensinar coisas para ela. Mas ela, como não mora comigo, mora com a mãe e a mãe não faz parte do povo, então, em tudo que eu a ensino, eu não tenho a certeza de como está sendo esta efetividade. Do outro lado ela aprende outras coisas. Por exemplo, a gente sai e ela quer comer pizza de calabresa, e eu tento explicar pra ela, não come isto, o Eterno não gosta que a gente coma carne de porco. Eu ensino, mas ela não aceita. Então eu sou obrigado, por vezes, a ceder. Aí eu compro pra ela. Eu não como. Eu ensino que sábado é para se guardar, pra se louvar ao Eterno. Mas ela não mora comigo, ela não compartilha dos meus ensinamentos. Então pra ela o sábado é o que é para os outros povos [...]. Mas com relação ao nosso relacionamento melhorou bastante desde que eu comecei a fazer parte do povo (João).

O depoimento de João expõe certas complicações enfrentadas por aqueles que se propõem, determinantemente, a vivenciar a tradição judaica na sociedade moderna, marcada por laços sociais frouxos e relacionamentos efêmeros. Sua filha não está somente entre o pai e a mãe separados, mas inclusive entre tradições e religiosidades distintas, potencialmente conflitantes. A maturidade do pai, cômico de que, por vezes, se faz necessário ceder, evita maiores desgastes.

João mostra-se bastante consciente das dificuldades em viver a tradição judaica na sociedade moderna, no entanto, não se deixa abater. Conserva-se confiante nos efeitos positivos da *Teshuvah* e mantém vivos esperanças e planos.

Eu quero ter pelo menos três filhos dentro do judaísmo e eu imagino que esta educação começa deste cedo, você ensinando, você dando o exemplo e este relacionamento tende só a melhorar. Mas não é fácil, mesmo pra quem já nasce dentro do povo, por que como a gente está na diáspora, aí lá fora ele está em uma escola secular, então já aprende outras coisas, na *internet*, nos meios de comunicação, na televisão, então por tudo isto é complicado manter esta linha de educação judaica (João).

Os judeus da Nova Aliança fazem questão de ressaltar os aspectos positivos da *Teshuvah*, principalmente aqueles ligados ao campo comportamental e, em especial, ao relacionamento familiar. A exemplo do atual líder da *Beit* Goiânia, o *rosh* Moisés, que testemunha sobre a transformação ocorrida em sua biografia, a partir de seu ingresso na CINA e da adesão a experiência da *Teshuvah*.

Em minhas atitudes, em minha maneira de expressar, bem como na minha forma emocional. Porque uma vez eu era explosivo, outra eu não sabia com palavras lançar para a minha família. Então hoje eu tenho este entendimento que para me relacionar com meus filhos e com minha esposa eu tenho um preparo por que a própria *Torah* faz este preparo para nós, ela nós dá esta educação. De como eu agir, de como eu ensinar, como eu falar com minha família, com meus filhos. Até mesmo de ensinar as coisas da *Torah*. A *Torah* dá este mantimento a nós para que possamos ser um indivíduo um judeu educado. Eu tenho aprendido muito, minha família tem aprendido muito a se comportar como judeu (Moisés).

4.3.2 No Modo de Se Vestir

As orientações da CINA quanto às vestimentas visam manter a simplicidade e o pudor que consideram aspectos distintivos do estilo de vida israelita. Baseando-se na *Torah* e na *Brit Chadashah* (escritos do Novo Testamento), os roshim instruem a seus membros que abdicuem do uso de trajes masculinos ou femininos que contrariem as regras da *Tziniut* (Modéstia Judaica). Para homens proíbe-se o uso de shorts, camiseta sem manga, bem como brinco, *piercing*, tatuagem e cabelos compridos ou totalmente raspados. Bermuda abaixo dos joelhos é permitido. Para as mulheres, é proibido o uso de calças compridas, masculina ou feminina, decotes, camiseta de manga curta ou sem manga. Permite-se o uso de adereços ou joias, desde que sejam modestos, não chamativos, e de preferência com motivos judaicos, bem como o uso moderado de maquiagem. Os *roshim* recomendam que todas as *chaverot* utilizem em suas saias ou vestidos tecidos que não retratem o corpo, que não sejam transparentes. Os líderes também proíbem que as mulheres usem camisas decotadas, preferencialmente essas devem ter colarinho, evitando a exposição do colo dos seios.

Entre as vestes associadas à identidade judaica e aos seus eventos litúrgicos, destacam-se para os homens o uso da *Kipah*, *Talit*, e *Tsitsit*. Hoje a imagem clássica de um judeu compõe estes três adereços.

É costume judaico desde os primórdios um homem manter a sua cabeça coberta o tempo todo, demonstrando com isso humildade perante Deus. No judaísmo é expressamente proibido entrar numa sinagoga, recitar uma prece ou bênção, estudar *Torah* ou realizar qualquer ato religioso com a cabeça descoberta. A *Kipah* trata-se de um simples arco, geralmente confeccionado em tecido, usado sobre a cabeça de um judeu e que tem como função simbólica lembrá-lo da constante presença de Deus e de que existe um ser maior acima dele. O uso da

Kipah também está associado à humildade, pois faz lembrar aos judeus praticantes que Deus está acima, inclusive, de suas faculdades intelectuais. A *kipah*, ao lembrar o judeu de que há alguém acima observando todos os seus atos, faz com que ele reflita mais sobre as suas ações e conduta. E quando em perigo, o judeu de *kipah* é reconfortado por sua fé em tão nobre e suprema companhia. Enquanto o mandamento do *talit* e *tsitsit* consta claramente na *Torah*, a instrução do uso do *kipah* foi um costume instituído pelos sábios judeus no *Talmud*.

Quanto ao *talit*, trata-se efetivamente de um manto que deve envolver a maior parte do corpo, inclusive a cabeça, quando os ritos assim exigirem. Ele está diretamente associado ao mandamento do *tsitsit* e foi instituído pelo fato de ser a melhor maneira de cumprir a *mitzvah* de *tsitsi*.

Apreendeu-se a *mitzvah* de *tsitsit* dos seguintes textos: “Fala aos filhos de Israel que façam uma franja nas bordas de suas vestes...” (Números 15, 38). “Porás franjas nas quatro bordas da coberta com que te cobrirás” (Deuteronômio 22, 12).

O *tsitsit* constitui-se de franjas (grupos de fios soltos) e também fios trançados, que são fixados, sobretudo, em uma roupa com quatro pontas. Em cada uma destas quatro pontas são fixados fios parcialmente trançados e outros parcialmente soltos. Assim, são colocados quatro fios dobrados na metade, totalizando oito pontas; faz-se com eles cinco nós duplos; e em cada um dos quatro espaços entre os nós enrola-se um fio sobre os demais, como uma trança; o restante dos fios, de preferência dois terços, ficam soltos.

Encontra-se na *Torah* outra menção a esta *mitzvah*: “Ele vos servirá para formar a franja: ao vê-lo vos lembrareis de todos os mandamentos do Senhor e os cumprireis, e não vos deixareis arrastar por vossos corações e vossos olhos que vos livrariam à infidelidade” (Números 15, 39). Deste modo, esta *mitzvah* remete a todas as *mitzvot* da *Torah* e encoraja aos judeus a cumpri-las. Conforme os ensinamentos dos sábios judeus, o valor da palavra *tsitsit* é 600; somado a isto os oito fios e os cinco nós (em cada lado) dá o total de 613, o número total das *mitzvot* da *Torah*. Por isso, é costume deixar os fios à vista, constantemente, como forma de lembrar todas as *mitzvot*. Muitos costumam usar o *talit catan* mesmo à noite, até ao dormir, para não se separar desta *mitzvah*.⁵⁰

⁵⁰ Disponível em: http://www.chabad.org.br/interativo/faq/talit_kipa.html.

Pela *Torah*, a *mitzvah* de *tsitsit* só seria necessária quando fosse usada uma roupa de quatro pontas. Porém, por sua importância, algumas correntes do judaísmo instituíram que fossem usados diariamente; proibindo andar até mesmo dois metros sem eles. Além disso, determinaram que durante as orações matinais, principalmente durante a leitura do *Shemah*, deve-se usar um *talit gadol*, ou seja, uma vestimenta grande de quatro pontas por cima da roupa, que cubra a maior parte do tronco.

Evidentemente, as mulheres estão isentas de cumprir as *mitzvot* do *talit* e do *tsitsit* já que constituiria transgressão à proibição da *Torah* de não usar adornos masculinos. Vale lembrar que na CINA, cabem às mulheres casadas usarem o *snood* (véu) em todos os ambientes públicos. Conforme as instruções dos *roshim*, o cabelo é sensual e, como tal, a *chaverah* apenas deve mostrá-lo ao seu marido.

4.4 NA EDUCAÇÃO FORMAL E NA PARTICIPAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Conforme características já mencionadas, faz parte da tradição judaica a sacralização do tempo. Com a adesão a *Teshuvah*, os membros da Congregação Israelita da Nova Aliança passaram a seguir as *mitzvot* (mandamentos da *Torah*) ligadas às festas judaicas que celebram as datas santas. Em algumas destas festas há a santa convocação, o que requer do membro a abdicação das obras civis e a dedicação plena e exclusiva às coisas sagradas. A primeira das festas é o *Shabat* que, conforme a *Torah*, foi santificado por Deus ao concluir a obra da criação.

A exigência de não trabalhar ou praticar qualquer obra civil nestas datas santas causa conflitos e problemas nos locais de trabalho e na educação formal. O arquiteto e empresário João aponta em seu depoimento certas dificuldades que a experiência da *Teshuvah* traz à vida profissional.

Assim como muda no estudo, muda no trabalho, principalmente na questão da alimentação. Se você é funcionário, às vezes tem um restaurante na empresa, quem trabalha na construção civil, às vezes, a empresa fornece alimento, que no nosso caso este alimento é 100 por cento impróprio. Nós não podemos comer deste alimento. Outra dificuldade é o sétimo dia, o *Shabat*. A gente não pode trabalhar neste dia [...]. É mais um empecilho na nossa vida profissional. Outra coisa que atrapalha são as festas, que é o calendário judaico diferente do calendário gregoriano. Neste calendário judaico tem datas, as festas, que os são feriados judaicos que caem em dias da semana do outro calendário, o calendário comum. Para quem é

funcionário vai chegar o dia que vai cair uma festa em uma segunda-feira, numa terça-feira, numa quarta-feira, que vai ser dia de abstenção de trabalho, que é um mandamento, não é uma simples festa que a gente vai comemorar alguma coisa, mas gente abstém do trabalho por que é um mandamento. Isto leva dificuldades a nossa vida profissional (João).

A ausência no local de trabalho durante as festividades judaicas pode, dependendo da política adotada pela direção da empresa, levar inclusive à demissão. O senhor Moisés conta em seu depoimento que era empregado em uma empresa de proprietários adventistas, na qual, no sábado todos os empregados eram dispensados e a empresa fechava. No entanto, quando este funcionário explicou que teria que se ausentar do serviço por ser judeu e não poder trabalhar em certos dias do ano, terminou por ser demitido.

Naquela época, em 2010, quando eu trabalhava nesta empresa ela simplesmente me vetou. Era um dia que eu deveria ter um feriado judaico e ela não aceitou. Eu chamei a gerente da empresa e expliquei para ela por que eu não poderia trabalhar naquele dia, por que era o dia de *Shavuot* [...]. Na época eu fui demitido por que eu não fui trabalhar neste dia. Eu também não podia faltar na minha instituição, na minha comunidade este dia que era feriado judaico, que deveria cumprir com um dever meu como judeu, cumprir *Torah*, cumprir um mandamento de nosso Deus. Então eu não fui trabalhar e quando eu cheguei na empresa, a empresa tinha me demitido por isto. (Moisés).

Além dos embaraços devido aos feriados judaicos, as restrições e interdições alimentares do judaísmo podem trazer constrangimentos em reuniões sociais promovidas pelas empresas. Assim, Moisés, *rosh* da CINA em Goiânia, descreve algumas mudanças que a *Teshuvah* gera no ambiente de trabalho.

Mudou na questão da alimentação. Uma época que eu trabalhava em uma empresa e lá as pessoas foram descobrindo que eu era restrito a alguns tipos de alimentos. Então as pessoas são curiosas e começam a perceber isto. E automaticamente elas perguntam por que isto acontece. Simplesmente eu respondo que eu faço parte de um povo que é restrito a algum tipo de alimento. E que não podemos comer por que a *Torah* nos proíbe de comer alimentos impuros (Moisés).

É nítido o constrangimento do entrevistado em ter que dar tais explicações aos colegas no trabalho. Mas além de seus efeitos no ambiente de trabalho, as restrições da alimentação *Kasher*, preceitos da *Torah* relativos à alimentação, podem impedir que os filhos dos judeus da Nova Aliança participem do lanche oferecido nas escolas. Os membros da CINA que congregam em Goiânia lamentam

que ainda não existam instituições de ensinos judaicas na cidade. Caso tais escolas existissem no município se resolveriam estas questões, pelo menos para as crianças que nelas conseguissem vagas. O *rosh* Moisés explica em seu depoimento as implicações da *Teshuvah* na alimentação de suas filhas em idade escolar.

Eu tenho uma filha de 11 anos. A *Teshuvah* muda muita coisa, ela obriga, tanto a mim quanto ela, a cumprir o desejo do Eterno. Por exemplo, na alimentação. Certa vez ela me falou que não comia quando o lanche continha derivado de suínos, isto aí foi fácil pra ela se adaptar, o judeu ensina aos seus filhos, a se comportar diante disto aí. Hoje a gente tem uma *Teshuvah* mais avançada, que é a questão de separar até os utensílios. Quando uma comida é preparada em uma panela em que já passou uma comida impura, não se come. Praticamente não se come mais na escola. Apenas um pão, um suco, um leite é apropriado. Mas não um alimento que passou por um processo de cozimento. Eu e minha esposa conversamos com a diretora e explicamos a situação. Infelizmente ainda não temos escolas judaicas em Goiânia onde teríamos todo apoio, dentro do que a *Torah* nos ensina (Moisés).

Já um outro entrevistado destacou um ponto positivo da *Teshuvah*. David, que trabalha há muitos anos na parte administrativa de uma empresa sediada em Goiânia, afirma que, apenas com a *Teshuvah* ele passou a ter motivação para retomar os estudos.

Eu tenho uns projetos na empresa em que trabalho. Ela tem esta possibilidade pra eu crescer lá dentro. Eu tenho todo o conhecimento dentro da empresa, mas eu preciso ter um conhecimento mais técnico. Mas só que isto pra mim tanto fazia, estava bom lá onde eu estava. Depois que eu passei a ser membro da comunidade israelita a gente vê que ser judeu afeta toda as áreas de nossa vida, a gente passa a entender que a gente tem um papel já como se fosse determinado, embora eu não acredito em predestinação, mas a gente tem um papel neste mundo e a gente precisa tomar algumas atitudes, pra quem não nasce em um berço judaico, num lar judeu, a gente tem que tomar estas atitudes de mudança para poder exercer esta função no mundo, não só como judeu mas no contexto social. Eu tenho este desejo fazer um curso de administração. [...] Depois que eu vim pra cá é que eu tive este ânimo e esta concepção de que eu preciso disto. Um judeu não pode ser dependente do meio em que ele vive, ele é quem tem que determinar, não no contexto de supremacia, mas num contexto onde eu preciso cumprir certos mandamentos, onde eu não posso ser submisso a ninguém. Na sociedade em que a gente vive, nós somos judeus que vivem na diáspora, a gente está contra a maré, estamos fora de casa, se estivesse nadando em Israel estava nadando na praia, a gente está no meio do oceano nadando contra uma maré muito forte que é a sociedade não judaica, a sociedade de não-judeus. (David).

Como se sente judeu, David se vê motivado a estudar, a buscar uma posição melhor na sociedade. Vê na educação formal o caminho para viabilizar esta ascensão socioeconômica que lhe garantiria autonomia para cumprir as *mitzvot* da

Torah e emancipação em uma sociedade culturalmente distinta da tradição que hoje testemunha vivenciar. Na teoria de Geertz (2008), a religião é considerada como um sistema de símbolos que opera para instituir intensas e duradoras disposições e motivações. David acredita ser judeu e, nesta condição, sente-se motivado a cumprir a missão de alcançar uma posição de destaque na sociedade e para isto precisa de esforço, dedicação e disciplina. Participa todos os sábados das extensas reuniões promovidas na *Beit* de Goiânia de forma disciplinada e persistente. Nas observações dos serviços religiosos, tanto em Goiânia quanto na *Beit* sede em Curitiba, constatou-se que estes serviços são compostos por longos rituais, exigindo dos judeus da Nova Aliança muita concentração. David precisará de concentração e disciplina para que consiga suportar a rotina cansativa e exigente do curso superior em administração e tenha condições de conciliá-lo com suas atividades na empresa e em sua sinagoga. Por seu depoimento percebe-se que a sua motivação e disposições ligam-se a sua filosofia religiosa. David também deverá estar disposto a fazer o curso em um prazo maior que o programado, porque pode ser reprovado em algumas disciplinas por faltas ocorridas no sábado, na sexta-feira à noite e nos demais feriados judaicos.

Considerando estas dificuldades, o arquiteto João descreve alguns problemas que a *Teshuvah* acarreta aos israelitas da Nova Aliança que se dispõem a cursar o ensino formal.

Atualmente eu não estudo, eu só trabalho. Sou formado, tenho um curso técnico, um curso superior e uma *MBA* pós-graduação. E sempre tenho vontade de fazer outro curso de pós-graduação e de me aperfeiçoar em algum outro curso. Mas por causa da *Teshuvah* algumas coisas me atrapalhariam, me impediriam de fazer, eu não faço. Por exemplo, todos os cursos de pós-graduação têm aulas aos sábados e sexta à noite. Eu gostaria, mas não faço outro curso por este motivo, basicamente por isto (João).

Na sequência de seu depoimento, João, que também é empresário do setor da construção civil, lista e comenta algumas implicações da *Teshuvah* em suas relações empresariais. João tem sócios em sua empresa que, apesar de serem da família, não são praticantes de sua religião, o judaísmo.

A gente tem um atrito com os sócios, em linhas de pensamento, entrando em atrito na questão da forma de tratamento de funcionário, de tratamento dos negócios, de prioridades. O judaísmo vai te ensinando e isto vai

entrando em atrito com as pessoas do mundo, naquilo que elas priorizam, no que elas acham importante (João).

A ética do Sinai e o vale-tudo que avança no mundo empresarial moderno são de fato muito conflitantes. Por tais atritos é natural que João, em seu cotidiano empresarial, se sinta pressionado entre agir para atender apenas, e a qualquer preço, as necessidades capitalistas de sua empresa ou agir de acordo com os princípios morais da fé judaica. Assim, como sustenta Geertz (2001), a visão metafísica de verdade, predominante no espaço religioso, tende a influenciar as decisões do crente no mundo profano. Prevalecendo esta disposição, ser fiel aos seus princípios religiosos pode até ser positivo, na medida em que, honrar seus contratos é uma *mitzvah*, obrigação de um judeu praticante, e aqueles que assim o fazem tendem a ganhar o respeito dos seus funcionários e a confiança do mercado.

4.5 O PROCESSO DE CONVERSÃO E AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

A liderança da Congregação Israelita da Nova Aliança considera que a conversão é um processo que encerra grandes responsabilidades e consequências. O líder responsável pelo acompanhamento do processo de *Teshuvah* precisa estar inteiramente seguro e convicto da conversão do interessado. Passar pela *tevilah* (batismo) e pela *berit milah* (circuncisão) sem estar devidamente preparado e aprovado e em seguida descumprir as normas definidas e aceitas traria sobre o israelita transgressor as maldições previstas na *Torah* (em Deuteronômio 11, 26-8; Deuteronômio 28). Portanto, costuma-se negar, pelo menos três vezes, a conversão a um *guer* (gentio que se aproxima do povo de Israel). É melhor que o interessado siga como simpatizante da fé e esperar seu tempo, que passar pelo batismo e circuncisão sem o devido preparo e compromisso e sofrer as consequências previstas na *Torah*, bem como sanções disciplinares e até mesmo desligamento da Instituição.

O interessado em fazer a sua *Teshuvah* é instruído a se deslocar até onde existir um *rosh* ou contribuir, dentro de suas possibilidades, para cobrir os custos de viagem e hospedagem do líder. Após os primeiros contatos este *rosh* fica encarregado de iniciar o processo de conversão, sendo responsável por todo o procedimento até conduzi-lo a realização dos ritos da *tevilah* e *berit milah*. Antes da efetivação destes ritos o ingressante já deve estar vivendo como um judeu da Nova

Aliança, cumprindo, por pelo menos por doze meses, as *mitzvot* (mandamentos) recomendadas. Além disso, o ingressante deve estar congregando regularmente, onde existir grupo ou congregação, salvo casos especiais avaliados pelos *roshim*. Ao ingressar na congregação o interessado deve declarar já estar praticando aquilo que é considerado elementar em termos de cumprimento das *mitzvot*: a guarda do *Shabat*, observância mínima das demais festividades israelitas (*Yamin Tovim*), cumprimentos das leis referentes à pureza familiar (*Tacharat HaMishpachah*) e alimentar (*Kashrut*), modéstia no vestuário (*Tziniut*), a prática da piedade e justiça aos necessitados (*Tzedakah*); separação e entrega do dízimo ministerial (*Maasser Kohanim*), e Dízimo do Pobre (3º dízimo) encaminhando-o à Sede Nacional em Curitiba ou ao ajuntamento local onde vai congregar, além de uma vida devocional mínima. Membros isolados devem, sempre que possível, viajar para assistir aos serviços em uma congregação e participar regularmente dos serviços via internet.

O ingressante deve autorizar a liderança da CINA a buscar referências a seu respeito onde julgar necessário, inclusive em segmentos religiosos anteriores, no propósito de comprovar a sua integridade em todas as áreas.

Antes de entrar nesta expressão religiosa, o interessado deve afirmar crer na instituição como sendo autêntica e apta para representar o modelo do plano de Deus para o homem e descartar qualquer possibilidade de haver outro grupo que possa representar o mesmo. Ingressando na CINA, o religioso deve renunciar toda e qualquer crença, fé, doutrina, ensinamentos, ídolos e superstições adquiridos em religiões anteriores. Abdicar de qualquer vínculo ou cargos nelas exercidos, bem como em sociedades secretas de qualquer tipo, com exceção do judaísmo bíblico. Comprometer-se a não mais frequentá-las, ainda que ocasionalmente, bem como não seguir em formatos ou ritos religiosos parecidos ou praticados nas mesmas, estranhos aos da Congregação Israelita. Tais exigências são típicas de grupos fundamentalistas.

Ao ingressar oficialmente na instituição, o novo membro da Congregação Israelita da Nova Aliança se compromete a cumprir fielmente as suas resoluções e a confiar em todos os ensinamentos provenientes de sua liderança e na idoneidade da mesma, aceitando-as como orientação da parte de Deus para sua vida. Também deve comprometer-se em conhecer, respeitar e obedecer fielmente aos estatutos que regem as funções administrativas e congregacionais da instituição.

A liderança dos Judeus da Nova Aliança não tolera qualquer tipo de vício, ou comportamentos vexatórios relacionados a eles, seja por bebida, fumo, demais tipos de drogas alucinógenas ou mesmo jogos ou qualquer outra atividade que cause ou tenha causado dependência. No entanto, não consta nesta expressão religiosa a realização de programas que promovam formas de prevenção ou de orientações para o tratamento destes tipos de dependência.

O convertido deve abdicar de todas as práticas sociais tidas como reprováveis como a de frequentar lugares que deponham moralmente contra a *Torah* ou contra a fé judaica. O judeu da Nova Aliança deve levar uma vida moralmente apta ao testemunho esperado de um israelita, resguardar-se de quaisquer escândalos envolvendo sua pessoa, tendo um bom nome junto à sociedade, à justiça e às pessoas de sua relação pessoal. Deve declarar estar vivendo uma situação conjugal estável.

Ao ingressar na instituição, o novo membro assume o compromisso em renunciar às atividades culturais pagãs, como festas religiosas ou quermesses, festas juninas, natal, ano novo gregoriano, páscoa cristã, batizados e outros feriados semelhantes. A liderança recomenda que o judeu da Nova Aliança não deixe de trabalhar nesses dias, como forma de não aderir aos festejos e dias de guarda dos gentios. Quanto às cerimônias de casamento, é permitido apenas o comparecimento em caso de não ser efetuado em local onde haja a presença efetiva de ídolos. Aniversários e formaturas estão liberados, salvo em caso de comprometimento religioso.

O ingressante deve, a partir do início de seu processo de *Teshuvah*, abdicar de músicas e outras expressões artísticas que expressem fé diferente da israelita, ou que contrarie princípios filosóficos de sua nova fé. Nesta comunidade permite-se músicas clássicas ou populares que não comprometam o bom testemunho judaico de vida e prática.

É exigido dos membros da CINA que honrem a toda e qualquer pessoa que represente uma liderança da comunidade, não se dirigindo a esta com aspereza ou desrespeito. A reverência à autoridade deve ser demonstrada através de atitudes como, por exemplo, se levantar quando o líder (*rosh*) entrar pela primeira vez no recinto, ajudá-lo em suas necessidades eventuais e cumprir as suas orientações. Ao judeu da Nova Aliança é ensinado que a sua liderança representa a boa vontade de Deus e que respeitar o Ministério significa, na prática, respeitar a Deus; por outro

lado, desrespeitar ao Ministério caracteriza-se um desrespeito a Deus. Qualquer desrespeito a um membro da liderança da CINA pode acarretar perda de privilégios e sanção disciplinar por tempo determinado.

É considerado um dever do membro informar a sede nacional, sobre qualquer comportamento estranho por parte de sua liderança local, ou informar a sua liderança local sobre qualquer comportamento estranho de outro membro (*chaver*) do qual tenha conhecimento, no que tange aos princípios da fé judaica ou contrários aos ensinados pelos *roshim* da Sede Nacional. No entanto, acusação de um membro sem prova pode acarretar em reversão da pena (o acusador sofre a pena do acusado), a acusação de um líder sem prova ou testemunhas pode resultar em sanção disciplinar compatível. O ingressante deve comprometer-se ainda a não se envolver em fuxicos ou maledicência (*lashon hará*) de qualquer tipo. A ocorrência da maledicência é tida como lepra, resultando no afastamento do rebanho. O membro que se afastar ou for desligado, caso deseje ser reintegrado, deve ser avaliado pelos *roshim* e, se aceito, tem que estar disposto a cumprir uma série de exigências pertinentes.

Todas estas normas, regras, vigilância permanente e punições correspondentes estabelecidas na CINA são evidências de que os judeus da Nova Aliança vivem um dilema moderno, um conflito entre o anseio de encontrar segurança aderindo a uma comunidade e a busca pela liberdade. Ao mesmo tempo em que se anseia por encontrar paz e proteção em uma comunidade, resiste-se às normas e autoridades que regem o convívio comunitário em nome da liberdade individual. O fato é que buscando segurança, em uma comunidade, os indivíduos têm que abrir mão de sua liberdade ou de parte dela, ao se submeterem as suas normas e lideranças.

Segundo os depoimentos obtidos na *Beit* de Goiânia, a partir da adesão ao movimento de *Teshuvah* ocorreram mudanças significativas no dia-a-dia dos judeus da Nova Aliança que efetivamente escolheram abraçar a religiosidade de compromisso fundamentada na *Torah*. Aspectos como relacionamento familiar, o ambiente de trabalho e de ensino teriam sido modificados. Entre as mudanças comportamentais positivas e dificuldades e obstáculos em conciliar a tradição judaica e as tendências da sociedade moderna, os membros desta comunidade demonstram orgulho, amor e satisfação com a sua nova identidade. Sabem dos problemas, mas permanecem cheios de esperança. Acreditam estar vivendo como

judeus e avaliam que ainda há muito para aperfeiçoar no cumprimento das *mitzvot*. Aguardam a volta de Yeshua *HaMashiach* (Jesus Cristo) e o tão esperado fim de sua “diáspora”, o seu retorno a Israel completando definitivamente a sua *Teshuvah*. Considerando os depoimentos e as prédicas transmitidas ao vivo pela TV Israelita, há indícios de que os membros praticantes da CINA assumem os compromissos estabelecidos pela *Teshuvah* e que não estão em mera atitude performática, simplesmente se travestindo de judeus. Tais testemunhos apontam para uma identificação com a tradição e a religiosidade judaicas e que tal identificação não é apenas estética e ritualística. Os testemunhos sinalizam para uma construção teológica da liderança capaz de atribuir sentido à vida, ao estilo de vida dos seus membros. São vastos os exemplos de restrições e proibições relatados pelos depoentes ao descreverem suas biografias após a adesão a *Teshuvah*. Tais interdições são aceitas como a vontade expressa de Deus e até as crianças são instruídas a refrear-se. No mundo moderno governado pelo individualismo, hedonismo e pela liberdade ampla, viver tal tradição é estar virtualmente em terra e tempos estranhos, é estar em diáspora.

CONCLUSÃO

A congregação Israelita da Nova Aliança, através do processo de *Teshuvah*, tem se aproximado das concepções de Deus, de salvação e da solução do problema da teodiceia do judaísmo tradicional. Os esforços no estudo e no ensino da *Torah* e a observância de seus mandamentos têm sido fundamentais nesta aproximação, já que eles compõem o código de ética e valores do judaísmo. O ensino sistemático da *Torah* e dos Profetas demonstra que a CINA assume efetivamente os textos sacralizados pela tradição judaica.

A comunidade dos judeus da Nova Aliança acessa as suas literaturas sagradas como verdades absolutas e a sua interpretação, apreendida a partir de uma hermenêutica própria, é considerada a única admissível. Em função destes textos sagrados, especialmente a *Torah*, o movimento de *Teshuvah* altera o cotidiano daqueles membros que optam por, efetivamente, o vivenciar. Por este movimento, o grupo que decide cumprir diligentemente a *Torah* passa a decretar certo isolamento, uma criteriosa separação entre os praticantes e não praticantes da lei judaica. Por todas estas implicações do processo de *Teshuvah*, os judeus da Nova Aliança enquadram-se no perfil de uma comunidade que vive o fenômeno do fundamentalismo religioso.

A partir da *Teshuvah* os judeus da nova aliança têm adotado os mitos, símbolos e ritos do judaísmo. E hoje, eles têm no hebraico a sua língua litúrgica. As suas canções, celebrações, sacramentos e rituais são em hebraico, idioma considerado sagrado por ter sido a língua falada por Deus em seu contato com os patriarcas do povo judeu. Outro componente importante de identidade e pertencimento judaicos são as festas do calendário litúrgico e cultural dos hebreus que a CINA tem celebrado com austera regularidade.

O que ocorre na CINA não é simplesmente um tráfico de símbolos como vem acontecendo em expressões evangélicas. Este fenômeno recente do campo religioso nacional, que consiste na apropriação dos símbolos do judaísmo por parte de algumas igrejas de índole neopentecostal, foi abordado em um artigo intitulado: *A inusitada incorporação do Judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões* (TOPEL, 2011). Em tais expressões religiosas ocorre a assimilação dos símbolos, mas não há compromisso com a guarda da *Torah* e, conseqüentemente, com a identidade e o estilo de vida judaicos, como acontece, por exemplo, na Igreja

Universal do Reino de Deus que, após a construção do chamado “Templo de Salomão” tem apresentado, em rede de TV, os seus líderes usando *kipah*, *Talit* e *Tsitsit*. Especialmente estes dois últimos adornos simbólicos aludem de maneira direta ao compromisso de quem os utiliza com o cumprimento da *Torah* e à identidade judaica. No entanto, tais líderes neopentecostais, ao usá-los, não assumem oficialmente a decisão de cumprir os mandamentos e nem viver a tradição judaica, pelo contrário. Em suas prédicas asseveram que a partir de Jesus começou o tempo da graça e que a Lei (*Torah*) teria sido abolida por ele. É, principalmente, a ausência deste compromisso com os mandamentos da *Torah* entre os neopentecostais que distingue o fenômeno que vem ocorrendo nas igrejas evangélicas do movimento de *Teshuvah* que acontece na CINA.

Os israelitas da Nova Aliança compõem uma comunidade recente, envolvida pelas intensas transformações que vive a sociedade ocidental e por suas consequências para o mercado de bens de salvação moderno. Esta comunidade vivencia uma experiência religiosa que comporta elementos típicos da Modernidade. A CINA, ao redefinir a sua identidade aderindo ao movimento de *Teshuvah*, intensificou a tendência fundamentalista que já existia em sua identidade anterior, quando ainda se identificava como Igreja de Deus (7º Dia). Como expressão religiosa, a CINA se propõe ao retorno à fé e prática da igreja do primeiro século, sugestão paradoxalmente moderna e tradicional. Seus membros acreditam ter encontrado uma verdade perdida no passado da humanidade e através da *Teshuvah* anseiam viver conforme a vontade divina que julgam revelada em um livro sagrado. Este movimento de volta às origens que pretende, em última instância, estabelecer uma afirmação exclusivista da comunidade, como portadora da verdade única e absoluta, é típico de grupos fundamentalistas. Os meios tecnológicos são habilmente utilizados por esta comunidade, tanto no processo de assimilação da tradição judaica quanto na divulgação e expansão da *Teshuvah*. Seus líderes não veem na ciência e na tecnologia um mal, mas instrumentos que precisam ser acionados para cumprir a sua missão. Utiliza-se o número cada vez maior de artefatos para levar a mensagem da *Teshuvah* através de sites, rádio, TV, blogs na rede mundial de computadores, que são acessados por internautas de vários lugares do mundo.

Como fruto do seu tempo e lugar, o movimento de *Teshuvah* traz em si o caráter duplo da religiosidade moderna. Ao mesmo tempo em que os religiosos

praticantes da CINA buscam o re-encantamento do mundo, convivem com elementos de racionalização ao aderir ao caráter contratual da tradição judaica. Os israelitas da Nova Aliança fazem parte de uma sociedade marcada pela fluidez, por laços de pertencimento frouxos e por um campo religioso com tendências à negação das instituições históricas. Neste contexto estão mais propensos a vivenciarem fenômenos como a conversão e a bricolagem. Renunciam veementemente o cristianismo como instituição histórica, no entanto, promovem a bricolagem do judaísmo. Não obstante trabalharem incansavelmente no processo de assimilação do sistema simbólico e da tradição judaica, afirmam que não têm por objetivo o reconhecimento dos grupos judaicos tradicionais. Mesmo buscando viver a religiosidade judaica, se enquadram no fenômeno moderno de crença desvinculada da pertença, já que não buscam laços de pertencimento com a instituição histórica do judaísmo tradicional. Exceto o pertencimento com a própria comunidade, a pertença que se quer construir e legitimar é com o povo de Israel.

A religiosidade vivida na CINA é marcada pela mobilidade dos tempos modernos. Já no processo da formação desta comunidade no Brasil e no próprio desencadeamento da *Teshuvah* evidenciava-se o seu caráter móvel, no deslocamento constante tanto dos seus agentes precursores, quanto dos seus ideais germinais. Os pioneiros desta comunidade fizeram frequentes viagens ao México, aos EUA e a Israel em busca de conhecimento e inspiração. Hoje, com o processo de *Teshuvah* em curso, o judeu da Nova Aliança deve visitar Jerusalém não apenas para buscar conhecimento e inspiração, mas para cumprir uma *mitzvah* (mandamento da *Torah*). O caráter móvel da religiosidade dos judeus da Nova Aliança também se expressa no forçoso retorno à América do Norte no intuito de propagar esta experiência nas comunidades que contribuíram com a formação da congregação no Brasil. Vale fazer referência às viagens missionárias que atualmente são feitas à Europa, África e Caribe, regiões onde a CINA divulga a *Teshuvah*, nas quais tem feito conversões, estabelecido líderes e novas congregações.

A *Teshuvah* é uma construção social e, como tal, carece de bases que a legitimem. Já a comunidade que a vivencia igualmente requer mecanismos que sustentem a sua plausibilidade institucional. Como se trata de uma comunidade religiosa, naturalmente os meios ideológicos acionados para validá-la são os de caráter religioso. Por ser um movimento religioso e construção humana, a *Teshuvah* necessita de instrumentos que lhe deem suporte de legitimidade, no entanto, assim

como numa via de mão dupla, é ao mesmo tempo acionada como elemento de legitimação religioso, da própria instituição que a constrói e vivencia.

O principal mecanismo que tem sido acionado para legitimar a identidade que vem sendo construída pelos membros da CINA consiste na dedicação no estudo e no cumprimento da lei judaica. É conhecendo profundamente e buscando obedecer aos preceitos da *Torah* que os judeus da Nova Aliança esperam legitimar-se como parte do povo de Israel. No entanto, só recentemente os seus membros passaram a fazer a circuncisão (*berit milah*), marca essencial de pertencimento e identidade do judaísmo. Este atraso revelador aponta para os vestígios da identidade anterior deste grupo. Até pouco tempo a liderança da CINA sustentou o posicionamento cristão no que diz respeito ao mandamento da circuncisão. Seus roshim ensinavam que, depois de Yeshua (Jesus), não era mais necessário a um gentio convertido cumprir tal mandamento, pois com a Nova Aliança a circuncisão não seria mais na carne, passando a ter um caráter exclusivamente espiritual. Quase dez anos se passaram até que estes pensamentos e práticas fossem revistos, hoje se tornou circuncisão obrigatória. A demora na adoção do *berit milah* corrobora com o entendimento da *Teshuvah*, como uma construção flexível, incompleta e processual de uma identificação judaica pelos membros de uma comunidade pertencente à cultura ocidental brasileira. O fato é que a deliberação de passar a cumprir esta *mitzvah* (mandamento da *Torah*) mostra-se mais em conformidade com os desígnios ostentados por esta comunidade.

Em sua determinação em obedecer aos mandamentos da *Torah*, o judeu da Nova Aliança acredita estar sendo ajudado por *Ruach HaKodesh* (o Espírito Santo) como cumprimento de certas profecias bíblicas. Os teólogos da CINA recorrem a textos proféticos e afirmam que em sua comunidade cumprem-se certas profecias. Desta forma, a pertença ao grupo é legitimada religiosamente e a sua visão particular da verdade, valorizada de forma extrema. O objetivo é evidente, fazer crer que a comunidade tem posse da verdade e que não existe outro grupo religioso aceitável. Ao conferir à experiência da *Teshuvah* a condição de cumprimento de profecias, a liderança desta comunidade está ativando suportes legitimadores de matizes religiosas. A liderança desta expressão religiosa conduz seus adeptos a crerem que esta experiência tenha ascendência sagrada e que, como tal, não é prudente questioná-la. Assim, as suas contradições e fragilidades são ocultadas. Os empenhos aplicados no processo de *Teshuvah* confirmam o interesse de seus

sacerdotes em fundamentar a legitimidade institucional, persuadindo seus adeptos de que são parte de Israel, único e verdadeiro povo de Deus. A *Teshuvah*, que tem como implicação principal a diligência no estudo e cumprimento da *Torah*, constituiria um sinal incontestável de tal pertencimento. Esta crença é fundamental para os membros da comunidade, pois são convencidos, por seus líderes e teólogos, de que pertencer ao povo de Israel é condição indispensável para se alcançar a salvação.

A partir da *Teshuvah*, a CINA está se colocando em uma fronteira cultural entre o cristianismo e o judaísmo. Ao adotar este movimento de conversão e a consequente opção pelo cumprimento da *Torah*, os judeus da Nova Aliança estão se tornando ainda mais distantes da identidade cristã. No entanto, apesar de estarem muito semelhantes aos grupos judaicos tradicionais, ao buscarem assumir o seu sistema simbólico e tradição, não há avanços no que concerne a uma aproximação formal com o judaísmo. Sobre isto os líderes da CINA afirmam não ter por objetivo reivindicar o reconhecimento dos demais judeus e citam: "Pois tu és o nosso Pai! Abraão, com efeito, não nos conhece, e Israel também não nos reconhece; és tu, Senhor, que és nosso Pai, nosso Redentor desde sempre, este é o teu nome" (Isaías 63,16).

O caráter relacional da identidade que vem sendo construída pela CINA se produz na alteridade, no convívio com o outro. E os outros, neste contexto, são os cristãos e os judeus. Assim, esta comunidade está em uma fronteira cultural. Sabe-se que toda fronteira é, potencialmente, conflituosa. O compromisso em guardar a *Torah* contribui para distinguir a CINA das expressões religiosas do cristianismo. Por sua vez, a crença em Jesus como o *Mashiach* (Cristo) dificulta, e quiçá venha a impossibilitar, a aproximação dos judeus da Nova Aliança a grupos judaicos tradicionais, que não reconhecem Jesus como o messias prometido a Israel. Por identificarem-se como judeus, buscar cumprir a *Torah* e viver a tradição judaica, os judeus da Nova Aliança incomodam os grupos que são alvos de sua bricolagem. Tal como se dá nos delitos de falsificação, quanto mais aprimorada for a cópia, mais grave torna-se o crime. Por mais próximos que estejam da tradição judaica, os judeus da Nova Aliança não admitem renunciar a crença em Jesus como o messias. É justamente esta crença em Jesus como salvador do povo judeu a condição que mais distingue e separa a CINA dos grupos judaicos tradicionais.

A *Teshuvah* é uma experiência religiosa que surge e cresce em uma sociedade multicultural. O Brasil é uma nação considerada democrática, governada a partir de um estado oficialmente laico e que legalmente assegura a liberdade de culto religioso. Como habitante de um país ocidental, o judeu da Nova Aliança compartilha de uma cultura intensamente marcada por ideais religiosos cristãos, religião predominante em todo o Ocidente. Em países de maioria cristã, apesar do caráter laico do estado e da liberdade de culto, expressões religiosas diferentes, associadas a grupos étnicos estrangeiros não estão livres de atitudes intolerantes, veladas ou explícitas. Ao adotar a *Teshuvah* a CINA expõe os seus membros ao risco do antissemitismo.

No mundo atual marcado pelo hiperindividualismo uma comunidade é sempre uma tentativa frustrada e frustrante de se estabelecer uma comunidade do tipo entendimento. No máximo, o que se consegue é estabelecer uma comunidade a partir do consenso. As questões relativas ao governo da instituição têm sido afetadas pelo processo de *Teshuvah*. Paralelamente ao retorno às raízes judaicas, a CINA vivencia um processo de centralização das decisões administrativas em sua sede na cidade de Curitiba. Esta centralização e burocratização da instituição representa um rompimento com a tradição de suas origens. A Igreja de Deus (7º Dia), instituição na qual começou o processo de *Teshuvah*, tem historicamente uma tradição autonomista na qual as congregações locais possuem autonomias políticas, administrativas e financeiras. Na CINA a racionalização e burocratização institucionais parecem buscar atender ao interesse de seus sacerdotes em avançar com o processo de *Teshuvah* em território nacional e outras regiões do mundo. No entanto, os interesses das comunidades locais pressionam pela autonomia e descentralização.

A vivência e a divulgação da experiência da *Teshuvah* incomodam e provocam tensões entre a CINA e outros segmentos religiosos, tanto do cristianismo quanto do judaísmo. Os judeus da Nova Aliança que efetivamente assumiram os compromissos estabelecidos pela *Teshuvah* se colocaram em uma fronteira cultural, em um lugar da alteridade, e acabam atraindo reações etnocêntricas e xenófobas a sua religiosidade e ao seu modo de vida. Na fronteira, as diferenças entre crenças, por vezes se radicalizam, ficam mais expostas. Tornam-se mais acentuadas e propensas à suspeita, à apreensão, à aversão e à contenda. Mas estar em uma fronteira cultural também tem seus pontos positivos: é estar ao mesmo tempo dentro

e fora. Se há atitudes repulsivas, há também curiosidades dos dois lados da fronteira.

REFERÊNCIAS

BACON, Josephine. *Atlas ilustrado da civilização judaica: 4000 anos de história*. Trad. Margarida Periquito. Lisboa: Dinalivro, 2003.

BALEEIRO, Cleber. A dinâmica dos fundamentalismos: modernidade e tradição. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEIT CHABAD. A sua referência judaica na internet. Disponível em: <http://www.chabad.org.br/interativo/faq/talit_kipa.html>. Acesso em: 19 jun. 2015.

BERGER, Peter L. *O dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BÍBLIA. Tradução Ecumênica. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas; Loyola, 2002.

BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre Judaísmo*. Trad. Uri Lam. São Paulo: Sêfer, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. São Paulo: Papyrus, 1989. p. 7-42.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA, Beit Goiânia: depoimento [18 de abril 2015]. Entrevistador: Waldir Cardoso da Silva. Goiânia. Doc. áudio formato 3GPP. Com 8,55 MB (8.966.752 bytes). Tempo de 1h 33min 22 seg. Entrevista concedida à Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás.

CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA. Disponível em: <www.israelitas.com.br>. Acesso em: 14 set. 2014.

_____. *Colabore.* Disponível em: <<http://www.israelitas.com.br/home/colabore.php>>. Acesso em: 14 set. 2014.

_____. *Como nos vemos? Quem somos?* Disponível em: <<http://www.israelitas.com.br/institucional/quem.php>>. Acesso em: 14 set. 2014.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.

CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos: questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Kliné, 2011.

CRAWFORD, Robert. *O que é religião?* Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2005.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Trad. Carlos Maria Vasquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros estrangeiros*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DERRIDA, Jacques. As duas fontes da “religião”. In: VATTIMO, Gianni; DERRIDA, Jacques (Org.). *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2000. p. 11-89.

ECCO, Clóvis. *Identidade de gênero: idéias religiosas sobre o masculino como ângulo de análise*. Goiânia: Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, 2007.

FLORES FILHO, José Honório. A enxada, o livro e a espingarda: entre dogmas, ideologias e a espiritualidade judaica. Questões e divisões étnico-fundamentalistas. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FONSECA, Alberto Alves da. *A Igreja da Igreja de Deus 7º dia no Brasil – Os amantes da terra*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Seitas/IgDeus7DiaNoBrasil-AlvesDaFonseca.htm>>. Acesso em: 14 set. 2014.

FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA IGREJA DE DEUS. A questão do sistema de governo da Igreja de Deus na história. Trad. Jesiel Lincoln dos Santos. Disponível em: <<http://www.igrejadedeus.biz/a-quetao-do-sistema-de-governo-da-igreja-de-deus/>>. Acesso em: 14 set. 2014.

FRIDLIN, Jairo. *Sidur Completo*. Organização, edição e realização. São Paulo: Sêfer, 1997.

GEERING, Lloyd. *Fundamentalismo: desafio ao mundo secular*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques; ROCHA, Leandro Mendes. As identidades no tempo – ensaios de gênero, etnia e religião. In: SILVA, Gilvan Ventura; HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP& A editora, 2011.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. São Paulo: Vozes, 2013.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNQUEIRA, Altair (Rosh Yishai ben Yehudah). *A consolidação da Teshuvah na Congregação Israelita da Nova Aliança*. [Em pregação transmitida ao vivo pela TV Israelita]. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HifxmTCgQb4>. Acesso em: 15 ago. 2014.

KEPEL, Gilles. *La revanche de Dios: cristianos, judíos y musulmanes a la reconquista del mundo*. Salamanca: Anaya e Mário Muchnik, 1995.

LAMM, Maurice. *Bem-vindo ao Judaísmo: retorno e conversão*. Trad. Dagoberto Mensch. São Paulo: Sêfer, 2008.

LEMONS, Carolina Teles. *Religião e tecitura da vida cotidiana*. Goiânia: PUC Goiás, 2012.

NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel. (Org.). *Introdução: identidades e etnicidades: conceitos e preceitos*. Vitória: Vitória, 2006.

NICKELS, Richard C. *History of the Seventh Day Church of God*. [Livro]. Edição de 1999. Disponível em: <http://www.giveshare.org/churchhistory/historysdco>. Acesso em: 15 ago. 2014.

OLIVEIRA, Irene Dias de. *Etnicidades, religiões e culturas em movimento: para onde vamos?* Anais do V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe e Brasil. Revista Brasileira do Caribe, out. 2008. Disponível em: www.revistabrasileiradocaribe.org.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Religião e etnicidade: novas sensibilidades num mundo multicultural. In: PARKER, Cristián. *Religión, política y cultura en América Latina: nuevas miradas*. Santiago: IDEA/ACSRM, 2012.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ROLAND, Walter. Mobilidade cultural: o (não-) lugar na encruzilhada transnacional e transcultural. *Interfaces Brasil-Canadá*, Rio Grande, n. 8, 2008.

ROUGIER, Louis. *O conflito entre o cristianismo primitivo e a civilização antiga*. Lisboa: Vega, 1995.

SANTOS, Jesiel Lincoln dos. *O sistema de governo na igreja apostólica: centralização ou autonomia?* Disponível em: <file:///C:/Users/Vadir/Desktop/O%20SISTEMA%20DE%20GOVERNO%20NA%20IGREJA%20APOST%3%93LICA%20%20CENTRALIZA%3%87%3%83O%20OU%20AUTONOMIA.htm>. Acesso em: 14 set. 2014.

SORJ, Bernardo. Sociabilidade brasileira e identidade judaica. In: _____. *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

TESHUVÁ I. Introspecção e Crescimento ou um Confessionário? Calendário Judaico. Disponível em: <<http://morashasyllabus.com/Portuguese/class/Teshuva%20I.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

TOPEL, Marta Francisca. A inusitada incorporação do Judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: Algumas reflexões. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, ano IV, n. 10, maio 2011.

_____. O lugar da nova ortodoxia judaica paulistana no cenário do campo religioso brasileiro: algumas observações. *Revista de Estudos da Religião – REVER* (PUC), São Paulo, n. 1, ano 3, 2003.

TRAVASSOS, Deborah Hornblas. *O Judaísmo Messiânico no Brasil: a Beit Sar Shalom: um estudo de caso*. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?source=search_app&gws_rd=cr#bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&fp=5d0a82b6980d5e1b&q=TRAVASSOS%2C+Deborah+Hornblas.+O+Juda>

%C3%ADsmo+Messi%C3%A2nico+no+Brasil:+A+Beit+Sar+Shalom%3A+Um+Estudo+de+Caso.+S%C3%A3o+Paulo%2C+2008>. Acesso em: 10 ago. 2013.

UNIÃO NACIONAL DAS IGREJAS DE DEUS (7º Dia) no Brasil (**UNID**). *Pontos fundamentais de Fé*. Disponível em: <http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/pontos_fundamentais.php>. Acesso em: 14 set. 2014.

UNIÃO NACIONAL DAS IGREJAS DE DEUS (7º Dia) no Brasil (**UNID**). *Quem somos*. Disponível em: <<http://www.igrejasdedeus7dia.com.br/quemsomos.php>>. Acesso em: 14 set. 2014.

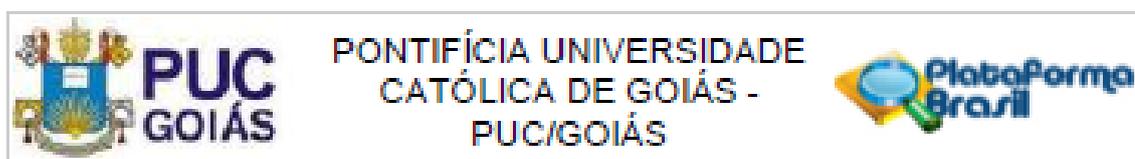
WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. v. 1. Trad. Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: da SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2003.

WOOL, Danny; YUDIN, Yefim (Chaim). *O ano judaico ilustrado*. Trad. Miriam Katz. São Paulo: Sêfer, 2007.

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA: vivendo a Teshuvah.

Pesquisador: Waldir Cardoso da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40967214.9.0000.0037

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.008.018

Data da Relatório: 20/03/2015

Apresentação do Projeto:

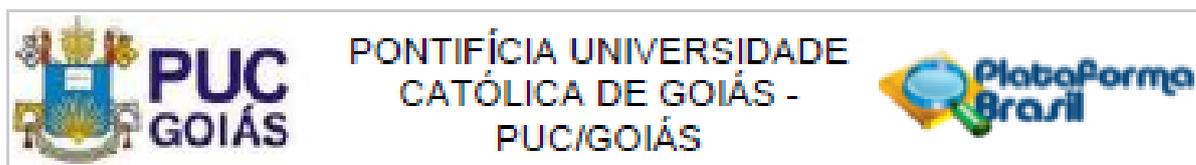
O projeto propõe compreender a experiência religiosa conhecida como Teshuvah, cuja doutrina visa o retorno às raízes judaicas, iniciada no seio de uma instituição religiosa com crenças e doutrinas análogas às cristãs, que se autodenominava Igreja de Deus (7º dia), mas que a partir de 2004 adotou a denominação Congregação Israelita da Nova Aliança, doravante denominada CINA.

O autor apresenta inicialmente uma justificativa acerca da importância de se pesquisar tal temática, argumentando que a experiência religiosa conhecida como Teshuvah, iniciou-se na cidade de Curitiba, que hoje abriga a sede da CINA. Através de espaços midiáticos modernos como programas de rádios, TV, sites de Internet, a CINA tem divulgado os seus ensinamentos e interpretações da Bíblia.

O autor do projeto propõe como problema de seu estudo a seguinte questão: no que consiste a Teshuvah e quais as consequências que ela traz a vida cotidiana de quem a vivencia?

Considera ainda que a experiência da Teshuvah, sendo ainda pouco conhecida e estudada, carece de materiais acadêmicos e bibliográficos para colaborar com a comunidade científica interessada em tal temática. Embora o autor aponte que não há ainda pesquisas acadêmicas que abordem a Congregação em estudo e o seu processo de Teshuvah, ele traz uma revisão bibliográfica de outros estudos que se aproximam de seu objeto e destaca que, para abordar a experiência da Teshuvah recorrer-se-a a três instrumentais de análise: Religião, Legitimação e Identidade.

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.000		CEP: 74.605-010
Bairro: Setor Universitário		
UF: GO	Município: GOIÂNIA	
Telefone: (52)3048-1512	Fax: (52)3048-1070	E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 1.008.010

Quanto à metodologia, o autor esclarece tratar-se que uma pesquisa de estudo de caso, propondo ainda como procedimento metodológico a análise de material empírico que será obtido através da observação dos serviços religiosos transmitidos ao vivo pela Internet, direto da sede da CINA em Curitiba, ou assistidos pessoalmente pelo pesquisador no templo Instituição em Goiânia. Serão observados os aspectos ritualísticos dessa religião, assim como aspectos Identitários a exemplo de rituais de iniciação e de passagem comparando-os com rituais judaicos tradicionais. Serão analisados também os conteúdos divulgados por meio do site, por materiais impressos ou audiovisuais, incluindo o Programa Israelita da Nova Aliança que foi transmitido, durante oito anos, pela TV aberta, via antenas parabólicas. Propõe a leitura crítica dos discursos orais e escritos que têm sido divulgados nos espaços midiáticos citados. O autor do projeto prevê a gravação de nove depoimentos, sendo um de um dos líderes da Instituição e de oito membros que defendem e vivem a Teshuvah, na faixa etária entre dezoto e sessenta e cinco anos.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa visa entender a experiência religiosa da Teshuvah como construção e legitimação da Identidade judaica, por parte de uma comunidade pertencente ao contexto da cultura ocidental brasileira.

Objetivo Secundário:

- Investigar como a experiência da Teshuvah distingue a comunidade que a adota do cristianismo e do judaísmo;
- Averiguar como as mudanças derivadas do processo de Teshuvah afetam o cotidiano dos membros da CINA, como por exemplos: no casamento; na criação dos filhos; na educação formal; e em sua participação no mercado de trabalho;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Coerentes com a Resolução 466/12.

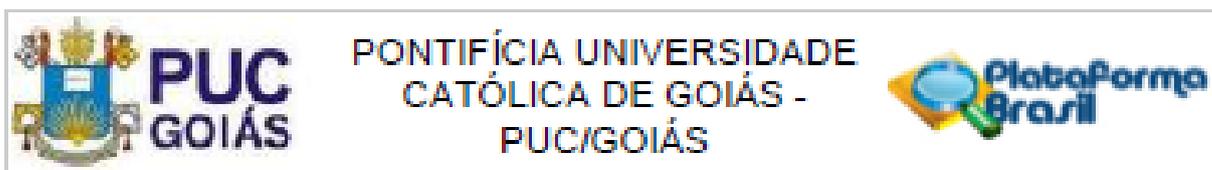
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pertinente ao campo e área de conhecimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Coerentes com a Resolução 466/12.

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069	CEP: 74.605-010
Bairro: Sator Universitário	
UF: GO	Município: GOIÂNIA
Telefone: (62)3048-1512	Fax: (62)3048-1070
	E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 1.006.010

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem Pendências ou lista de Inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

A aprovação deste, conferida pelo CEP, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação sobre sua Pesquisa em casos de alteração de amostra ou centros de coparticipação. É exigido a entrega do relatório final após conclusão da pesquisa.

GOIANIA, 01 de Abril de 2015

Assinado por:
NELSON JORGE DA SILVA JR.
 (Coordenador)

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.060
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3048-1512 Fax: (62)3048-1070 E-mail: cep@puogoias.edu.br

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA

DADOS DA PESQUISA:

Título da Pesquisa: CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA:

vivendo a Teshuvah.

Pesquisador: Waldir Cardoso da Silva

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr. (a),

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa. Meu nome é Waldir Cardoso da Silva, sou o pesquisador responsável e minha orientadora é a professora doutora Irene Dias de Oliveira e minha área de atuação é Ciências da Religião, minha linha de pesquisa é Cultura e Sistema Simbólico. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Caso não queira participar da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, ou no decorrer da mesma, você poderá entrar em contato comigo Waldir Cardoso da Silva pesquisador responsável nos telefones: (062) 3353-1603 ou (062) 8477-7356; ou com minha orientadora Irene Dias de Oliveira pelo telefone: (062) 3946-1673. Em casos de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, da qual sou aluno nos telefones: (062) 3946-1512 ou (062) 3946-1070.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA O projeto de pesquisa Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a Teshuvah, que realizamos junto ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, visa entender a experiência religiosa da Teshuvah, retorno às raízes judaicas, para isto elegemos como participantes desta pesquisa pessoas ligadas à Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA), expressão religiosa na qual esta experiência está sendo vivenciada. Este projeto tem como objetivo entender a Teshuvah como construção e legitimação da identidade judaica, por parte de uma comunidade pertencente ao contexto da cultura ocidental brasileira. A importância do projeto deve-se ao fato de que no campo acadêmico a experiência da Teshuvah ainda é pouco conhecida e estudada, carecendo de materiais acadêmicos e bibliográficos para colaborar com a comunidade científica interessada em tal temática. A obtenção de dados será por meio de observação participante e de entrevistas. Estas entrevistas serão feitas com os membros da CINA (homens e mulheres com idade mínima de 18 e máxima de 65 anos) totalizando no máximo de 09 entrevistados. A participação desses entrevistados (as) deverá consistir em, primeiro lugar, se dirigirem ao local preparado para a entrevista, depois ouvirão atentamente os termos que regem a mesma, em seguida, caso concordem com a realização da entrevista, assinem este documento. E, enfim, responderem ao questionário. Este é composto por 7 perguntas e estima-se que cada entrevistado (a) necessitará, em média, de 5 minutos para responder cada uma, completando a entrevista em aproximadamente 35 minutos. A sua participação na pesquisa será pautada na livre disposição, disponibilidade em contribuir para a mesma. É importante dizer que estas entrevistas serão gravadas e acompanhadas pelo registro

de imagens dessas pessoas caso as mesmas permitam. E, ainda, que não haverá nenhuma espécie de pagamento ou gratificação financeira aos entrevistados (as) desta pesquisa. Os entrevistados (as) terão acesso ao conteúdo das entrevistas que serão gravadas e manuseadas exclusivamente pelo pesquisador para fins acadêmicos (dissertação, artigos). As entrevistas poderão ser enviadas por meio eletrônico ou físico, segundo a escolha do participante da pesquisa para que possam concordar, acrescentar, objetar e autorizar o seu conteúdo. Você também deve ser consciente de que durante a entrevista pode ser que alguma memória, lembrança traga à tona algum mal estar e desconforto (físico e/ou emocional). Caso isto ocorra o pesquisador se propõe a prestar assistência integral e gratuita, e a pagar indenização por danos decorrentes da pesquisa, caso necessário, conforme estabelece a Resolução CNS No 466, de 12 de dezembro de 2012. Você também poderá ser beneficiado (a) por meio desta pesquisa na medida em que a mesma proporcionará maior visibilidade e reconhecimento das manifestações da sua comunidade, trazendo também reconhecimento legal e possíveis parcerias, que visem a preservação da mesma. Ademais, me comprometo pela garantia do sigilo de cada participante da pesquisa, assegurando-lhes absoluta privacidade quanto às informações confidenciais envolvidas na pesquisa. Volto a afirmar que os participantes da pesquisa dispõem de total liberdade para se recusarem ou interromperem a pesquisa a qualquer momento, sem que isso implique em qualquer penalidade ou qualquer prejuízo por parte dos participantes.

Waldir Cardoso da Silva, mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Pesquisador Responsável.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA
Eu, Deborah Augusta Vieira Mendes, portador do RG 343.134.112-10 e do CPF 842.943.438-00, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Congregação Israelita da Nova Aliança; vivendo a Teruahah como participante entrevistado. Foi devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador Waldir Cardoso da Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento, se for o caso). Goiânia, 18. Junho de 2015.



ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA: VIVENDO A TESHUVAH

DADOS DA PESQUISA:

Título da Pesquisa: CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA:

vivendo a Teshuvah.

Pesquisador: Waldir Cardoso da Silva

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado S.r. (a),

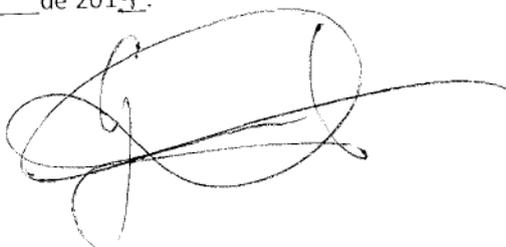
Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa. Meu nome é Waldir Cardoso da Silva, sou o pesquisador responsável e minha orientadora é a professora doutora Irene Dias de Oliveira e minha área de atuação é Ciências da Religião, minha linha de pesquisa é Cultura e Sistema Simbólico. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Caso não queira participar da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, ou no decorrer da mesma, você poderá entrar em contato comigo Waldir Cardoso da Silva pesquisador responsável nos telefones: (062) 3353-1603 ou (062) 8477-7256; ou com minha orientadora Irene Dias de Oliveira pelo telefone: (062) 3946-1673. Em casos de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, da qual sou aluno nos telefones: (062) 3946-1512 ou (062) 3946-1070.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA O projeto de pesquisa Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a *Teshuvah*, que realizamos junto ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, visa entender a experiência religiosa da *Teshuvah*, retorno às raízes judaicas, para isto elegemos como participantes desta pesquisa pessoas ligadas à Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA), expressão religiosa na qual esta experiência está sendo vivenciada. Este projeto tem como objetivo entender a *Teshuvah* como construção e legitimação da identidade judaica, por parte de uma comunidade pertencente ao contexto da cultura ocidental brasileira. A importância do projeto deve-se ao fato de que no campo acadêmico a experiência da *Teshuvah* ainda é pouco conhecida e estudada, carecendo de materiais acadêmicos e bibliográficos para colaborar com a comunidade científica interessada em tal temática. A obtenção de dados será por meio de observação participante e de entrevistas. Estas entrevistas serão feitas com os membros da CINA (homens e mulheres com idade mínima de 18 e máxima de 65 anos) totalizando no máximo de 09 entrevistados. A participação desses entrevistados (as) deverá consistir em, primeiro lugar, se dirigirem ao local preparado para a entrevista, depois ouvirão atentamente os termos que regem a mesma, em seguida, caso concordem com a realização da entrevista, assinarem este documento. E, enfim, responderem ao questionário. Este é composto por 7 perguntas e estima-se que cada entrevistado (a) necessitará, em média, de 5 minutos para responder cada uma, completando a entrevista em aproximadamente 35 minutos. A sua participação na pesquisa será pautada na livre disposição, disponibilidade em contribuir para a mesma. É importante dizer que estas entrevistas serão gravadas e acompanhadas pelo registro

de imagens dessas pessoas caso as mesmas permitam. E, ainda, que não haverá nenhuma espécie de pagamento ou gratificação financeira aos entrevistados (as) desta pesquisa. Os entrevistados (as) terão acesso ao conteúdo das entrevistas que serão gravadas e manuseadas exclusivamente pelo pesquisador para fins acadêmicos (dissertação, artigos). As entrevistas poderão ser enviadas por meio eletrônico ou físico, segundo a escolha do participante da pesquisa para que possam concordar, acrescentar, objetar e autorizar o seu conteúdo. Você também deve ser consciente de que durante a entrevista pode ser que alguma memória, lembrança traga à tona algum mal estar e desconforto (físico e/ou emocional). Caso isto ocorra o pesquisador se propõe a prestar assistência integral e gratuita, e a pagar indenização por danos decorrentes da pesquisa, caso necessário, conforme estabelece a Resolução CNS No 466, de 12 de dezembro de 2012. Você também poderá ser beneficiado (a) por meio desta pesquisa na medida em que a mesma proporcionará maior visibilidade e reconhecimento das manifestações da sua comunidade, trazendo assim reconhecimento legal e possíveis parcerias, que visem a preservação da mesma. Ademais, me comprometo pela garantia do sigilo de cada participante da pesquisa, assegurando-lhes absoluta privacidade quanto às informações confidenciais envolvidas na pesquisa. Volto a afirmar que os participantes da pesquisa dispõem de total liberdade para se recusarem ou interromperem a pesquisa a qualquer momento, sem que isso implique em qualquer penalidade ou qualquer prejuízo por parte dos participantes.

Waldir Cardoso da Silva, mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Pesquisador Responsável.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA
 Eu, Guilherme Gustavo Santos Silva, portador do RG 4116121 SSP-GO e do
 CPF 0.21612.011-11, abaixo assinado, concordo em participar do estudo
 Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a *Teshuvah* como participante entrevistado.
 Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador Waldir Cardoso da Silva
 sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e
 benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu
 consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção
 de meu acompanhamento/assistência/tratamento, se for o caso). Goiânia,
18 de Abril de 2015.



ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA: VIVENDO A TESHUVAH

DADOS DA PESQUISA:

Título da Pesquisa: CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA:
vivendo a Teshuvah.

Pesquisador: Waldir Cardoso da Silva

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado S.r. (a),

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa. Meu nome é Waldir Cardoso da Silva, sou o pesquisador responsável e minha orientadora é a professora doutora Irene Dias de Oliveira e minha área de atuação é Ciências da Religião, minha linha de pesquisa é Cultura e Sistema Simbólico. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Caso não queira participar da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, ou no decorrer da mesma, você poderá entrar em contato comigo Waldir Cardoso da Silva pesquisador responsável nos telefones: (062) 3353-1603 ou (062) 8477-7256; ou com minha orientadora Irene Dias de Oliveira pelo telefone: (062) 3946-1673. Em casos de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, da qual sou aluno nos telefones: (062) 3946-1512 ou (062) 3946-1070.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA O projeto de pesquisa Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a *Teshuvah*, que realizamos junto ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, visa entender a experiência religiosa da *Teshuvah*, retorno às raízes judaicas, para isto elegemos como participantes desta pesquisa pessoas ligadas à Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA), expressão religiosa na qual esta experiência está sendo vivenciada. Este projeto tem como objetivo entender a *Teshuvah* como construção e legitimação da identidade judaica, por parte de uma comunidade pertencente ao contexto da cultura ocidental brasileira. A importância do projeto deve-se ao fato de que no campo acadêmico a experiência da *Teshuvah* ainda é pouco conhecida e estudada, carecendo de materiais acadêmicos e bibliográficos para colaborar com a comunidade científica interessada em tal temática. A obtenção de dados será por meio de observação participante e de entrevistas. Estas entrevistas serão feitas com os membros da CINA (homens e mulheres com idade mínima de 18 e máxima de 65 anos) totalizando no máximo de 09 entrevistados. A participação desses entrevistados (as) deverá consistir em, primeiro lugar, se dirigirem ao local preparado para a entrevista, depois ouvirão atentamente os termos que regem a mesma, em seguida, caso concordem com a realização da entrevista, assinarem este documento. E, enfim, responderem ao questionário. Este é composto por 7 perguntas e estima-se que cada entrevistado (a) necessitará, em média, de 5 minutos para responder cada uma, completando a entrevista em aproximadamente 35 minutos. A sua participação na pesquisa será pautada na livre disposição, disponibilidade em contribuir para a mesma. É importante dizer que estas entrevistas serão gravadas e acompanhadas pelo registro

de imagens dessas pessoas caso as mesmas permitam. E, ainda, que não haverá nenhuma espécie de pagamento ou gratificação financeira aos entrevistados (as) desta pesquisa. Os entrevistados (as) terão acesso ao conteúdo das entrevistas que serão gravadas e manuseadas exclusivamente pelo pesquisador para fins acadêmicos (dissertação, artigos). As entrevistas poderão ser enviadas por meio eletrônico ou físico, segundo a escolha do participante da pesquisa para que possam concordar, acrescentar, objetar e autorizar o seu conteúdo. Você também deve ser consciente de que durante a entrevista pode ser que alguma memória, lembrança traga à tona algum mal estar e desconforto (físico e/ou emocional). Caso isto ocorra o pesquisador se propõe a prestar assistência integral e gratuita, e a pagar indenização por danos decorrentes da pesquisa, caso necessário, conforme estabelece a Resolução CNS No 466, de 12 de dezembro de 2012. Você também poderá ser beneficiado (a) por meio desta pesquisa na medida em que a mesma proporcionará maior visibilidade e reconhecimento das manifestações da sua comunidade, trazendo assim reconhecimento legal e possíveis parcerias, que visem a preservação da mesma. Ademais, me comprometo pela garantia do sigilo de cada participante da pesquisa, assegurando-lhes absoluta privacidade quanto às informações confidenciais envolvidas na pesquisa. Volto a afirmar que os participantes da pesquisa dispõem de total liberdade para se recusarem ou interromperem a pesquisa a qualquer momento, sem que isso implique em qualquer penalidade ou qualquer prejuízo por parte dos participantes.

Waldir Cardoso da Silva, mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Pesquisador Responsável.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA
 Eu, Waldemar de L. Silva, portador do RG 5.372.211.352-70 e do CPF 912241352-70, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a *Teshuvah* como participante entrevistado. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador Waldir Cardoso da Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento, se for o caso). Goiânia, 18. Abril de 2015.



ANEXO E - ROTEIRO DA ENTREVISTA

DADOS DA PESQUISA:

Título da Pesquisa: CONGREGAÇÃO ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA:

vivendo a Teshuvah.

Pesquisador: Waldir Cardoso da Silva

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- O pesquisador responsável, juntamente como o líder da comunidade de Goiânia Sandoval Pereira (Rosh Yaakov Ben Yisrael), escolherão e prepararão o local adequado para a realização da entrevista.
- Os mesmos deverão selecionar os participantes, em no máximo nove entrevistados (as), e definirão a sequências dos depoimentos;
- O entrevistado (a) será convidado, oportunamente, a se dirigir ao local preparado para a entrevista;
- O entrevistado (a) deverá ouvir atentamente os esclarecimentos e as informações sobre a pesquisa.
- No caso de aceitar fazer parte do estudo, o entrevistado (a) assinará o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) que estará em duas vias. Uma delas ficará com ele e a outra com o pesquisador responsável.
- Caso o entrevistado (a) permita, o pesquisador responsável tirará uma foto dele para registro.
- O pesquisador responsável ligará o gravador e começará a entrevista.
- O entrevistado (a) passará a responder as perguntas. Estas serão compostas por 7 questões e estima-se que cada entrevistado (a) necessitará, em média, de 5 minutos para responder cada uma, completando a entrevista em aproximadamente 35 minutos.
- O pesquisador agradecerá a participação e chamará o próximo entrevistado.

ANEXO F - FORMULÁRIO

Resumo

O objetivo da pesquisa é compreender a experiência religiosa da *Teshuvah* (retorno às raízes judaicas) iniciada em Curitiba no ano de 2004, no seio de uma instituição religiosa com crenças análogas às cristãs, a Igreja de Deus (7º Dia). Por consequência de tal experiência este grupo passou a se identificar mais com o judaísmo e adotou a denominação Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA). Trata-se de um estudo de caso da *Teshuvah* vivenciada por membros da CINA, que os coloca em uma fronteira cultural entre o judaísmo e o cristianismo. A *Teshuvah* propõe o retorno à fé e prática da Kerilah (Igreja) do primeiro século, sendo, portanto paradoxalmente moderna e tradicional. No mundo da globalização este encontro entre o moderno e o tradicional não é incomum. Os meios tecnológicos utilizados para a transmissão da mensagem da *Teshuvah* têm alcançado resultados comemorados por sua liderança. Esta afirma que pretende fazer mais investimentos. A CINA não vê na ciência e na tecnologia um mal, como muitos religiosos, mas sim como instrumentos para a divulgação de sua mensagem.

Introdução

A Congregação Israelita da Nova Aliança (CINA) é uma instituição religiosa que adotou esta denominação no ano de 2004, quando passou a vivenciar o processo de *Teshuvah* (retorno às raízes judaicas). Esta experiência, que diferencia este segmento entre as religiões e religiosidades brasileiras e internacionais, iniciou-se no seio de uma instituição religiosa, com crenças e doutrinas análogas às cristãs, a Igreja de Deus do Sétimo Dia (IDSD), com sede na cidade de Curitiba, cidade esta que abriga a atual sede da CINA. Em Goiânia a CINA mantém um grupo de estudo que se reúne em prédio próprio situado na Avenida Gameleira, Qd X 20, lote 3, s/n setor Jardim Brasil, ao lado do Condomínio Alfaville. A Congregação Israelita da Nova Aliança divulga, por meio de vários espaços midiáticos, prédicas, ensinamentos e interpretações da Bíblia, que têm marcas explicitamente exclusivistas. Seus discursos, geralmente, soam provocativos, irônicos e arrogantes aos que são vinculados a outras denominações religiosas. Por exemplo, o Programa Israelita da Nova Aliança que foi transmitido, por cerca de oito anos, para todo o país via satélite e captados

pelas antenas parabólicas. Através da TV e de outras formas de divulgação a CINA conquistou prosélitos em várias cidades brasileiras e países vizinhos. Hoje, ela não mais veicula o programa de TV, está concentrando esforços em promover a experiência da *Teshuvah* em outros grupos religiosos da África, Caribe e Estados Unidos. Atualmente os seus investimentos prioritários são na TV Israelita, que transmite a sua mensagem religiosa pela rede mundial de computadores e que tem alcance global, e nas viagens internacionais com o fito de levar a *Teshuvah* para outras regiões do mundo.

Hipótese

Parte-se do pressuposto que a experiência da *Teshuvah*, vivenciada pelos membros da Congregação Israelita da Nova Aliança, é uma busca por uma identificação com o judaísmo que acaba distanciando-os da identidade cristã. Neste processo de *Teshuvah* os membros desta comunidade procuram legitimar a identidade judaica se apropriando não apenas do sistema simbólico do judaísmo, mas de toda a sua cultura e tradição.

Objetivo Primário

A pesquisa visa entender a experiência religiosa da *Teshuvah* como construção e legitimação da identidade judaica, por parte de uma comunidade pertencente ao contexto da cultura ocidental brasileira.

Objetivo Secundário

- Investigar como a experiência da *Teshuvah* distingue a comunidade que a adota no contexto do cristianismo e do judaísmo;
- Averiguar como as mudanças derivadas do processo de *Teshuvah* afetam o cotidiano dos membros da CINA, como por exemplos: no casamento; na criação dos filhos; na educação formal; e em sua participação no mercado de trabalho;

Metodologia Proposta

A pesquisa será um estudo de caso da expressão religiosa Congregação Israelita da Nova Aliança. Para cumprir com o objetivo de investigar a *Teshuvah* propõe-se como procedimento metodológico a análise de material empírico que será obtido através da observação dos serviços religiosos transmitidos ao vivo pela internet, direto da sede da CINA em Curitiba, ou assistidos pessoalmente pelo pesquisador na Beit (templo) de Goiânia localizada na Avenida Gameleira, Qd X 20, lote 3, s/n setor Jardim Brasil, ao lado do Condomínio Alfaville. Serão observados os aspectos ritualísticos dessa religião, assim como aspectos identitários a exemplo de rituais de iniciação e de passagem comparando-os com rituais judaicos tradicionais. Serão analisados também os conteúdos divulgados por meio do site www.israelitas.com.br, por materiais impressos ou audiovisuais, incluindo o Programa Israelita da Nova Aliança que foi transmitido, durante oito anos, pela TV aberta, via antenas parabólicas. Por meio destes espaços midiáticos pretende-se colher informações referentes a aspectos históricos e identitários desta expressão religiosa. A metodologia deste trabalho consistirá na leitura crítica dos discursos orais e escritos que têm sido divulgados nos espaços midiáticos citados. A CINA tem usado com competência os espaços midiáticos divulgando conteúdos que serão fontes essenciais para esta pesquisa, já que, registram e explicam a experiência da *Teshuvah*. Igualmente relevante para esta pesquisa serão os depoimentos de um líder e de oito membros desta instituição que defendem e vivem a *Teshuvah*. Todos os participantes selecionados estarão na faixa etária entre dezoito e sessenta e cinco anos. Tais entrevistas serão realizadas no intuito de entender como as mudanças resultantes do processo de *Teshuvah* afetam o cotidiano dos membros, por exemplo, no casamento; na criação dos filhos; na educação formal; e em sua participação no mercado de trabalho. As entrevistas serão realizadas na sede da comunidade em Goiânia, nos dias escolhidos pelos próprios adeptos, em ambiente que garanta a confidencialidade dos depoimentos. Antes de iniciar a coleta dos depoimentos, o entrevistador lerá o TCLE contendo as informações relativas as reponsabilidades do pesquisador, bem como, aos direitos e deveres do participantes.

As entrevistas terão como base as seguintes questões:

1. Há quanto tempo você participa da CINA e qual era a sua religião anterior?

2. A CINA é a única religião verdadeira? Só existe salvação para os Judeus?
3. O que é ser um israelita da nova aliança? Você se sente um judeu? Você se sente um cristão?
4. A *Teshuvah* mudou alguma coisa no seu estudo? Como, o quê?
5. A *Teshuvah* mudou alguma coisa no seu trabalho? Como? Em quê?
6. *Teshuvah* mudou a forma de você educar e se relacionar com seus filhos? Como? Em quê?
7. A *Teshuvah* mudou o seu casamento? Como? Em quê?

Critério de Inclusão

Pertencer a comunidade da Congregação Israelita da Nova Aliança, ter acima de 18 anos e menos de 65 anos.

Critério de exclusão

Não pertencer a comunidade da Congregação Israelita da Nova Aliança, ter menos de 18 anos e acima de 65 anos.

Riscos

Avaliamos que a pesquisa não envolve maiores riscos. Contudo sabe-se que as lembranças de um ser humano nem sempre são amenas e agradáveis, revisitá-las pode causar alguns constrangimentos e desconfortos. Por tanto, ao entrevistar os participantes o pesquisador o fará de forma prudente, procurando evitar que os entrevistados revivam algum trauma, caso ocorra algum constrangimento, mal estar psíquico, físico e emocional serão prestados o apoio e assistência necessária.

Benefícios

Para a academia a pesquisa proposta pode trazer à tona uma nova experiência religiosa vivenciada no Brasil. A experiência da *Teshuvah*, sendo ainda pouco conhecida e

estudada, carece de materiais acadêmicos e bibliográficos para colaborar com a comunidade científica interessada em tal temática.

A comunidade poderá ser beneficiada ao ter acesso aos resultados da pesquisa o que poderá servir para a reflexão sobre sua história, prática e evolução doutrinária.

É notório que a falta de conhecimento leva a juízos prévios, injustificados e próprios do senso comum. Em vista disto, este trabalho pode trazer um benefício referente à esfera social: espera-se que a pesquisa aqui proposta, quando efetivamente realizada e divulgada, possa contribuir para que o leitor conheça a experiência da *Teshuvah* e que assim este conhecimento sirva para combater o preconceito em relação aos diversos grupos judaicos tradicionais e aos demais grupos que estão aderindo a tal experiência.

Metodologia de análise de dados

Os dados, colhidos através dos discursos divulgados em diversos espaços midiáticos, nos serviços religiosos transmitidos pela internet ou observações no local de culto e ainda obtidos através das entrevistas, serão analisados de forma qualitativa, com o objetivo de responder as questões levantadas, através do referencial teórico estudados.

Desfecho Primário

Compreender a experiência da *Teshuvah*, através dos discursos, da prática, das referências culturais, identitárias e representativas da Congregação Israelita da Nova Aliança e os elementos que são acionados para legitimar a identidade judaica construída pelos membros desta comunidade.

Desfecho Secundário

Conhecer como a *Teshuvah*, uma experiência religiosa brasileira recente que ainda não foi estudada no meio acadêmico, traz impactos expressivos na vida dos membros da expressão religiosa na qual ela está sendo vivenciada.

ANEXO G - QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

1. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ PARTICIPA DA CINA E QUAL ERA A SUA RELIGIÃO ANTERIOR?
2. A CINA É A ÚNICA RELIGIÃO VERDADEIRA? SÓ EXISTE SALVAÇÃO PARA OS JUDEUS?
3. O QUE É SER UM ISRAELITA DA NOVA ALIANÇA? VOCÊ SE SENTE UM JUDEU? VOCÊ SE SENTE UM CRISTÃO?
4. A *TESHUVAH* MUDOU ALGUMA COISA NO SEU ESTUDO (ESCOLA, COLÉGIO, FACULDADE)? COMO, O QUÊ?
5. A *TESHUVAH* MUDOU ALGUMA COISA NO SEU TRABALHO? COMO? EM QUÊ?
6. A *TESHUVAH* MUDOU A FORMA DE VOCÊ EDUCAR E SE RELACIONAR COM SEUS FILHOS? COMO? EM QUÊ?
7. A *TESHUVAH* MUDOU O SEU CASAMENTO? COMO? EM QUÊ?

ANEXO H - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PESQUISA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, Sandoval Pereira (Rosh Yaakov Ben Yisrael), líder local da Congregação Israelita da Nova Aliança em Goiânia, localizada na Avenida Gameleira, Qd X 20, lote 3, s/n setor Jardim Brasil, declaro ter ciência da pesquisa Congregação Israelita da Nova Aliança: vivendo a *Teshuvah*, de responsabilidade do pesquisador Waldir Cardoso da Silva, mestrando em Ciências da Religião da PUC Goiás. Também declaro que autorizo a execução da pesquisa e que colaborarei com a realização da mesma.

Sandoval Pereira

Goiânia, 02 de outubro 2014.


Congregação Israelita
da Nova Aliança
Rosh: Yaakov Ben Israel
Nome Civil: Sandoval P. de Almeida Neto